STEVEN FURTICK
PASTOR FUNDADOR DA ELEVATION CHURCH

(DES)QUALIFICADO

COMO DEUS USA PESSOAS QUEBRADAS PARA COISAS GRANDES

inspire

Elogios a (Des)Qualificado

“O livro *(Des)Qualificado* vai levá-lo da dúvida e insegurança à renovação da confiança no Deus que o chamou e equipou para Sua vontade e propósito.”

— JOYCE MEYER, mestre em Bíblia e autora best-seller, segundo o *New York Times*

“Deus não chama os capacitados. Ele capacita os escolhidos. Este livro vai transformá-lo e encorajá-lo a uma vida marcada pela dependência da oração e pela determinação — sua vida nunca mais será a mesma.”

— MARK BATTERSON, pastor líder da igreja National Community, Washington, DC, e autor best-seller de *The Circle Maker*

“O pastor Steven não apenas deu voz à dor que frequentemente empurramos goela abaixo quando alguém nos faz sentir que não somos bons o suficiente, como também nos direciona ao Único que pode verdadeiramente medir nosso potencial. O livro *(Des)Qualificado* irá mostrar-lhe, de forma estratégica e bíblica, que, mesmo quando passamos despercebidos pelas pessoas, somos escolhidos a dedo por Deus para ser parte de Seu magnífico plano. Esta é uma mensagem tão necessária hoje em dia!”

— LYSA TERKEURST, presidente do Proverbs 31 Ministries e autora best-seller, segundo o *New York Times*

“Frequentemente abraçamos a falácia de que nosso sucesso depende exclusivamente de nossas qualificações. Que nós, e apenas nós, somos os arquitetos de nossas vitórias e da moldura do nosso futuro. Eu estou no ministério há bastante tempo para saber que Deus ama usar os mais improváveis para cumprirem Seus propósitos e que nossas habilidades são sempre secundárias em Seu chamado. Em *(Des)Qualificado*, pastor Steven Furtick nos mostra como nos aliarmos e participarmos do chamado de Deus para nossas vidas, independentemente de quem somos, onde estamos ou do que pensamos ter falta.”

— Bispo T.D. Jakes, fundador e pastor sênior da The Potter's House, Dallas, e autor best-seller, segundo o *New York Times*

"Praticamente todos que eu conheço lutam contra sentimentos de insegurança, indignidade e dúvida. Eu sei que eu luto. Por isso que o livro transformador do pastor Steven, *(Des)Qualificado*, é de leitura imprescindível. Este livro carregado de poder vai transformar sua fé, mexer com seus sonhos e ajudá-lo a ver a si mesmo como Deus o vê. Se você já lutou contra o sentimento de incapacitação, despreparo ou insegurança, pegue este livro transformador e inspire-se, pois Deus usa pessoas quebradas para fazer coisas grandes."

— Craig Groeschel, pastor sênior da Life.Church e autor de *#Naluta - Seguindo Jesus em um Mundo Voltado para Si Mesmo pelas Lentes de uma Selfie*

"Meu amigo Steven Furtick é uma das pessoas mais apaixonadas e autênticas que eu conheço. Seu amor por Deus e pelas pessoas é, no mínimo, inspirador. O livro *(Des)Qualificado,* do pastor Steven, é de leitura obrigatória para qualquer seguidor de Jesus. Neste livro, ele revela como nossa tendência em focar nas falhas, e principalmente nos erros, causa um curto-circuito em nosso chamado. Mas, além disso, ele nos aponta para um relacionamento pessoal com Jesus, Aquele que nos chama, equipa e nos leva aos nossos destinos."

— Judah Smith, pastor líder da Churchome, Seattle, e autor best-seller de *Jesus é* _____

"Todos os humanos se esforçam para serem mais fortes do que realmente são, melhores do que realmente são e mais do que realmente são. Isso não é ruim… mas simplesmente não funciona. E como Steven mostra, isso nos distancia ainda mais de quem somos e de quem desejamos ser. Este livro o ajudará a ficar mais confortável em sua própria pele, parar com esse esforço e ver a verdade de como o poder de Deus flui quando conseguimos ser honestos."

— Dr. Henry Cloud, psicólogo clínico, aclamado perito em liderança e autor best-seller

“Em um mundo distraído e enamorado com as qualidades externas, o livro do pastor Steven é um lembrete revigorante de que Deus olha o coração. Quando respondemos a Ele em humildade e fé, Seu poder torna até mesmo nossas fraquezas em força. Estou tão empolgada com o que Deus irá fazer em sua vida quando ler e experimentar os princípios deste livro! Irá transformar o modo com que você vê a si mesmo, como fala de si mesmo e, até mesmo, o jeito como ora por si mesmo!”

— Christine Caine, evangelista, autora e fundadora da A21 Campaign

“Em *(Des)Qualificado*, meu amigo Steven Furtick nos lembra que o sistema classificatório de Deus é bem diferente do nosso. Se você é, ao menos, um pouco parecido comigo, isso é um ótimo lembrete e um grande alívio. Nestas páginas inspiradoras, Steven fala verdades fortes e úteis de forma humilde e honesta. Ele nos encoraja a deixarmos os rótulos que colocamos em nós mesmos e a viver na revelação de um Deus que transforma até nossas fraquezas em forças. Este livro brilhante fez muito sentido para mim, e eu sei que fará para você também.”

— Matt Redman, líder de louvor e compositor vencedor do Grammy

“Ver o ministério do pastor Steven Furtick é ver alguém vivendo em sua zona de graça. Ele é um comunicador excepcional, um edificador de igreja apaixonado e um amante da verdade. Não tenho dúvidas de que sua obra mais recente, *(Des)Qualificado*, fará sentido para todos aqueles que já sentiram o arranque do chamado e a inadequação de sua própria humanidade. Este livro o encorajará e o fortalecerá em sua jornada.”

— Brian Houston, fundador e pastor sênior global da Hillsong Church e autor best-seller internacional de *Viva, Ame, Lidere*

“Em uma cultura obcecada por percepção e perfeição, *(Des)Qualificado* é um lembrete refrescante de que Deus usa nossas fraquezas a nosso favor. O livro mais recente de Steven Furtick é honesto, prático e minuciosamente encorajador, e eu fortemente recomendo. Ele irá ajudá-lo a ver-se com mais fé e coragem do que nunca antes.”

— Andy Stanley, pastor sênior da North Point Ministries, Atlanta

(DES) QUALIFICADO

COMO DEUS USA PESSOAS QUEBRADAS PARA COISAS GRANDES

STEVEN FURTICK
PASTOR FUNDADOR DA ELEVATION CHURCH

(DES)QUALIFICADO

COMO DEUS USA PESSOAS **QUEBRADAS** PARA COISAS **GRANDES**

inspire

Traduzido do inglês *(Un)Qualified*
Copyright © 2019 por Steven Furtick

Publicado nos Estados Unidos por Multnomah, uma editora de Th e Crown Publishing Group, uma divisão de Penguin Random House LLC, New York.

Todos os direitos reservados. Todas as citações bíblicas foram extraídas da Nova Versão Internacional (NVI), salvo indicação em contrário. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, distribuída ou transmitida sob qualquer forma ou meio, ou armazenada em base de dados ou sistema de recuperação sem a autorização prévia por escrito da Editora Inspire.

Tradução publicada em acordo com Multnomah, uma editora de Th e Crown Publishing Group, uma divisão de Penguin Random House LLC, New York.

1ª edição em Português © 2019 por Editora Inspire, setembro de 2019.
Rua Euclides Miragaia, 548, São José dos Campos – SP.
CEP 12245-820
www.editorainspire.com.br

Direção editorial: Mariana Ceruks Madaleno
Coordenação editorial: Viviane L. Rabello e Raquel Sabbag
Tradução: Mariana Abrahão de Sousa
Revisão: Pedro Pinto
Capa: BZL Studio
Diagramação e projeto gráfico: Felipe Cavalcanti
Impressão: Copiart
Produção de ebook: S2 Books

Furtick, Steven.
F992d (Des)Qualificado [recurso eletrônico] : como Deus usa pessoas quebradas para coisas grandes / Steven Furtick; tradução Mariana Abrahão de Sousa. – São José dos Campos, SP: Inspire, 2020.
Formato: ePUB
Requisitos de sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
Título original: (Un)Qualified: how God uses broken people to do big things
ISBN 978-65-86516-06-7

1. Autorrealização (Psicologia) – Aspectos religiosos – Cristianismo. 2. Fracasso (Psicologia) – Aspectos religiosos. 3.Sucesso – Aspectos religiosos. I. Título.

CDD 248.4

Dedico este livro ao Max.
Você é o melhor, cara!

ÍNDICE

Capa

Folha de rosto

Créditos

Dedicatória

1. Desqualificado

A terceira palavra

- 2. O jogo do nome
- 3. É complicado
- 4. Sendo franco
- 5. Um novo modo de usar o nome de Deus

Aceitar para trocar

- 6. O oposto de Deus
- 7. A arma secreta do céu
- 8. Mudando a mudança

O Deus de Jacó

- 9. O poder do Crisco
- 10. Me chame de Jacó
- 11. >O problema do pinterest
- 12. Alcançando a marca

Epílogo

Agradecimentos

Notas

Há uma rachadura em tudo.
É assim que a luz entra.

Leonard Cohen


1

DESQUALIFICADO

O que vem à sua mente quando você ouve o nome Steven Furtick?”, perguntou o entrevistador ao renomado teólogo.

Ei, eles estão falando de mim!

Eu corri de volta para a sala onde o vídeo estava passando, secretamente empolgado por estar no centro das atenções. Eu havia lido o livro daquele cara sobre ministérios durante o meu seminário, então eu estava um tanto quanto lisonjeado com o fato dele saber meu nome. Não nos conhecíamos pessoalmente.

Eu descobri essa entrevista em particular, da forma com que normalmente descobrimos a maioria dos vídeos do YouTube — ao cair em queda-livre no abismo que é a barra lateral de “recomendado para você”. Após clicar no vídeo, eu saia para me arrumar para ir à igreja. Eu era capaz de escutar a entrevista no fundo, mas eu não estava realmente ouvindo.

Até que, do nada, eu ouvi aquele mais belo som de todos: meu próprio nome. É sempre ótimo ser reconhecido.

Exceto quando não é.

“O que vem à sua mente quando você ouve o nome Steven Furtick?”

O teólogo suspirou e abaixou sua cabeça, indicando que a mera consideração do meu nome era algo cansativo. Isso fez com que a audiência risse baixinho. Aparentemente eles já sabiam que ele não era meu fã.

Longa e dolorosa pausa. Careta agonizante. Encarada de dar frio na espinha.

Então o veredito:

“Desqualificado.”

Ele entregou as seis sílabas com um desprezo que ressaltou a gravidade e a finalidade de seu pronunciamento. Faltou somente o som do martelo no momento daquele veredito.

Sem elaboração. Sem explicação. Sem qualificadores. Toda minha vida e ministério foram resumidos em uma única palavra.

E abruptamente a entrevista continuou.

Desqualificado?

Aquela palavra começou a dar voltas em minha cabeça. Era estranho, pois parte de mim gostaria de sair em minha defesa (contra o YouTube?), mas a outra parte estava pensando: *Amigo, você não sabe metade da história.*

Sim, eu luto — com meu temperamento, com meu foco, com meus motivos, com meus hábitos alimentares, com minha vida de oração, com meu estado mental. E esta lista nem arranha a superfície.

Eu conheço minhas fraquezas e falhas melhor do que ninguém. Eu não preciso ouvir uma entrevista online para sentir-me desqualificado. Dificilmente um dia se vai em que eu não seja capturado pela sensação de que eu não deveria estar fazendo o que estou fazendo. De que estou indo muito além da minha alçada. De que eu não mereço nenhuma das minhas bênçãos ou oportunidades.

Se sou desqualificado?

Este livro é a resposta para esta pergunta. Eu não o estou escrevendo como uma reação àquela entrevista aleatória no YouTube. Estou fazendo esta pergunta a mim mesmo durante toda a minha vida. E talvez você também.

Quando comecei a jornada que está por trás deste livro, eu queria finalmente poder entender como ter uma resposta para aquela pergunta dentro de mim. Eu queria saber se aquele teólogo estava correto. Precisava saber se os sussurros de dúvidas que regularmente estrondavam em minha cabeça eram demônios interiores a serem ignorados — ou sinais de alerta a serem atendidos. Se eu deveria assumir minhas responsabilidades com confiança em meu chamado — ou entrar em pânico e me esconder antes que eu estragasse tudo.

Em um momento ou outro, você provavelmente já se sentiu desqualificado. Talvez você não tenha tido o duvidoso privilégio de ter sido avisado do fato pelo YouTube, mas você sabia que era verdade mesmo assim.

Eu acho que todos nós, secretamente, lutamos contra sentimentos de inadequação, insuficiência e incompetência. Imaginamos se realmente estamos à altura do desafio. Tememos não ser “suficientes” — independentemente de como isso se pareça na situação particular de cada um de nós.

Talvez o problema esteja em seu caráter. Existe uma falha, uma rachadura ou uma deficiência em que você tenta fazer o seu melhor para esconder. Pode ser luxúria. Pode ser ira. Pode ser um vício. Mesmo que esteja no passado, você pode estar vivendo com o medo secreto de que um dia tudo isso voltará em fúria e destruirá o que você está construindo.

Talvez seja o seu papel como um pai ou uma mãe. No seu local de trabalho você tem tudo sob controle. Você consegue comprar, vender e trocar com o que existe de melhor, mas sua vida familiar é outra história. Você não tem ideia de como criar seu adolescente, e você se sente perigosamente despreparado.

Ou talvez você saiba que algo profundo em sua alma está impulsionando você no ministério. Não necessariamente o tempo todo, mas algo significativo. Você deve ser um líder, alguém que toma decisões, alguém que assume riscos. Mas seu histórico está longe de ser impecável. E o pensamento de se expor é petrificante. E se você falhar? E se suas falhas naufragarem outros ao longo do caminho?

Muitas pessoas passam toda a vida lutando contra essas contradições. Elas lidam constantemente com vozes em suas mentes que lhes dizem que elas não são qualificadas, de que nunca serão qualificadas, que elas são totalmente, epicamente *desqualificadas.*

Eu escrevi um livro chamado *Crash the Chatterbox* a respeito de como resolver os pensamentos negativos. Mas esse livro não é apenas sobre mudar o barulho que assola sua mente ou o que sai de sua boca. É sobre entender quem nós realmente somos *agora* para que possamos ser quem somos capazes de nos *tornar.* É sobre descascar impiedosamente os preconceitos e suposições que construímos sobre nós mesmos. É sobre permitir que Deus seja nossa fonte de suficiência.

Eu tenho boas notícias! Se você olhar para os grandes homens e mulheres das Escrituras, encontrará um denominador comum: *todos* eles não eram qualificados. Deus tem o hábito de escolher pessoas que foram preteridas.

PASSAR OU FALHAR

Você já pensou sobre quem — ou o que — verdadeiramente tem a habilidade de qualificá-lo? Quem possui o direito final de determinar se você é um sucesso ou um fracasso?

Não é tão simples como parece.

Pense, por exemplo, sobre o primeiro sistema de qualificação que a maioria de nós experimentou na vida: notas. Escolas investem uma enorme quantidade de dinheiro e de mão de obra para desenvolver padrões e testes. Elas tentam resumir o progresso acadêmico dos alunos utilizando um sistema universal de letras ou números.

Talvez você esteja fora da escola faz algum tempo, mas você se lembra de quando seu universo girava em torno das notas? Ou talvez não girasse, mas seus pais pensavam que deveria girar, o que, no caso, fazia com que o dia da entrega do boletim provavelmente fosse assustador. Era basicamente uma pré-estreia do Dia do Julgamento Final, menos os querubins e o grande trono branco.

Como você se sentia quando tirava uma nota azul? Provavelmente aliviado. Seus pais ficavam felizes. A vida voltava ao normal.

Mas pense sobre isso. Aquela nota significava que você aprendeu a matéria? Ou só que você era bom em passar nas provas — ou talvez em trapacear nas provas? Ou, ainda mais importante, a sua nota mostrava que você realmente sabia como aplicar o que tinha aprendido?

Ou talvez você tirasse uma nota vermelha. Isso significava que você iria falhar na vida? O fato de você datar a Revolução Americana antes da chegada de Colombo ou de ter esquecido como é uma equação do segundo grau ou de pensar que a tabela periódica tem algo a ver com pontuação esportiva realmente o condena a uma existência inferior?

A maioria de nós já viveu tempo suficiente para saber que aquela letrinha pequena ou aquele número das notas é importante, mas não é a palavra final. Nem perto disso. A história está cheia de estudantes que largaram a escola, desde Abraham Lincoln até Walt Disney e Bill Gates.

Todo esse negócio de julgar, avaliar e qualificar um ao outro não termina na escola. Está profundamente arraigado em nossa cultura e na nossa psique. Basta olhar nossos clichês:

Passar na prova.

Ganhar uma partida.
Ficar para trás.
Estar à altura.
Ser aprovado.
Fazer por merecer.
Cumprir seus deveres.

Constantemente analisamos e resumimos uns aos outros. Comparamos as pessoas com nossos padrões — falados ou não falados — para ver se eles estão à altura. Então nós os aceitamos ou os rejeitamos; nós os exaltamos ou os criticamos; nós os reverenciamos ou os ridicularizamos. Todos nós secretamente ministramos exames na universidade de nossas próprias opiniões.

Mas, assim como nas notas da escola, nossas avaliações normalmente não contam toda a história. Elas são artificiais, tentativas limitadas de quantificar algo que não pode ser realmente reduzido a um número, uma letra, ou uma palavra.

Mas continuamos tentando. Pois somos humanos, e é isso que sabemos fazer.

Basicamente, nós tendemos a qualificar as pessoas baseados no *caráter* e na *competência.*

Caráter se refere a quem nós somos. Não apenas nossos nomes ou nacionalidades, mas nossas personalidades, nossa moral, nossos valores, nossa maquiagem emocional, o que curtimos e o que não curtimos, nossos gostos, nossos modos — e a lista continua.

Competência se refere ao que fazemos. É a complexa soma de treinamento, conquistas, talentos, atividades e potencial. Trata-se do quão bom somos no que fazemos e do quanto nós conquistamos.

Nossa competência, normalmente, é colocada em muito maior evidência do que o nosso caráter. O que *fazemos* vira manchete. Enche as páginas de nossos currículos. Está tão intrincadamente conectada à nossa identidade que nós, muitas vezes, pensamos que realmente é nossa identidade.

Mais cedo ou mais tarde, no entanto, nosso caráter ri por último. As pessoas podem nos contratar e utilizar nossos serviços devido às coisas que sabemos fazer, mas elas nos aceitam e gostam de nós por aquilo que somos. E, no fim das

contas, é claro, quem nós somos determina o que fazemos. Você pode fingir somente até o momento em que o seu verdadeiro eu aparece.

No instante em que conhecemos uma pessoa nova, nós medimos aquela pessoa. Não fazemos isso conscientemente na maior parte do tempo. E isso não é necessariamente algo ruim. Nós automaticamente juntamos provas sobre o caráter e a competência e começamos a investigar a pessoa que está se relacionando conosco.

Será que seremos amigos? Estou interessado em conhecer esse indivíduo melhor, ou será que devemos ser apenas conhecidos casuais? Será que ele impulsionará minha carreira? Ela precisa da minha ajuda? Ele é uma ameaça para mim? Ela tem algo a me oferecer, ou eu tenho algo a oferecer a ela?

Seria fácil lamentar o quanto egoísta tudo isto soa e também o pensamento de que nossos padrões para os outros são tão subjetivos e hipócritas que são até cômicos.

Mas eu não acho que isso justifique as atitudes humanas. Claro que existem características particulares de cada pessoa e outras características tão focadas em si mesmas que influenciam os nossos relacionamentos com os outros. Isso é parte da vida em um mundo quebrado e caído. É um instinto de autopreservação.

Não é realista esperar que as pessoas aceitem umas às outras ao olharem entre si. Nem é saudável ser inocente e presumir que todos são nossos melhores amigos ou que possuem o melhor interesse em seus corações. Por isso Jesus nos disse para sermos prudentes como a serpente e simples como a pomba.

Mas aqui existe algo digno de ser notado. Nós tendemos a ser juízes excepcionalmente ruins de outras pessoas. Você já percebeu isso? E, francamente, nós não somos bons nem para julgarmos a nós mesmos.

A falta de precisão, mais ainda do que a nossa tendência de avaliar os outros, é que é o problema.

Eu acho que foi isso que pareceu um tanto ultrajante nos comentários do meu crítico no YouTube. De onde esse cara tirou sua informação? Seus padrões? Sua autoridade?

Eu não estou tentando avaliar a capacidade de julgamento dele. Isso seria irônico. Mas eu preciso decidir como reagir a isso. E eu não me refiro a responder publicamente.

Estou falando de algo muito mais importante: minha resposta interna. Como eu me vejo? Como eu reajo ao criticismo e avaliações de um mundo obcecado com qualificações? Como eu silencio minhas próprias dúvidas, inseguranças e medo do fracasso?

A resposta não é o que você está pensando. Ou, no mínimo, não foi o que eu pensei no início desta jornada.

A ARMADILHA DA QUALIFICAÇÃO

Eu costumava pensar que a resposta aos meus fracassos seria corrigi-los, que a solução para minha fraqueza seria substituí-la pela minha força. Eu presumi que o segredo do sucesso seria parecer perfeito, sem falhas e o mais super-humano possível. Eu concluí que meu caráter e a minha competência me qualificam ou me desqualificam.

Mas o sistema de qualificação de Deus é muito diferente do nosso. E também a Sua forma de tratar as nossas fraquezas. Em vez de nos estressarmos e perseguirmos nossas falhas, nós precisamos de um qualificador diferente.

Ao longo dos próximos capítulos, nós vamos explorar o que significa ser qualificado nos moldes de Deus. Eu acredito que isto irá revolucionar a forma com que você vê a si mesmo e aos outros. Foi o que aconteceu comigo.

Enquanto você passa a entender como Deus o vê, encontrará a liberdade e a autoconfiança que Ele quer para sua vida.

A propósito, você nunca receberá essas coisas a partir de qualificações humanas. Esse caminho é uma rua sem saída. Você nunca será perfeito o suficiente ou à prova de falhas em um nível apropriado para ter paz consigo mesmo utilizando apenas a referência humana.

Paz e confiança vêm através de uma coisa: aceitação. Em uma cultura interessada em automelhoria e autoajuda, isso pode parecer não ter lógica. Mas é a verdade.

Primeiro: *a incondicional aceitação de Deus por você.* Deus sabe sua verdadeira identidade — o verdadeiro você — e Ele o ama como você é.

Segundo: *sua aceitação de você mesmo, incluindo suas fraquezas.* Isso significa confrontar as partes de sua pessoa que, na verdade, você gostaria de ignorar. E isso significa saber quem você é (e quem você não é) em e através de Jesus.

E terceiro: *sua aceitação do processo de Deus para a mudança.* O processo de Deus em sua vida não é para conter ou erradicar o seu verdadeiro eu, mas, pelo contrário, para trazer para fora a sua melhor versão possível.

Estes três conceitos — identidade, fraquezas e mudança — vão aparecer novamente e de novo neste livro, pois eles estão diretamente relacionados à questão de ser qualificado.

Os três têm um relacionamento cíclico. Eu conheço o meu "verdadeiro eu" — minha identidade — bem até demais. Eu sei que tenho muitas fraquezas. Isto faz com que me sinta não qualificado, então eu tento mudar minhas fraquezas. Mas a realidade logo chega. Eu não consigo me consertar completamente. Então minha identidade sofre ainda mais, e eu me sinto ainda menos qualificado.

Enquanto minha resposta para minha falta de qualificações for apenas me esforçar mais para me qualificar, eu ficarei preso neste ciclo.

Isso já aconteceu com você? Será que suas falhas gritam tão alto que você não consegue ouvir as oportunidades? Será que suas dúvidas sobre você mesmo sabotam seu sucesso antes mesmo de você sair pelo portão?

A lacuna entre quem você é e o que você quer alcançar pode parecer incrivelmente larga, e a pergunta iminente é: *será que sou qualificado para isso?*

Agora me deixe dizer isto logo de cara — esta pergunta não é o problema. Você *deveria* questionar a si mesmo se está qualificado. Especialmente se estiver tentando pilotar um avião ou fazer uma cirurgia de coração de peito aberto. Nesses casos, de todas as formas, avalie seu treinamento, seu conhecimento, sua experiência e suas habilidades. Todos vamos agradecer por isso no final. E certamente existem padrões éticos e morais a serem respeitados, não somente no ministério, mas em qualquer campo de atuação.

Mas quando se trata de assuntos mais pessoais, tenha em mente que sua avaliação não é infalível. E talvez, apenas talvez, você esteja superestimando suas deficiências e subestimando seus dons. Talvez o fato de que você atualmente não está à altura das expectativas das outras pessoas ou das suas

próprias, não é algo necessariamente determinante. Talvez Deus queira que você faça algo além dos seus limites, e Ele está muito menos intimidado por suas falhas e limitações do que você mesmo está.

Quanto mais eu estudo isto na Bíblia, mais convencido eu fico de que precisamos de um pleno conhecimento de nós mesmos e de Deus. E de que precisamos dar menos importância para nossa própria opinião sobre nossas fraquezas e problemas.

O sentimento de não se sentir qualificado produz todos os tipos de comportamentos bizarros. Nós fingimos ter tudo sob controle quando, na verdade, tudo está desmoronando. Ou ficamos pensando que tudo está desmoronando quando, na realidade, está tudo sob controle. Vivemos debaixo de uma constante nuvem de comparação. Nós manipulamos e tramamos, pois pensamos que a astúcia ou a trapaça é a única forma de conseguirmos o que queremos.

Insegurança, comparação, manipulação, fingimento — tudo isso vêm de um entendimento errado do que significa ser aprovado e qualificado por Deus.

Mas a solução de Deus para nossas deficiências não é consertá-las, necessariamente. Ele tem uma ideia melhor, e nós veremos isso nas próximas páginas.

PATRIARCA CONTRADITÓRIO

Um dos heróis bíblicos mais dramaticamente não qualificados no qual posso pensar, é Jacó. Um tempo atrás eu estava estudando a vida desse homem em preparação para uma série de pregações. Do nada um pensamento me sacudiu.

Deus não pode abençoar quem você finge ser.

Antes desse pensamento, eu estava refletindo sobre por que afinal eu tinha escolhido pregar sobre esse patriarca contraditório pelas próximas cinco semanas. Ele estava se tornando o anti-herói bíblico mais complicado que eu já havia estudado. A maioria das histórias envolvendo Jacó são como um episódio da série *Os Sopranos* — você não sabe qual personagem escolher, porque todos são muito bagunçados. Como naquela vez em que o tio de Jacó o enganou e o

embebedou para que ele acidentalmente dormisse com a mulher errada na sua noite de núpcias.

Jacó era um mentiroso, um vigarista, um enganador, uma fraude. Ele passou a maior parte de sua vida assombrado por más decisões e exilado no caos das consequências dessas suas próprias decisões. Se alguém merecia ser chamado de não qualificado, era esse cara. Ele não era exatamente o personagem cujos melhores sermões e lições da escola bíblica dominical pudessem mencionar.

Ainda assim, Deus o chamou e o escolheu, e até o abençoou. Jacó teve um papel principal no plano de Deus para resgatar o mundo. Ele surge como uma das figuras mais importantes nas Escrituras e, simultaneamente, como uma das mais problemáticas.

Naquela quinta-feira à tarde, com minha Bíblia aberta e minhas notas em mãos, eu fiquei surpreso pelo entendimento de que eu sou igualzinho a Jacó de diversas formas. Nem de longe tão importante quanto ele na história da humanidade, é claro. Mas exatamente não tão qualificado quanto, sob uma perspectiva humana. E também, tão valorizado e amado quanto, sob a ótica de Deus.

Assim como Jacó, eu frequentemente me pego fingindo ser alguém que não sou por estar envergonhado de quem eu sou. Eu penso que minhas fraquezas são o problema e fingir ser algo que não sou, até que elas sumam, parece ser a solução.

Mas Deus não pode abençoar alguém que eu não sou. Ele anseia por me abençoar, o verdadeiro *eu*, com todos meus altos e baixos, prós e contras.

Quanto mais eu analiso a história de Jacó, mais eu vejo Deus como o Qualificador. Jacó era o garoto-propaganda para a confusão e a complicação que a fraqueza pode produzir. Mas ele também era um exemplo dramático de alguém que, pelo menos no final de sua vida, seria capaz de compreender suas insuficiências, olhar através delas e confiar em Deus.

E quando ele fez isso, Deus assumiu o controle. Ele superou as limitações de Jacó e atropelou suas desqualificações.

Jacó foi agudamente, dolorosamente e espetacularmente humano. Provavelmente é por isso que sua vida fala tão claramente comigo. Eu consigo

identificar-me com as falhas dele mais rapidamente do que com os seus talentos, e aposto que você também.

O que aprendi estudando Jacó mudou radicalmente minha forma de pensar. Nos últimos capítulos deste livro, vou mencionar a vida de Jacó com mais detalhes. Sua história nos dá um exemplo fascinante de estudo sobre o poder de Deus agindo em nossas fraquezas.

Finalmente Deus redimiu, redefiniu e realinhou Jacó. Não apesar de suas fraquezas, mas através delas. E é isso que Ele fará por você e por mim.



No dia em que aquele teólogo me informou da minha total desqualificação, Deus me lembrou de um versículo que fala das nossas qualificações: “Não porque pensemos que podemos fazer por nós mesmos qualquer coisa de valor duradouro. O único poder que possuímos e o êxito que obtemos vêm de Deus. Ele é quem nos tem ajudado a contar aos outros a sua nova aliança” (2 Coríntios 3:5-6, NBV).

De repente, senti-me liberto!

Sim, o termo *desqualificado* me serve direitinho. Soa bem. E me coloca em muito boa companhia, a começar por Jacó.

Então vá em frente e coloque isso no meu cartão de visitas. E na minha bio do Twitter também.

Deus me chamou. *Deus* me equipou. *Deus* me empoderou. *Deus* abriu as portas para mim. Então minhas qualificações, ou a falta delas, foram relativamente sem importância.

Sim, eu tenho onde me apoiar se eu quisesse defender o *pedigree* do meu ministério. Mas por quê? É a verdade: Deus abençoou meus esforços muito além do que eu jamais poderia merecer. E isso é incrível! Realmente, por que eu iria querer limitar minha influência e sucesso meramente a aquilo em que eu sou qualificado?

“Desqualificado” não foi uma crítica. Foi um elogio. Um elogio sarcástico e concedido não como um elogio, mas, de qualquer jeito, um elogio. Foi um

lembrete público de que Deus fez, em mim e através de mim, muito mais do que eu mereço.

Espero que isso não soe como orgulho, porque não é. Na verdade, eu acredito que é o oposto a orgulho. Humildade — a verdadeira humildade — não é se colocar abaixo. É reconhecer que você deve tudo a Deus. É entrar em seu destino baseado não no que você é ou no que você pode fazer, mas em quem Deus é e no que Ele fará através de você.

Eu tenho certeza de que aquele teólogo ama a Deus e a Igreja. Quando nós dois chegarmos no Céu, talvez eu o convide para comer amendoim, e talvez venhamos a rir sobre toda essa história.

Mas, neste momento, o que mais importa não é o que vem à cabeça de alguém quando ela escuta o meu nome. O que mais importa é o que vem à mente de *Deus* e à *minha.*

Acabei assistindo àquela parte da entrevista cinco vezes. Eu estava rindo alto na última vez. Eu mandei o link para alguns amigos e considerei brevemente como seria engraçado tornar isso um meme para o Instagram.

Então eu terminei de me arrumar para a igreja. Antes do culto, eu orei com minha equipe como faço em quase todo fim de semana. Enquanto estávamos finalizando a oração, eu acrescentei uma frase incomum. Minha equipe provavelmente ficou tentando entender o que eu estava falando, mas isso me fez sorrir e me encheu com uma estranha confiança e gratidão:

“E obrigado Senhor... por que somos desqualificados.”

A TERCEIRA PALAVRA

“Eu sou Steven”.

Falei isso milhares de vezes. Soletrei provavelmente o mesmo tanto, pois se você não falar que é com *v,* eles colocam um *ph* no meio sempre.

E eu não vou nem comentar sobre o *Furtick.*

Qual é a palavra chave na frase *eu sou Steven?* É o nome, certo? *Steven.* É isso que me identifica. As primeiras duas palavras — eu sou — estão ali apenas para preparar a declaração. São enchimento. Apenas simples monossílabas insignificantes.

Ou não?

Espere só um segundinho!


2

O JOGO DO NOME

Eu tenho uma fobia. É estranha, eu sei.

Tenho medo de perguntar para as pessoas que estão esperando um filho, qual nome que darão à criança. Por qual motivo? Porque ultimamente parece que as pessoas têm sido muito — como posso dizer isso? — criativas.

É direito delas dar o nome que quiserem ao filho. Sei disso. Mas o motivo de eu não perguntar é porque não consigo disfarçar minha reação.

Se eu disser “Como ele vai se chamar?”, e me responderem algo que servirá de gozação para o menino no ensino médio, provavelmente vou responder com um surpreso “como?”, o que não seria tipicamente a resposta que os pais estariam esperando. Então eu não pergunto mais. É muita responsabilidade. É melhor descobrir sozinho, de modo que eu possa reagir sem magoar ninguém.

Só para vocês saberem, meu primeiro nome não é Steven. Meu primeiro nome é Larry. Meu nome, na verdade, é Larry Stevens Furtick Jr. É *Stevens* porque o segundo nome do meu pai foi escrito errado na certidão de nascimento dele. Ao contrário de arrumar o nome, ele transferiu o erro para a minha certidão. Valeu, pai!

Poderia ter sido pior. O nome que meu pai queria me dar originalmente ainda me dá arrepios.

Ele queria me batizar de Clem. Sabe, minha mãe estudou na Clemson University na Carolina do Sul. Então meu pai achou que seria mais interessante falar: “Clem! Son (*filho* em inglês)! Vem aqui, Clem son!”

Graças a Deus, minha mãe interveio.

Existem nomes piores, sabia? Recentemente um dos funcionários daqui me contou sobre alguém que registrou a filha de La-a.

Ele me mostrou escrito e eu fiquei confuso sobre qual seria a pronúncia correta. Você também deve estar. Se você acha que se pronuncia “lah” ou “laa”, está redondamente enganado.

A pronúncia é “La-da-sha”.[NT][1]

Não tenho palavras para expressar o que passou pela minha cabeça quando ouvi essa. Sinto muito por você, La-a, onde quer que você esteja. Estaremos em oração por você. Especialmente, oraremos para que, quando os anjos forem escrever seu nome no Livro da Vida, eles acertem a grafia.

Felizmente para os Clems e La-as do mundo, embora nossos nomes nos identifiquem, eles não nos definem. Não nos descrevem. Eles não falam nada sobre quem realmente somos, sobre nossos sonhos, nossas paixões ou nossos potenciais.

Acho que a maioria de nós entende que nossa identidade é muito maior que nosso nome. Mas quanto esforço investimos realmente em tentar saber o que nos move e o que permitimos que nos defina?

Quando a percepção do que somos é distorcida, todo nosso equilíbrio emocional se desalinha. Por isso dói tanto quando falhamos, quando não atendemos às expectativas. Nossas faltas parecem provar que, basicamente, somos falhos, e isto nos faz questionar nosso valor e nossa identidade.

Como eu disse no capítulo anterior, Deus não vê as coisas como nós vemos. Sua balança, Seus parâmetros e Seus aparelhos de medição não são calibrados como os nossos. Mas até conseguirmos entender como Ele pensa, olharemos para nossas falhas e sucessos como únicos indicadores de valor. Inevitavelmente, isto leva a conclusões voláteis e exageradas sobre sermos qualificados ou não.

Uma identidade formada pelo sentimento de inadequação é algo muito perigoso.

Nas próximas páginas, quero que fiquemos reflexivos sobre nossa identidade. Talvez, ainda mais importante, quero que consideremos a *interpretação* da nossa identidade. Realmente sabemos quem somos? Isto se alinha com o que Deus diz sobre nós? E o que fazemos com o espaço que fica no meio?

Isto é complicado, porque *nós* somos complicados. Felizmente, a Bíblia já previa todas essas complicações.

COMPLETE A FRASE

Quase quatro mil anos atrás, Deus falou de dentro de uma sarça ardente com um homem chamado Moisés. Podemos encontrar essa história em Êxodo 3. Se você está na igreja há algum tempo, tenho certeza de que já ouviu falar sobre isso. Aqui vai uma recapitulação, ornada com alguns detalhes da minha imaginação.

Deus encontrou Moisés no meio do deserto e o presenteou com um plano surpreendente. Ele queria que Moisés marchasse Egito adentro, sendo que essa era a nação mais poderosa do mundo daquela época, e mandasse o faraó abrir mão de seus milhões de trabalhadores escravos israelitas.

Moisés ficou mesmo surpreso. Mas não de uma forma boa. Ele começou a suar, e a gaguejar, e a respirar rapidamente, só de pensar no assunto.

Então ele perguntou qual era o nome de Deus. Ele estava desesperado tentando achar algo — qualquer coisa — que o ajudasse a convencer os israelitas a embarcarem em sua trama épica.

Instintivamente Moisés sabia que a identidade de Deus era mais importante do que qualquer coisa naquele momento. Mais importante que suas próprias habilidades, estudos ou currículo. Mais importante até que o poder do faraó, ou dos políticos do Egito, ou da viabilidade se tornar um abolicionista repentinamente.

Então Deus concordou em dizer a Moisés o Seu Nome.

"Moisés, meu nome é… EU SOU."

Longa e estranha pausa. Moisés se inclinou, atentamente esperando que a sarça lhe entregasse o segredo. *Continue, estou ouvindo. Você é… o quê? O que você é?… Espera, é só isso? Só "Eu Sou"? Qual é a terceira palavra?*

Mas Deus não terminou a frase. Para um Deus perfeito, Ele parecia ter problemas gritantes com a gramática. Será que Ele não sabia que para esse verbo seria necessário um objeto como complemento? Não sabia que era preciso terminar o pensamento?

Talvez Deus estivesse enviando para Moisés — e para cada um de nós — a mensagem: não passe por cima do *eu sou.* Não preencha de qualquer modo a lacuna de quem você é.

Pense sobre essas duas palavras: *eu sou.* Uma frase tão inexpressiva. Mal tem duas sílabas.

Porém, é a declaração mais potente e revolucionária que você já fez. Dentro dela se encontra um poder que pode despir o passado, pilotar o presente e emoldurar o futuro.

Não quero parecer místico ou etéreo. Isso é intensamente prático. Deus escolheu essa frase para descrever a Si mesmo, precisamente porque a identidade e a autopercepção são conceitos fundamentais na vida. A revelação *Eu sou* de Deus para Moisés é um enorme componente. Ele é o todo, é o completo, e é a satisfação para toda e qualquer necessidade ou desejo que possamos ter. Você pode adicionar todos os superlativos e hipérboles e ainda assim não vai nem começar a descrever Deus.

Entretanto, você e eu precisamos da terceira palavra. Precisamos ancorar nossa identidade em termos específicos, tangíveis e descritivos. Precisamos terminar a frase, e fazemos isso o tempo todo, conscientemente ou não.

Num nível mais genérico, essa terceira palavra é o seu nome.

Mas isso é apenas o começo.

A terceira palavra não fala sobre o nome que seus pais lhe deram, ou sobre o apelido que você ganhou naquelas férias. Não é o sobre o que você coloca no crachá da exposição ou como seus amigos o chamam.

Como você completaria a frase “Eu sou_____”? O que você escreveria neste espaço? Como você se descreve? Não é tão fácil como parece.

Quando você vai para a igreja, normalmente lhe dão várias dicas sobre quem Deus é. Você ouve sobre Seu amor, santidade, justiça e bondade. Jogamos uns termos teológicos como *onipresença*, *onipotência* e *onisciência*. Aprendemos a descrever Deus em gloriosos detalhes, completando com notas de rodapés espirituais. Claro, isso é de suma importância.

Mas frequentemente não sabemos quem *nós* somos. E isso é uma desconexão fatal.

Veja, uma coisa é saber quem *Deus* é para você, mas, quem é você para você mesmo? Talvez você possa descrever e definir Deus, mas será que isso está sincronizado com como você define e descreve a si mesmo?

Não é que não nos definamos. Fazemos isso sim. Preenchemos o espaço o tempo todo. Apenas não percebemos. Não paramos para reconhecer as terceiras palavras que usamos sobre nós mesmos. São automáticas, inconscientes — e

incrivelmente reveladoras. *Eu sou um ótimo pai. Sou péssimo em consertar coisas. Sou notavelmente agressivo no trânsito. Sou um músico medíocre. Sou um sucesso. Sou um fracasso. Sou…*

Estou chamando isto de terceira palavra, mas obviamente não completamos o espaço com apenas um termo. Nossa terceira palavra pode ser uma frase. Pode ser uma lista. Pode ser um medo ou um sentimento. Pode ser uma lembrança ou um trauma. Pode ser uma acusação guardada no fundo da nossa psique.

Temos completado espaços durante a vida inteira, mas raramente paramos para pensar se nossa terceira palavra está correta.

Lembro-me dos exercícios de "complete a frase" que eram feitos na escola. A professora trocava uma ou duas palavras por linhas enigmáticas, e nós deveríamos descobrir qual palavra era a certa para cada espaço.

Não parecia complicado a princípio, mas tem um problema. Cada espaço tinha uma — e apenas uma — resposta certa. Ou você acertava, ou errava.

É difícil! Pelo menos em questões de múltipla escolha você possui um quarto de chances de chutar certo. E em questões dissertativas você pode enrolar e ganhar crédito pela criatividade, esforço e enrolação. Eu sou bom de enrolação.

Isso não funcionava tanto assim com os implacáveis espaços escolares. Não havia lugar para erros, nem margem para engano. Completar as frases significava saber a resposta certa.

Apenas uma pessoa tinha o direito de decidir o que pertencia ao espaço. Era a professora. Ela é quem dava o veredito final sobre o que aqueles espaços representavam.

Em sua vida, quem tem o direito de preencher os espaços? Você? Seus pais? Seus amigos? As circunstâncias?

Recentemente assisti a uma entrevista antiga do *60 Minutos* com Bob Dylan. O entrevistador perguntou por que ele mudou o nome de Robert Zimmermann para Bob Dylan.

"Você se chama do que quiser se chamar", respondeu Dylan com seu clássico ar de desinteresse. "É a terra dos livres."[2]

É possível trocar de nome facilmente. Zimmermann vira Dylan preenchendo os formulários corretos. Mas e os nomes e títulos internos que definem uma pessoa? Quem decide isso? E se você não considera que seus espaços foram

preenchidos até agora? Dá para mudar a resposta? Até que ponto é possível mudar? Até que ponto deveria mudar?

E, a propósito, existe mesmo apenas uma resposta correta? É possível que todas as nuances e contradições da sua vida sejam resumidas tão sucintamente?

Estas são perguntas da vida real. Elas atingem o cerne da nossa autopercepção e senso de identidade. Você provavelmente não precisa mais fazer exercícios de completar a frase na escola, mas as questões de *eu sou* da vida são muito mais desafiadoras. Você as responde todos os dias. E essas respostas direcionam e redirecionam o curso da sua existência, para bem ou para mal.

Aqui estão algumas terceiras palavras que eu ouço o tempo todo, tanto da minha boca, quanto da minha mente: *Desqualificado. Burro. Forte. Motivado. Bagunçado. Leal. Paralisado. Machucado. Arrasado. Abençoado. Capaz. Desapontado. Quebrado. Cansado. Contente.*

Com quais delas você se identificou? Circule-as mentalmente. Qual palavra você acrescentaria? Com que frequência você pensa sobre si mesmo? Quais palavras você espera circular daqui a um ano? Ou dez anos? Quais você vai ensinar seus filhos a circularem?

Agora, só de brincadeira, mude a palavra — a *terceira palavra.*

Isso muda tudo.

Vamos um pouco mais a fundo. Como a sua avaliação sobre você mesmo pode ser comparada com o que você deixa as outras pessoas pensarem sobre você? E como ela pode ser comparada ao que você gostaria de ser? Em outras palavras, você está fingindo? Tem construído uma fachada para encobrir as falhas e deficiências que vê em si?

Algo maior a ser perguntado é: como tudo isso é comparado com a avaliação que Deus faz de você? Sua autoimagem, autodescrição, sua persona — estão alinhadas com aquilo que Deus criou você para ser?

Estas são perguntas enormes. Perguntas que nos confundem. Perguntas corajosas. Respondê-las corretamente demorará a vida inteira. Mas, se ignorá-las, desperdiçará toda a sua vida posando, fingindo, afirmando, atuando, aperfeiçoando, agradando e justificando. Ainda assim, nunca encontrará seu verdadeiro eu.

DESCOLORIDO COMO O DO BECKHAM

Conhecer seu “verdadeiro eu” pode ser complicado.

Há alguns anos, um cabeleireiro me falou que queria fazer o “cabelo do Beckham” em mim. A simples sugestão, por mais irrealista que fosse, de que eu poderia parecer-me, mesmo que remotamente, com o grande craque do futebol foi lisonjeante o bastante para que eu entrasse no salão dele.

Era a primeira vez que eu me sentava num salão de cabeleireiro em mais de dez anos. A velha maquininha da barbearia do meu pai tinha sido suficiente para mim. Eu mesmo dava conta de raspar o cabelo na garagem de casa.

Mas um *look* do Beckham? Em mim? Eu pagaria uma grana para isso.

Assim que sentei na cadeira, a dor agonizante para descolorir meu cabelo preto brilhante para ficar loiro platinado quase fez com que me arrependesse. Aparentemente eu tenho baixa tolerância para dor, pois fiquei imaginando se os outros salões usavam anestesia.

Quando emergi do processo de transformação, eu não estava assim um David Beckham. Não estava exatamente loiro também — estava mais para um laranja cítrico. Mas a mudança foi dramática e eu me acostumei.

Assumi o novo *look* por alguns anos. Então voltei para o preto. Uma das primeiras pessoas que o viu, disse algo que me fez rir alto.

“Acho que você deve voltar pro loiro”, foi o conselho da pessoa. “Em você, preto não fica muito… natural.”

Às vezes penso se nossa imagem já não foi tão pintada, retocada e descolorida que, muitas vezes, a cor original fica estranha. Até para nós mesmos.

Desilusões são cobertas com frustrações, que são cobertas com falhas, e nosso verdadeiro eu fica tão lá no fundo que nem mesmo nos lembramos de quem realmente somos.

Preencher nossa terceira palavra é complicado, pois as fraturas do nosso passado nos transformaram em contradições ambulantes. Será que somos quem *sonhávamos* ser? Ou somos quem *demostramos* ser agora?

De um lado, ainda sonhamos alto. Sabemos que Deus nos fez para coisas maiores e mais ousadas, e, bem no fundo, o chamado ainda reluz para nós.

Há dias em que nossa imaginação ganha asas com as possibilidades do futuro e da nossa potencial contribuição para o mundo. Prometemos a nós mesmos todo tipo de coisa. Vamos passar mais tempo com as crianças. Vamos terminar de decorar o jardim. Vamos servir mais na igreja. Vamos limpar o guarda-roupas, entrar num curso, fazer abdominais, patrocinar uma criança órfã, escrever um livro, treinar o time de beisebol, mudar o mundo…

Mas, por outro lado, tornamo-nos mais realistas — ou mais duvidosos. Às vezes é difícil distinguir.

Alcançar nossas metas é mais difícil do que pensávamos que seria. Tentamos e falhamos, e tentamos de novo… e falhamos de novo. De fato, não sabemos nem se somos capazes de educar um bebê ou de sair da dívida do cartão de crédito, quanto mais mudar o mundo.

Talvez o sonho não fosse para tornar-se realidade. Ou talvez não sejamos fortes ou valentes o suficiente, ou alguma outra coisa *o suficiente*, para alcançá-lo.

Ou talvez *sejamos mesmo* desqualificados.

DUPLA DIVISÃO

Converso o tempo todo com pessoas que lutam com o espaço que existe entre suas fraquezas e seus sonhos, entre quem são e quem Deus as chamou para ser. Suas terceiras palavras são um claro indicativo de que se sentem desqualificadas.

Pessoas como Jamar, o qual me disse que sentia um chamado para fazer a diferença na vida de jovens meninos. Jamar cresceu sem um pai. Teve que aprender muitas coisas de forma difícil e sonha em compartilhar com esses garotos a perspectiva e a liderança que nunca teve. Se porém… não fosse viciado em sexo.

Ele é solteiro, bonitão, com um grande sorriso e bem-sucedido no trabalho. Ele faz sucesso com as mulheres, e sabe disso.

Durante um período de tempo, ele até que vai muito bem, vivendo nos padrões de Deus. Mas então, a tentação o derruba. O pecado sexual o drena.

Como ele pode ser um exemplo para os outros se ele mesmo precisa tanto de ajuda?

Jamar está frustrado, pois consegue ver lampejos do seu eu ideal. Mas uma raiz de transtorno está envenenando seu crescimento. Então ele conclui: *eu sou… prisioneiro.*

E pessoas como Heather. Heather é uma ótima mãe. Ao menos, todos, exceto Heather, pensam isso. Seus filhos estão se destacando. Fazem múltiplas atividades depois da escola, tanto artísticas quanto atléticas. Nenhum deles é viciado em drogas. Isto é sempre positivo, não é? Ela cozinha para a família várias noites na semana. Sempre lê um capítulo de um livro para as crianças antes de dormirem.

Mas, de alguma forma, nunca é o suficiente. Despois que as crianças dormem, tudo que ela consegue ver é a bagunça que ela não arrumou para deixar o dia perfeito. Tudo que ela lembra é de ter perdido a paciência quando os ajudava com as tarefas. Como ela pode celebrar seu sucesso como mãe em meio a tantas bagunças e falhas?

O *Pinterest* dela, uma rede social para compartilhamento de fotos, tem boas intenções o suficiente para gastar por três vidas inteiras. Ela começou quatro planos de leitura da Bíblia em um ano em seu aplicativo da Bíblia, e, pelo jeito que está indo, talvez termine um na próxima década. Ela se sente jogada de lá pra cá por uma lista infinita de prioridades. Uma voz em sua mente sussurra que não existe profundidade no que ela está fazendo, que ela é medíocre, e que a vida a está deixando para trás. Tudo isso a convenceu do pensamento: *eu sou… um fracasso.*

E pessoas como meu irmão, Max. Eu amo o Max. Mas por muito tempo o ajudei a afastar-se de Deus.

Max e eu crescemos numa boa casa sulista. Isso quer dizer que comíamos frango com bolinhos e íamos à igreja, pelo menos, uma vez por semana. O Max é três anos mais novo e quinze centímetros mais alto que eu. Seu nome também não é Max, é Matthew. Colocar apelido nas pessoas é um mau hábito que eu tenho, e comecei a chamá-lo de Max quando fiz dezesseis anos.

Coincidentemente, foi nessa época que eu comecei a ficar firme na fé em Jesus. Já que eu havia decidido pela porta estreita, estava determinado que todos

à minha volta viriam comigo, querendo eles ou não.

Isso incluía o Max. Ele foi um dos meus primeiros convertidos à força, e sofreu as consequências do meu novo zelo religioso.

Quando eu o levava para a escola, ele normalmente queria ouvir a 96 WAVE, a rádio de rock. Sem chance. Não no meu carro. Nós ouvíamos rock cristão.

Quando o deixava na escola, às vezes eu o via olhando para as meninas. Luxúria, eu pensava. E o repreendia como se ele fosse alguém de Sodoma e Gomorra.

À noite passava na sala de estar e encontrava ele assistindo *Beavis and Butt-Head*. Rapidamente eu mudava de canal para o primeiro pregador que eu achasse.

Eu não o estava julgando. Eu amava meu irmão. E por amá-lo, achava que era minha responsabilidade mostrar-lhe o caminho para Jesus, mesmo que isso significasse arrastá-lo comigo para a santidade.

Mas ele não parecia seguir. Eu não entendia por qual motivo.

Só percebi na noite em que meu pai morreu, dezesseis anos depois, que eu o havia empurrado para a direção oposta.

Lembro-me claramente daquela noite. Quando nossos amigos e familiares que tinham vindo oferecer suporte à família saíram, já era uma hora da madrugada. Havia sido a semana mais longa das nossas vidas, e precisávamos descansar. Max se ajeitou na cadeira reclinada e eu me estiquei no sofá.

De repente, inesperadamente, Max começou a compartilhar comigo suas lutas internas durante aqueles anos. Sobre como ele havia querido ter um relacionamento com Deus há tempos, mas parecia difícil demais.

“Não é para ser difícil”, eu disse.

“Mas para mim sempre pareceu muito difícil”, ele explicou. “Eu via você no ensino médio. Com todas aquelas regras, todas as coisas que você não podia falar, ou ver, ou ouvir. E eu não queria ser um crente meia-boca, mas se é isso que significa ser um cristão verdadeiro, eu sabia que não conseguiria. Era muito difícil”.

Conversamos um tempo, e eu pedi perdão para ele. Disse que sentia muito por ter feito parecer que o início do relacionamento com Deus significava adotar

uma lista de restrições. Disse que aprendi com o tempo que o evangelho não é sobre o que Deus quer *de* nós, mas o que Ele quer *para* nós.

A conversa definitivamente acendeu algo. Não só no Max, mas em mim. Não podia parar de pensar nas palavras que ele usou: “muito difícil”. Isso me assombrou.

É assim que eu tenho feito parecer? Muito difícil? É assim que deve se parecer? É assim que deve ser?

Quantas pessoas desistiram da ideia de ter um relacionamento com Deus por conta de todas as qualificações que anexamos ao que significa conhecê-Lo?

De algumas formas, a fé vai ser difícil. Citando um pregador antigo do interior: “Jesus disse pegue sua cruz, não o seu colchão reclinável”. Entendi isso. Caminhar de verdade com Deus neste mundo é, às vezes, um grande e complicado empenho. Mas fazer as pessoas sentirem que existem quinze pré-requisitos para se achegarem a Deus, não pode ser o que Ele tinha em mente quando chamou esta mensagem de “boas novas”.

Ele colocou esta revelação perto do fim da Bíblia: “O Espírito e a noiva dizem: ‘Vem!’ E todo aquele que ouvir diga: ‘Vem!’ Quem tiver sede, venha; e quem quiser, beba de graça da água da vida” (Apocalipse 22:17).

Parece que Deus estava dizendo: “Venha como está”. Muitas vezes a mensagem que projetamos para os outros é: “Mude quem você é, e depois você poderá vir”.

Em vez de ajudar meu irmão a encontrar Deus, eu criei, na verdade, um campo de força que o mantinha longe Dele. Eu havia plantado, sem querer, a semente de uma terceira palavra em sua alma que deve ser a palavra mais perigosa de todas: *eu sou… indigno.*

Quais são as suas terceiras palavras? Elas são em sua maioria positivas ou negativas? Será que estão tão entrelaçadas que você nem consegue categorizá-las?

Se você for como Jamar, Heather, Max e eu, suas terceiras palavras tendem a girar em torno das suas falhas. Provavelmente elas têm mais a ver com quem você *não é, não consegue fazer,* ou com o que você sente que está fazendo *errado*. Então, devido ao seu caráter ter falhas e sua competência ser questionável, você tende a sentir-se desqualificado e inadequado.

É assim que pensamos.

Não é preciso dizer isto, mas eu vou dizer mesmo assim: todos nós temos fraquezas. Nós as chamamos de tudo que se pode imaginar: queda, escorregão, mancada, vacilo, problema, pecado, erro, falha, vício. Mas todo mundo as tem.

E para nós, gostando ou não, estas fraquezas têm muito a ver com o modo como enxergamos a nós mesmos e como vivemos nossas vidas.

A questão central aqui é o que devemos *fazer* com as nossas fraquezas?

Este livro é o resultado da luta com esta pergunta e algumas outras parecidas com ela, as quais me importunaram por anos. Questões sobre autoaceitação. Sobre autoaperfeiçoamento. Sobre quem eu sou em oposição a quem eu fui chamado para ser e como conciliar estas duas situações.

Tenho que admitir, este não foi um livro fácil de escrever. Não que o assunto seja particularmente controverso. Foi difícil escrever porque é uma bagunça.

Como a vida. Como a humanidade. Como eu e você.

Se você já se frustrou com suas falhas ou se irritou com suas fraquezas, este livro é para você. Mas deixe-me adverti-lo, eu não vou dizer aqui quinze maneiras de arrumar sua vida em quinze minutos por dia. Não vou lhe dar dez princípios para a perfeição nem sete segredos do sucesso.

Quero fazer algo que, assim espero, seja muito mais valioso.

Eu quero ser real.

Realista sobre as lutas. Realista sobre o pecado. Realista sobre quem Deus é e sobre quem nós somos, e não somos. Realista sobre autoestima, autoajuda e sobre como, às vezes, parece que não conseguimos consertar certas coisas… e talvez nem devamos.

Este livro é sobre descobrir e abraçar quem você é à luz do que Deus é. É sobre chegar num acordo com as coisas boas, ruins e as indizíveis da sua vida, e aprender a deixar Deus usar sua bagunça a seu favor.

Não é sobre ignorar sua complexidade ou negar seus desafios. Longe disso. Tampouco não é sobre esbaldar-se em autocomiseração e derrota.

É sobre atacar o vão entre quem você é e quem você sente que deveria ser, e então se conectar com Deus nesse ponto. É sobre buscar o sonho e os desejos que Deus coloca em seu coração, mesmo quando parece que dez mil demônios foram despachados para persegui-lo.

Assim como eu tenho lutado com minhas próprias questões sobre o assunto, também percebo que venho mudando. Aprendi algumas coisas sobre fraquezas que eu nunca havia entendido antes. Passei a ver a Deus e a mim mesmo de forma diferente, e isto tem mudado minha forma de ser pai, de ser pastor e de abordar Deus e a vida. E eu amo estas mudanças.

Aqui vai minha pergunta… ou perguntas, na verdade.

Primeiro, quais são as *suas* terceiras palavras?

Segundo, e mais importante, quais são as terceiras palavras *de Deus* para a sua vida?

E terceiro, e a mais importante de todas, como você tem vivido até agora, preso na divisão dessas duas realidades?

Você está prestes a descobrir.


3

É COMPLICADO

Sempre que você estiver processando as questões mais profundas da alma, existirá apenas uma fonte que garantirá respostas: o filme *Shrek*.

O personagem do título é um ogro. Mas não um ogro comum, nojento e um bruto unidimensional.

Ele é complicado. Está em conflito. É emocional. E é por isso que o amamos. Gosto como ele se descreve para o seu companheiro, o Burro, comparando-se com uma cebola.

> SHREK: Cebolas têm camadas. Ogros têm camadas... entende?
>
> Nós dois temos camadas.

Então Burro sai pela tangente, discutindo camadas, bolos e pavês. Algumas cenas depois encontramos Shrek numa casinha. Burro está do lado de fora, gritando com ele.

> BURRO: Você está muito enrolado em camadas, cabeça de cebola. Está com medo dos seus próprios sentimentos![3]

É exatamente nesse ponto que muitos de nós estamos. Enrolados em camadas. Com medo dos nossos sentimentos. E trancados numa casinha.

Tá bom, talvez não essa última parte.

A verdade é que somos criaturas complicadas. Nossa identidade é uma mistura complexa de emoções, memórias, pensamentos, objetivos, hábitos, preconceitos e fobias. Desafiamos definições e descrições simples.

Certo, temos camadas. Mais camadas que as de cebolas, ogros, bolos e pavês juntos. Isso é parte da beleza de ser humano.

Além disso, somos seres dinâmicos. Não somos produtos finalizados. Não somos uma pintura de Jackson Pollock a ser analisada, admirada e apreciada. Estamos em constante mudança, continuamente nos reinventando.

Então, se você ainda não entendeu a si mesmo, tudo bem.

O FIASCO DO AFRESCO

Muitos livros por aí tentam classificar e categorizar a raça humana. Eles dissecam as nossas vontades e analisam a nossa personalidade. Eles olham para o modo como pensamos, como lideramos, como amamos. Tentam quantificar as influências nebulosas da etnia, cultura, contexto, experiência, educação, química cerebral, trauma, idade, sexualidade e mais.

Eu admiro essas tentativas. Ao menos, em uma visão panorâmica, dão-nos uma ideia sobre nós mesmos e sobre os que estão à nossa volta. Ajudam-nos a entender e a nos relacionarmos com nossos cônjuges, filhos, colegas de trabalho e amigos.

Mas todas falham em algum momento, pois os seres humanos são complicados demais para caberem em qualquer esquema organizacional.

Pessoalmente, eu prefiro assim. Não quero ser rotulado e amontoado com milhões de pessoas iguais a mim — ou mesmo que fossem apenas algumas dezenas de pessoas. Tenho amigos que conseguem recitar, sem esforço, o resultado de seus testes de personalidade. E eles acreditam piamente que essas tabelas funcionam com noventa por cento de toda a humanidade. Eu fiz o mesmo teste. Fiz vários, na verdade. Eu não conseguiria dizer qual foi o resultado, mesmo que minha vida dependesse disso. De alguma forma, essas coisas não me marcam o suficiente para que eu venha a lembrar-me. E quando alguém tenta me explicar, soa como a professora do Charlie Brown.

Mas há algo dentro de cada de um de nós que diz que somos únicos. Especiais. Originais. Eu quero ser eu, assim como você quer.

Esse algo *nebuloso* em nosso ser vem de Deus. É o Seu modo de fazer-nos querer seguir o nosso destino. Ele nos formou, fazendo-nos um de cada vez. Davi escreveu celebremente sobre nossas identidades e destinos no Salmo 139, o qual vamos analisar neste capítulo.

> Tu criaste o íntimo do meu ser e me teceste no ventre de minha mãe.

> Eu te louvo porque me fizeste de modo especial e admirável.
> Tuas obras são maravilhosas! Disso tenho plena certeza. (versículos 13-14)

Em outras palavras, Deus o fez complexo de propósito. Você foi feito em camadas de forma infinitamente mais intencional e entrelaçada do que a Quinta Sinfonia de Beethoven.

Nas próximas páginas, vamos falar bastante sobre quem somos. Vamos ver como nossas forças e fraquezas nos afetam e como elas se relacionam com o fato de nos sentirmos qualificados ou não.

Mas há um perigo. Se não reconhecermos o valor intrínseco da nossa complexidade, as tentativas de consertar o que acreditamos estar errado podem fazer o tiro sair pela culatra.

Há alguns anos, uma restauradora amadora de arte na Espanha virou notícia por fazer justamente isso. Não foi sua intenção, é claro. Ela estava apenas tentando ajudar.

Seu nome era Cecilia Giménez[4], uma senhora de oitenta anos que congregava na igreja Santuário de Misericórdia em Borja, na Espanha.

No início dos anos mil e novecentos, um artista local pintou um afresco de Jesus na parede da igreja. Era chamado *Ecce Homo* (“Contemplem o Homem”). A pintura tinha um enorme valor sentimental para a igreja e para a cidade, mas estava em péssimo estado. A tinta estava desgastada e rachada e, em alguns lugares, descascara completamente.

Então chegou a Cecilia. Em suas palavras: “Vimos que estava tudo caindo, então consertamos”.

Mas não consertou.

Ela tentou compensar sua falta de treinamento e talento com excesso de tinta. O resultado pode apenas ser descrito como monstruoso. O afresco “restaurado” ficou parecendo uma mistura de Pé Grande com Átila o Huno. Ficou tão ruim que virou meme na internet. Ao contrário de *Ecce Homo*, virou *Ecce Mono* (“Contemplem o Macaco”).

Que restauração, não?

Mas, às vezes, fazemos a mesma coisa. A fim de consertar a nós mesmos, acabamos deixando as coisas piores do que estavam.

Não é nossa intenção. Da mesma forma que não era intenção daquela octogenária transformar aquele afresco num fiasco.

Olhamos para nós mesmos e tiramos conclusões cheias de compreensão quanto ao que é bom e o que é ruim. Sobre o que está certo e o que está errado. Sobre o que deve ficar e o que deve sair.

Damos uma espiada curiosa no espelho, comparamo-nos com alguma ideia aleatória de como deveríamos ser, e começamos a tacar tinta.

Entretanto, se nossa referência estiver errada, os esforços para melhorarmos nos levarão a qualquer lugar, menos à melhora.

Lembre-se, Deus não está no ramo de descoloração ou de jateamento de areia da nossa personalidade. Deus é restaurador. Ele é Criador e re-Criador. Ele destaca os tons sutis e as cores profundas que estão escondidas embaixo das camadas de pó e sujeira.

Isso leva tempo. Habilidade. Esforço.

Somos tão preciosos quanto complexos. Tão valiosos quanto únicos. Não seria apenas irreal simplificar demais nossa identidade. Seria trágico. Antes de irrompermos em um projeto para tentarmos restaurar a nós mesmos, temos que entender melhor quem Deus nos fez para sermos.

Mas isso irá requerer honestidade. Humildade e diligência. Significará ouvir de perto Aquele que nos criou no início de tudo.

SÓ DEUS SABE

De verdade, só Deus é capaz de conhecer completamente o coração humano. Jeremias escreveu: “O coração é mais enganoso que qualquer outra coisa e sua doença é incurável. Quem é capaz de compreendê-lo? ‘Eu sou o Senhor que sonda o coração e examina a mente’” (Jeremias 17:9-10).

Davi disse o seguinte a respeito do conhecimento que Deus tem sobre nós: “Senhor, tu me sondas e me conheces. Sabes quando me sento e quando me levanto; de longe percebes os meus pensamentos” (Salmos 139:1-2).

Deus conhece você mais do que você conhece a si mesmo. Ele olha para dentro das fendas mais profundas do seu coração. Ele vê os segredos que você

escondeu de todo mundo, talvez até de você mesmo.

E aqui está a melhor parte. Deus sabe tudo sobre você — inclusive as partes feias, quebradas e disfuncionais — mas, mesmo assim, Ele acredita em você. Ele ainda tem um futuro e uma esperança para você.

Minha esposa, Holly, me disse algo um dia que resume perfeitamente o que Deus diz a cada um de nós: “Eu amo tudo que se pode saber sobre você”.

Não estou aqui para analisar ou criticar você. Não estou aqui para julgar quem você é ou quem deveria ser.

Essa é a sua jornada.

Meu desejo é poder ajudá-lo a aprender o máximo durante essa sua caminhada. É sugerir-lhe formas de libertar-se, caso suas terceiras palavras o estejam prendendo. É encorajá-lo a abraçar, e quem sabe até apreciar, muitas das peculiaridades e falhas que às vezes o deixam louco. E é motivá-lo enquanto você permite que Deus traga à tona seu verdadeiro eu.

Seja lá o que isso for.

Nossas terceiras palavras afetam todas as facetas da nossa vida, mas muitos de nós nunca gastamos tempo suficiente para deixarmos que Deus nos ajude a entender quais são elas, se estão corretas ou se há algumas faltando.

Normalmente pensamos que sabemos quem deveríamos ser. Temos uma imagem na cabeça do que seria a versão perfeita de nós mesmos. E dedicamos muito tempo, esforço e orações desesperadas para manifestar ou fabricar essa imagem.

Mas, quanto mais caminho com Deus e vejo a forma inesperada com que Ele usa pessoas improváveis, mais eu me convenço que frequentemente temos uma imagem incompleta de quem fomos chamados para ser.

Antes de nos lançarmos numa bem-intencionada, porém amadora, tentativa de restauração, precisamos que Deus revele quem somos e quem podemos ser. Talvez algumas coisas que pensamos ser poeira e sujeira, sejam partes essenciais de quem somos. Talvez algumas áreas que chamamos de fraquezas sejam, na verdade, forças disfarçadas. Elas nos incomodam agora, mas Deus tem planos de usá-las a nosso favor. São partes essenciais de quem Deus nos fez para sermos. Apagá-las seria uma farsa.

Por outro lado, talvez algumas áreas que desejamos melhorar, nem mesmo façam parte da nossa identidade. Queremos que essas áreas deem certo porque demos ouvidos a expectativas equivocadas de outras pessoas ou às nossas próprias comparações doentias. Ficamos frustrados porque não conseguimos progresso. Mas é impossível multiplicar aquilo que Deus não nos deu. Temos que desistir dessas buscas e focar naquilo que Deus nos confiou.

EM UMA PALAVRA

Tenho notado que muitos de nós tendem a colocar a ênfase em uma ou duas terceiras palavras. Normalmente nas negativas. Somos desencorajados, distraídos e descarrilhados por nossos pessimistas *eu sou*, por nossas autopercepções sombrias e nossas cínicas definições pessoais.

Deve haver alguma verdade no que pensamos. Mas é provável que estejamos generalizando e simplificando, e isso fere nosso senso de propósito. Davi escreveu no Salmo 139:

> Antes mesmo de o meu corpo tomar forma humana, o Senhor já havia planejado todos os dias da minha vida; cada um deles estava registrado no seu livro, antes de qualquer um deles existir!
> Senhor, como são preciosos para mim os seus pensamentos sobre a vida, ó Deus!
> São tantos que não consigo contar!
> Se eu os contasse, seriam mais do que os grãos de areia das praias. (versículos 16-18, NBV)

Davi disse que os pensamentos de Deus a nosso respeito são *preciosos*. Isso é reconfortante. Fico feliz em saber que não são frustrantes ou irritantes, que é a forma como eu penso sobre mim mesmo muitas vezes. *Preciosos* é uma boa palavra, mas Davi não parou por aí.

Os pensamentos de Deus também são *inumeráveis*. Pense nisto por um instante. O salmista diz isto de dois modos diferentes em dois pequenos versículos: *são tantos* que *não consigo contar*; *se eu os contasse, seriam mais do que os grãos de areia das praias.*

O que isso nos diz? Que os pensamentos de Deus a nosso respeito são tão complexos como nós. Ele não nos simplifica demais. Ele não nos amontoa em

categorias ou põe rótulos com nomes científicos para colocar-nos em prateleiras organizadas alfabeticamente.

Deus nos conhece detalhada e intimamente. Ele vê nosso passado, presente e futuro. Todos os momentos, de todos os dias da nossa vida, estão diante Dele. Ele está mais ciente da nossa complexidade do que qualquer outro, incluindo nós mesmos. Ele nos desenhou, Ele tem prazer em nós e nos entende.

Então, se Deus não nos resume em uma única frase, porque nós achamos que devemos fazer isso?

Mas fazemos o tempo todo. Olhamo-nos num espelho metafórico, suspiramos de desgosto, e declaramos coisas como:

Eu sou um fracasso.

Eu sou alcoólatra.

Eu sou burro.

Eu não tenho jeito.

Sério? Com uma frase, uma palavra, resumimos toda a nossa identidade, nossa existência e potencial? Com tanta irreverência, dispensamos nosso chamado e carimbamos em nós a palavra *desqualificado*?

Isso é ridículo! Ninguém é tão simples. Somos seres que mudam, movem-se e crescem. Existem mais dimensões em nossa existência do que nas teorias científicas mais complexas de buracos de minhoca e universos paralelos que alguém poderia imaginar.

Deus mesmo Se recusou a reduzir-nos a simples imagens planas. Ele não funde todas as nossas camadas e dimensões numa imagem bidimensional. Ele não nos resume numa palavra só.

Então por que nós fazemos isso?

Não estou sugerindo que paremos de usar terceiras palavras. Elas são parte da vida e podem ser tremendamente libertadoras — quando as ouvimos corretamente.

O que estou dizendo é que devemos evitar colocar em nós mesmos tampas e rótulos muito amplos. Muito simplistas. Muito míopes.

Temos que dar crédito à nossa complexidade. Temos que abraçar o fato de que nossas identidades são algo lindo, delicado e complicado. São obras de arte, e Deus investiu muito nelas.

Estão em mau estado? Provavelmente. Estão precisando de restauração? Com certeza. Mas Deus é o restaurador, e Ele vai demorar o tempo que precisar para fazer Seu trabalho bem feito.

CAMADAS SOBRE CAMADAS

Então pergunte a si próprio: *Quem sou eu?* Gaste um tempo pensando sobre isso. Talvez você queira pegar um pedaço de papel e anotar todas as descrições que vierem à mente.

A complexidade da resposta deverá surpreender você.

Aqui estão algumas categorias para ajudá-lo a pensar, juntamente com alguns exemplos abaixo de cada uma. Incluí várias terceiras palavras negativas como exemplo, não porque eu esteja abrindo espaço para identificações com Eeyore (personagem infantil pessimista e depressivo) ou Edgar Allan Poe (bem-sucedido escritor estadunidense), mas porque essas são as que tendem a gritar mais alto e a afetar-nos mais. E mais, essa não é uma lista das coisas que você gostaria de ser, ou das coisas que você teria potencial para ser. A ideia é descrever com precisão o que você vê quando se vê corretamente.

Você utiliza em sua vida terceiras palavras relacionadas em cada uma das categorias abaixo, quer você tenha parado algum dia para verbalizá-las, ou não. Você tem camadas, e mais camadas e mais camadas de identidade.

Sugiro olhar as categorias e anotar, ao menos, uma palavra de cada uma delas. Mais de uma em alguns casos. Escreva as palavras que o descrevem ou as que você ouve ecoando em sua mente com frequência. Não precisa ser uma lista enorme, mas eu quero que veja como são penetrantes e importantes as suas terceiras palavras.

Personalidade

Eu sou tímido. Eu sou espalhafatoso. Eu sou viciado em agradar a todos. Eu sou determinado...

Caráter

Eu sou honesto. Eu sou preguiçoso. Eu sou mau. Eu sou de confiança. Eu sou egoísta...

Circunstâncias / Condições

Eu estou exausto. Eu estou curado. Eu sou abençoado. Eu estou quebrado...

Habilidades

Eu sou burro. Eu sou musical. Eu sou atlético. Eu sou fraco...

Emoções

Eu sou medroso. Eu estou em conflito. Eu estou sobrecarregado. Eu estou ferido...

Traços físicos

Eu sou devagar. Eu sou homem. Eu sou alto. Eu estou fora de forma...

Estudos

Eu sou um desistente. Eu sou um aluno nota 10. Eu sou formado no ensino médio...

Família

Eu sou solteiro. Eu sou pai. Eu sou divorciado. Eu sou viúvo...

Etnia / Cultura

Eu sou americano. Eu sou branco. Eu sou latino. Eu sou da roça. Eu sou da capital...

Sexualidade

Eu sou hétero. Eu sou gay. Eu sou lésbica. Eu sou bissexual. Eu não tenho certeza...

Ocupação

Eu sou engenheiro. Eu sou pedreiro. Eu estou desempregado. Eu sou empresário...

Espiritualidade

Eu sou católico. Eu sou ateu. Eu sou agnóstico. Eu sou cristão...

Você está começando a entender? Você tem camadas, seu cabeça de cebola! E isto é algo a celebrar. Mas também é algo a ser compreendido. Por quê? Porque, na maioria das vezes, as terceiras palavras ou frases possuem alguma

bagagem. Elas têm comprometimentos emocionais e psicológicos que ressoam em toda a nossa vida.

Deixe-me dar-lhe alguns exemplos. Observe duas ou mais categorias que listamos: etnia e ocupação. As duas são fáceis de identificar e rotular. Qualquer um pode olhar para nossas vidas, até mesmo as pessoas de fora, e percebê-las. Tanto a etnia quanto a educação são amorais, quer dizer, não são positivas nem negativas por si só.

Agora se pergunte: e se fosse diferente? Como essas categorias afetariam a forma com que eu penso, ajo e me vejo?

Eu, por acaso, sou americano. Como seria a minha vida se eu tivesse nascido em outro país? De novo, não seria necessariamente melhor ou pior, mas seria profundamente diferente. Na verdade, eu mal consigo imaginar. Iria afetar-me no meu âmago, língua, cultura, hábitos, costumes, geografia, meu desdém por futebol — minha identidade está profundamente enraizada em minha etnia.

O mesmo ocorre com a minha ocupação. Eu sou pastor e escritor. Isto colore e complica a minha vida de maneiras que eu raramente paro para considerar. Como seria minha vida se eu fosse, vamos dizer, um encanador? Isso nunca aconteceria, porque os reparos da casa são para mim um desafio, para dizer o mínimo. Mesmo depois de treze anos de casado, eu ainda não tenho uma caixa de ferramentas. Mas, só para ilustrar, se, por uma falha do universo, eu fosse um encanador em vez de pastor, tudo mudaria, das pessoas com quem eu ando às roupas que eu uso e a frequência com que vou a uma loja de materiais.

Tenha em mente que etnia e ocupação são coisas relativamente simples, terceiras palavras objetivas. E quanto ao resto da lista? E quanto às coisas internas? E quanto à minha identidade emocional ou espiritual? E meus traços de personalidade e de caráter?

E se eu fosse um introvertido ou extrovertido? E se eu fosse amargurado ou inseguro ou magoado? E se eu fosse livre ou autoconfiante ou empoderado?

E o que vem primeiro — o rótulo ou o estilo de vida? O ovo ou a galinha? O comportamento não segue o que somos?

De novo, o objetivo aqui não é o de psicanalisar ou dissecar cada camada da sua identidade. Mas quero que você veja o quanto são inclusivas, extensivas e

significantes as suas declarações de *eu sou* — suas terceiras palavras — na sua vida.

Algumas das nossas terceiras palavras são corretas, claro. Mas muitas não são. Eu não consigo enfatizar o suficiente o quanto é importante entender essas terceiras palavras e lidar com suas forças e fraquezas de forma correta. Para o bem ou para o mal, suas terceiras palavras guiam sua existência. Você tem um grande controle sobre elas, mas para controlá-las, você deve primeiro reconhecê-las.

Isso não é fácil, mas também não é impossível. Seu verdadeiro eu não é um enigma indecifrável e não solucionável. Já vimos que Deus conhece perfeitamente nossas identidades e eu creio que Ele quer nos ajudar a nos conhecermos também.

Salmo 139 termina com ele dizendo exatamente isso.

> Examine-me, ó Deus, e conheça o meu coração!
> Ponha os meus pensamentos e emoções ansiosos à prova, tome conhecimento de tudo!
> Veja se há em mim algum caminho mau e oriente-me para que eu ande pelo caminho da vida eterna.
> (versículos 23 e 24, NBV)

Davi pede que Deus o *conheça*, que o *coloque à prova* e *oriente*.

Esta é exatamente a atitude que temos que ter.

Admitir que não temos todas as respostas. Reconhecer que Deus as tem. E comprometer-se com o processo.

Sim, nós somos complicados. Não vamos nunca entender todos os fios, os nós e os emaranhados na tapeçaria da nossa identidade. Mas quanto mais você crescer no conhecimento de Deus, mais irá crescer e, eu creio, apreciar a si mesmo.

Não posso prometer que a jornada de autoconhecimento será fácil. Você pode descobrir que existem alguns armários para arrumar. Talvez coisas escondidas debaixo do assoalho. Mas, se você puder aprender a reconhecer e valorizar seu verdadeiro eu, encontrará paz e liberdade como nunca encontrou antes.

Então, você está pronto? Mesmo?


4

SENDO FRANCO

Eu amo música. Sempre amei. E acho que sempre gostei de estar no palco. Tenho certeza de que um bom teste de personalidade conseguiria diagnosticar todas as razões para isso.

Então foi natural que, na adolescência, eu montasse uma banda, repleta de visões gloriosas de esplendor. Nós escreveríamos sucessos, ganharíamos prêmios Grammy, estouraríamos mais que o Pearl Jam e dominaríamos o mundo.

Nunca chegamos a dominar o mundo, mas nós ganhamos o segundo lugar no festival de Batalha de Bandas de Quatro de Julho de Moncks Corner. Pega essa Eddie Vedder.

Certa noite, depois de uma performance particularmente inspiradora em nosso jardim, perguntei à minha mãe se ela tinha gostado. Ela disse que foi bom, mas soou muito mais como uma mãe do que como uma fã, então sabia que ela estava mentindo. Eu insisti e finalmente descobri do que ela não tinha gostado, quando me fez uma simples pergunta: “Quando vamos ouvir *você* cantar?”

Eu era o vocalista da banda, o que significava que ela não estava preocupada a respeito de seu filho ficar mais à frente sob os holofotes. Ela estava dizendo que eu, como vocalista de uma banda *cover,* estava cantando as músicas de todo mundo, de Darius Rucker a Billie Joe Armstrong, de Van Morrison a Jimi Hendrix. Cantando muito bem, devo dizer.

O que ela queria dizer era: quando vamos ouvir *você*?

Nossas vidas podem ser um pouco assim. Podemos gastar tanto tempo e energia tentando ser outra pessoa que não deixamos o mundo ver o nosso verdadeiro eu. E o pior é que *nós* não ouvimos o nosso verdadeiro eu.

O que aconteceria se nos esforçássemos a metade disso para descobrir quem realmente somos? Quantos de nós temos vivido com talentos enterrados e oportunidades perdidas porque estamos querendo ser quem *não somos* e nunca conseguimos descobrir quem realmente *somos*?

Talvez você tenha ouvido a parábola de Jesus sobre os talentos (Mateus 25). A propósito, o talento na sociedade hebraica era uma medida de peso, equivalente a cerca de 34 quilos. Nessa história, ele simboliza todos os recursos dados por Deus a nós — tempo, dinheiro, energia, habilidades e, é claro, talentos.

Na parábola, um homem rico saiu em uma longa viagem e deixou seus bens nas mãos de vários empregados. Ele entregou cinco talentos de ouro e prata — o equivalente a cinco bolsas com barras ou moedas — para uma pessoa, dois talentos para outra pessoa e um talento para outra pessoa.

Os dois empregados que receberam cinco e dois talentos trabalharam duro, usaram os talentos e dobraram o valor em dinheiro. O outro foi pelo caminho "seguro". Ele cavou um buraco e escondeu seu talento no chão.

Quando o chefe voltou, ficou impressionado com os dois primeiros e desanimado com as ações do último homem.

Quando ele perguntou ao terceiro empregado porque havia enterrado o dinheiro, sua resposta simplesmente foi: "tive medo" (versículo 25).

Às vezes fazemos a mesma coisa. Deixamos que o medo nos obrigue a esconder quem somos e aquilo que nos foi dado. Enterramos nossa identidade por termos medo de não correspondermos. Temos medo de que, se nosso verdadeiro eu for revelado, não seremos bons o suficiente. Estragaremos tudo. Seremos desclassificados.

Então nos recusamos a usar os dons que Deus nos deu. Recusamos ser o povo que Deus nos chamou para ser. E, ainda por cima, parabenizamos a nós mesmos por sermos pessoas responsáveis, humildes e sábias.

Mas, no fundo, é simplesmente medo.

A propósito, isso não é uma questão de personalidade. Não estou dizendo que você precisa ser mais extrovertido ou que deveria comprar uma moto. Estou dizendo que precisa valorizar quem você é e fazer com que o mundo ao seu redor perceba isso.

Estamos todos esperando para ouvir você cantar. Claro, você vai errar às vezes. Tudo bem. É como no karaokê, desafinar e errar a letra são as melhores partes.

Então vou perguntar de novo. Quem é você? E quando vamos ouvir o seu verdadeiro eu?

NA REAL, CARA!

O medo não é a única coisa que nos impede de sermos o nosso verdadeiro eu. Às vezes, simplesmente não queremos admitir nossas fraquezas. Você pode chamar isso de vergonha, orgulho, dignidade ou ego, mas nunca é confortável deixar nossas falhas expostas.

"Na real" é uma daquelas frases que as pessoas usam para ganhar imunidade diplomática numa conversa. Talvez você já tenha notado isso, por exemplo, quando um amigo lhe diz algo que, em outro contexto, seria extremamente inapropriado ou rude, mas ele emenda com um "na real, cara!"

Na real? E por acaso isso deveria amenizar o golpe ou cancelar a crueldade do que você acabou de falar? Porque não está ajudando em nada, cara.

Na real.

O que que isso quer dizer? Às vezes usamos autenticidade para encobrir a apatia. Eu não acho que Deus tenha dado permissão para sermos reais, porém sem entregarmos o nosso melhor. Pelo contrário, Ele quer que nos familiarizemos com a versão mais verdadeira de nós mesmos. Deus quer que desejemos profundamente nos tornarmos mais e mais parecidos com Ele.

O problema de ser real é que a realidade é uma bagunça. Caótica. Falha. O seu verdadeiro eu e o verdadeiro você possuem algumas adversidades.

É por isso que preferimos as nossas versões pessoais imaginárias. Por isso fabricamos fachadas e vestimos personagens. Críticas são irritantes porque elas nos lembram de que nossas falhas estão aparecendo, mesmo que tentemos tanto escondê-las.

Não sei como dizer isso educadamente, então vou ser direto. Muitos de nós somos simplesmente orgulhosos. Chamamos isso de perfeccionismo ou excelência, mas, na verdade, é uma obsessão em nunca errar. É o desejo de não ficar mal com os outros ou não admitir que cometemos erros. E isso torna muito

difícil sermos o nosso verdadeiro eu, pois, o nosso verdadeiro eu, está longe de ser perfeito.

Eu acho hilário que a maioria das entrevistas para emprego peça que a pessoa liste suas fraquezas. Todo mundo sabe que você não escreveria *ladrão, mentiroso* ou *reclamador crônico,* mesmo que fosse verdade. Você normalmente escreveria *trabalho demais, maníaco por organização* e *perfeccionista.* Eles deveriam chamar essa parte da entrevista daquilo que ela realmente é:

Falsa modéstia.

Perfeccionismo pode ser uma falsa modéstia muito útil para ser colocada na ficha para vaga de emprego, mas não é um estilo de vida sustentável no dia a dia. E a dificuldade em lidar com as fraquezas reais tornará difícil ficar satisfeito com o seu verdadeiro eu.

Em algum ponto, todos nós teremos que largar o orgulho e admitir nossas deficiências e dependências.

Não estou dizendo para você parar de trabalhar naquele problema pessoal de ira ou pessimismo afim de aceitar-se. Autoconfiança não é desculpa para um comportamento destrutivo.

Estou dizendo que a vida cristã é muito mais do que nos aperfeiçoarmos. O perfeccionismo é inimigo do progresso. A impossibilidade da nossa perfeição é justamente o motivo de Jesus ter morrido.

A crença de que Deus está mais interessado em nossa perfeição do que em nosso relacionamento com Ele é o berço da insegurança.

TE AMAREI MAIS TARDE

Deixe-me fazer uma pergunta rápida. Qual das alternativas abaixo é verdadeira?

a) Deus nos ama porque Jesus morreu por nós.

b) Jesus morreu por nós porque Deus nos ama.

A primeira alternativa até que soa bastante espiritual. Jesus redimiu nossa bagunça. Ele morreu por nossas iniquidades. Agora Deus está livre para nos

amar. Quando Ele nos vê, Ele vê Jesus, portanto, Ele está satisfeito. É por isso que Ele consegue nos amar e nos aguentar, certo?

Errado.

Se você já leu João 3:16, provavelmente descobriu a resposta. Deus não nos ama apenas porque Jesus morreu em nosso lugar. Jesus morreu porque Deus nos amou.

Ele nos amou *primeiro*. Antes que fizéssemos qualquer coisa, e antes que Jesus fizesse qualquer coisa. Ele nos amou antes e nos ama agora porque Deus é *amor.* Dentre todas as terceiras palavras que podemos usar para descrever Deus, a principal delas é *amor.*

O amor e a misericórdia de Deus já existiam antes de tudo. Isso O motivou a enviar Jesus para morrer por nossos pecados.

A resposta correta então é a *b*. Mas muitos de nós vivemos como se fosse a *a*, especialmente, quando se trata de lidar com nossas fraquezas e falhas. Nós pensamos, falamos e agimos como se a única forma de Deus nos amar fosse através de Jesus.

Pensamos: *foi bom Jesus ter morrido por mim, se não Deus não me toleraria.*

Como na maioria dos pensamentos errôneos, há um pouco de verdade nisso. Deus é perfeitamente santo. Nós, claramente, não somos. Nós éramos pecadores que mereciam a separação eterna de Deus. Este é o fundamento do cristianismo.

Então, de um ponto de vista jurídico legal, quando Deus olha para nós, Ele vê Jesus, e esta é a graça que nos salva.

Mas de um ponto de vista relacional, Deus não apenas nos tolera. Ele ama, procura e abraça a cada um de nós.

Acho que muitas vezes não acreditamos nisso, ou, ao menos, não vivemos como quem crê. Tendemos a pensar que a única razão para Deus não perder a cabeça e expulsar-nos do planeta é porque, quando Ele nos vê, está olhando pelas lentes de Jesus. Então Ele respira fundo, conta até dez, e não nos castiga... pelo menos dessa vez.

Enquanto isso, presumimos que Deus está enamorado com uma versão futura de nós. Nossa versão perfeita. Nossa versão inconcebível. Trabalhamos o máximo possível para nos consertarmos, pois é com isso que Deus se importa. É isso que Deus espera. É isso que devemos a Ele.

Mas, e a pessoa que somos agora? Toda bagunçada, com tropeços e cheia de erros? Sem chance! Nossa única esperança é nos escondermos atrás da graça de Jesus. É como se a Cruz fosse uma espécie de escudo.

E talvez, se conseguíssemos parar de fumar, parar de xingar, parar de gritar com as crianças e parar de comer sorvete às nove da noite, e realmente fizéssemos algo de bom com as nossas vidas, Deus poderá nos aceitar por quem realmente somos. Ele nos amará mais tarde.

E talvez, quando alcançarmos os nossos objetivos — o peso ideal, o salário ideal, o padrão ideal — conseguiremos nos amar também.

Não dá nem para começar a explicar o quão errada e prejudicial essa perspectiva é.

A Bíblia ensina justamente o oposto. Deus nos amou quando não estávamos nem aí para Ele. Quanto mais certos poderíamos estar sobre o Seu amor, agora que de fato queremos conhecê-Lo e segui-Lo?

Davi escreveu: “Como um pai que ama e compreende os seus filhos, assim o Senhor é bondoso e é compreensivo com aqueles que o respeitam e lhe obedecem. Pois ele sabe bem do que somos formados; sabe que somos pó” (Salmo 103:13-14, NBV).

Em outras palavras, Deus não fica intimidado, enojado ou frustrado com a humanidade. Ele está perfeitamente confortável com a bagunça que é ser humano.

Isso levanta a questão: se somos perfeitamente aceitos como somos, qual é a motivação para mudarmos?

Eu amo a explicação do teólogo Richard Rohr:

> Muitos de nós fomos ensinados que Deus nos amaria se e quando mudássemos. Na verdade, Deus o ama para que você possa mudar. O que dá forças à mudança, o que nos deixa desejosos por ela, é a expectativa do amor.
> É essa experiência inerente de amor que se torna o motor para a mudança.[5]

O objetivo da mudança não é o amor de Deus. Esse amor é o presente que torna os objetivos possíveis. Quando tratamos esse presente, o amor, como o objetivo, os dois se enfraquecem.

VOCÊ OUVIU O QUÊ?

Acabamos de ver duas grandes razões pelas quais evitamos ser nós mesmos: o medo do fracasso e o velho orgulho de sempre. A resposta para os dois casos é ficarmos confortáveis com nossas fraquezas, sabendo que o amor e o chamado de Deus não dependem da nossa perfeição.

Mas há outro motivo para não vivermos à altura de quem realmente somos, e é o mais difícil de diagnosticar: a *desinformação*.

Temos todo tipo de terceiras palavras e estamos plenamente convencidos de que elas são válidas. Mas nossa percepção pessoal pode estar baseada em dados errados, e, como consequência, não vivemos aquilo que Deus colocou dentro de nós.

Eu tenho um amigo chamado Wade. Um dos momentos de fama do Wade foi atuar em uma série de vídeos sobre educação sexual que passou nas escolas primárias em toda a Carolina do Sul. Isso incluía, é claro, a escola do próprio Wade, algo que ele não previu quando concordou em gravar os vídeos. Hoje ele está em seus trinta e poucos anos, e nunca superou isso.

Os vídeos foram feitos nos anos 80, então eram muito caseiros. Eles eram tão ridículos que cheguei ao ponto de passar um deles num domingo de manhã na igreja para todos nós podermos rir juntos do meu amigo. Eu tenho um senso de humor um pouco estranho, eu sei.

Nesse vídeo em particular, Wade faz o papel de um garoto chamado Petey. Petey e seu amigo Steve estavam jogando basquete e vestindo o que eu presumo que eram calças jeans Bugle Boy e tênis da Reebok. Um homem mais velho, claramente um professor, está ao lado, prestando atenção. A competição começa a esquentar. Em certo ponto, Steve salta e Petey acidentalmente é atingido entre as pernas.

Petey grita “ai!”. Geme. Sai cambaleando pela quadra e cai no chão. Foi uma performance digna do Oscar da Carolina do Sul.

Steve corre até lá e pergunta com aquela voz de Família Sol-Lá-Si-Dó[NT][6]: “Pete, você tá bem? Desculpa, cara!”

“Ohhhh. Eu tô com vontade de vomitar.”

Imediatamente o estranho adulto corre até eles e fala: “Aguenta aí, meninão. Eu sei que dói. Nada dói mais do que ser acertado na virilha”.

E finalmente o Steve solta a pérola: “Nossa, cara, é melhor ter cuidado. Ouvi dizer que ser acertado aí pode dar câncer!”

Neste ponto, o professor/herói vira para o Steve com os olhos apertados, perguntando de forma descrente, quase ameaçadora: “Você ouviu *o quê*?”

E... a tela fica preta.

A frase “Você ouviu o quê?” vira o ponto máximo do vídeo, para encorajar as crianças a se informarem com fontes confiáveis.

É um bom conselho quando se trata de educação sexual e acidentes bizarros no basquete. Também não é um mau conselho quando se trata da nossa identidade.

Existem terceiras palavras vagando em nossa cabeça, e que não as colocamos lá conscientemente. Não as escolhemos nem as aprovamos. Elas se infiltraram há muito tempo e ali ficaram, sem questionamentos e sem censura.

E, às vezes, elas estão totalmente erradas.

Muitos de nós decidimos, há muito tempo, quem somos. E é difícil que qualquer pessoa consiga dizer-nos o contrário.

Talvez tenha sido algo que um parente ou um amigo tenha dito, e aquilo ficou conosco por tanto tempo que se tornou parte da nossa psique. Talvez tenha sido uma tragédia ou um erro, e o trauma daquele momento ficou estampado em nós. Prometemos a nós mesmos que nunca mais iríamos tentar novamente para não voltarmos a cometer o mesmo erro.

Quando permitimos que terceiras palavras erradas programem nosso sistema operacional, não é por acaso que nos sentimos desqualificados. Estamos nos avaliando com base em suposições e acusações que têm pouca ou nenhuma base real. Quando enchemos nossa imaginação com memórias distorcidas e medos infundados, envenenamos nosso potencial.

Está na hora de desafiarmos essas terceiras palavras. É hora de olharmos um pouco incrédulos para nós mesmos e dizermos: “Você ouviu o quê?”

PRIMEIRAS IMPRESSÕES

Tenho certeza que você já ouviu o ditado: “Não existe uma segunda chance para uma primeira impressão”.

É um grande provérbio. Se você estiver para conhecer uma pessoa que poderá vir a tornar-se seu cônjuge, ou seu chefe, ou alguém significativo para a sua existência, você vai querer passar a melhor primeira impressão possível. Vai querer vestir o melhor terno, tentar impressionar e mostrar todos os seus pontos fortes. Conquistar o apreço dessas pessoas pode significar um futuro totalmente novo.

Mas, quando se trata de Deus, a palavra *impressão* não se aplica. Primeiras impressões, segundas impressões, falsas impressões, últimas impressões — são todas irrelevantes porque Ele conhece o seu verdadeiro eu. Ele enxerga além da fachada e o reconhece por aquilo que você é.

Você não precisa impressioná-Lo para ganhar o Seu favor. Isso é uma mentira que assombra igualmente tanto os cristãos como os não cristãos. Muitas vezes pego essa mentira espreitando as sombras do meu coração. Cremos que temos que nos limpar antes de nos achegarmos a Deus. Presumimos que a Sua graça, bondade e amor pertencem apenas a aqueles que provaram ser dignos.

Mas essa não foi a mensagem que Jesus veio trazer nem foi o Deus que Ele nos mostrou.

Olhe para cada alma humana que Jesus encontrou, para os discípulos que Ele escolheu a dedo, para os pecadores com quem jantou e para o ladrão que Ele perdoou na Cruz! Jesus viu o melhor nas pessoas nas piores situações. Ele as encontrou em suas bagunças, suas realidades, seus momentos mais desesperados. Ele as amou e acreditou nelas quando não existia nada de amável ou admirável sobre elas.

Você não precisa passar uma boa impressão para Deus.

Mas precisa *sim* ser honesto com Ele, e com você mesmo.

A resposta para nossos problemas de identidade não está em nós mesmos. Está em Jesus. Encontramos nossa real identidade quando filtramos nossas terceiras palavras através da realidade de *Cristo em nós.*

Então vamos ver o que acontece quando a sua terceira palavra encontra o poder de Deus.


5

UM NOVO MODO DE USAR O NOME DE DEUS

Depois de 1º de junho de 2002, a garota chamada Holly Boitnott não existia mais.

Qual o motivo? Porque, nesse dia, ao qual me refiro como “o maior dia da vida dela”, ela se tornou Holly Furtick.

O que aconteceu quando minha esposa recebeu meu nome? Ela não só recebeu uma nova carteira de motorista e um novo passaporte. Ela não só trocou um sobrenome impossível de ser pronunciado por outro.

Quando Holly recebeu meu nome, ela se tornou uma comigo. Como se nossas corporações passassem por uma fusão.

E ela ficou com a pior parte do negócio. Isso é incontestável.

Mas, de qualquer forma, aquilo que nós somos, somos juntos. O que fazemos, fazemos juntos. O que temos, temos juntos.

Você recebeu o nome de Jesus quando se tornou um cristão. Foi, sem sombra de dúvida, o maior dia da *sua* vida. Foi o dia em que você deu a Ele tudo de si e recebeu tudo Dele em troca. E é bastante óbvio quem ficou com a melhor parte do acordo.

Você se tornou um com Jesus. Quem Ele é, você é. O que Ele tem, você tem.

O apóstolo João diz: “Nisto é em nós aperfeiçoado o amor, para que, no Dia do Juízo, mantenhamos confiança; pois, segundo ele é, também nós somos neste mundo” (1 João 4:17, ARA).

Segundo ele é, também nós somos. Em outras palavras, nossa identidade está embrulhada na Dele. Quem nós somos emana de quem Ele é.

Tudo mudou no dia que você recebeu o nome Dele.

OMG

Mesmo que este subtítulo tenha feito você achar isto um pouco estranho, continue lendo.

Tenho certeza de que você já ouviu falar dos Dez Mandamentos. Talvez tenha até memorizado alguns deles. Eles foram dez diretrizes que Deus deu a Moisés para que fossem entregues a Israel logo após saírem do Egito: *Não adorem outros deuses. Não façam ídolos. Não trabalhem no Sábado. Obedeçam a seus pais. Não matem pessoas. Não durmam com pessoas com as quais não sejam casados. Não peguem coisas que não são suas. Digam a verdade. Não cobicem o que é dos outros.*

Só coisa boa, certo? Coisas com as quais a maioria de nós concordaríamos.

Mas, se você está contando, notou que eu pulei um. É aquele que eu sempre entendia errado enquanto crescia. Ele aparece em Êxodo 20:7: "Não tomarás *o nome do Senhor, teu Deus, em vão, porque o Senhor não terá por inocente o que tomar o seu nome em vão"* (ARA).

Sempre fui ensinado que este mandamento possui uma aplicação muito limitada e específica. Basicamente se resume em não dizer "Meu Deus!" quando estiver chocado ou empolgado. Significa também não dizer "Jesus!" quando alguém fecha você no trânsito.

Quando criança, e até mesmo quando adulto, eu não conseguia entender por que esse negócio de "nome-de-Deus-em-vão" era tão sério. De todos os mandamentos e princípios que Deus poderia ter incluído, por que esse fazia parte dos dez mais importantes?

Se você está no meio cristão há algum tempo, provavelmente deve ter notado que as nossas aplicações deste mandamento podem fugir um pouco do controle. Como por exemplo quando, certa vez, um sujeito bem-intencionado me chamou para almoçar com ele para que pudesse expressar uma grande preocupação: o meu uso inapropriado de expressões derivadas de "o nome do Senhor em vão". Palavras como "Meu Deus!", entre outras.

Já vi pessoas debaterem assiduamente se OMG é apropriado em mensagens de texto ou não.[NT][7]

Senhor, nem sei como responder a isso.

Num tom mais sério, é verdade que mencionar o nome de Deus de forma respeitosa em conversas é um bom começo. Eu concordo com isso. Mas este mandamento é muito mais do que a forma como você usa o nome de Deus no seu vocabulário. Trata-se de como você acolhe o nome Dele no seu *estilo de vida*. Foi assim que os hebreus entenderam.

Será que eu utilizo o Seu nome de maneira apropriada e honrosa? Ou será que faço isso em vão? Em outras palavras, será que eu vivo de acordo com o que Ele é? Será que minha vida reflete a Sua identidade? Ou eu vivo como se nunca O tivesse conhecido, como se nunca tivesse recebido o Seu nome ou nunca tivesse sido de Sua família?

Infelizmente, minha tendência — e talvez a sua — é a de aceitar isso quase que como uma ameaça. Nós pensamos que o foco de Deus é o nosso comportamento. Sentimo-nos um pouco como uma criança que está sendo malcriada em público, e seu pai sussurra avisos em seu ouvido enquanto dá um sorriso amarelo para encobrir o fogo e o furor de sua ira.

Podemos imaginar Deus dizendo: "É melhor você não me fazer passar vergonha". "É melhor você se comportar como Eu, falar como Eu falo e representar-Me de maneira apropriada".

Mas nossas ações são só uma pequena parte daquilo que significa usar o nome de Deus em vão e são as menos importantes no longo prazo.

Na verdade, esse mandamento está diretamente conectado às nossas terceiras palavras, às nossas identidades, à forma como nós nos vemos.

Lembre-se de que o nome de Deus é EU SOU. Então, toda vez que tomamos Seu nome e preenchemos a terceira palavra com coisas que são contrárias ao que Deus diz sobre nós, estamos tomando Seu nome em vão. Quando permitimos que nossas terceiras palavras superem as terceiras palavras de Deus, estamos tratando Seu nome como se fosse vazio e sem importância.

Talvez você pense ou diga: "Eu sou... patético!"

Mas Deus responde com: *Você pode até sentir-se assim, mas você está usando o Meu nome, e Eu sou... poderoso. E se Eu estou em você, você não é mais patético. Você possui todo o poder que existe em Meu nome.*

Você consegue ver como isso é revolucionário? Não é uma ameaça para levar-nos de volta à obediência. É uma permissão para agirmos como realmente

somos... *Nele*.

Deus está nos entregando o dom da identidade.

Sua identidade.

Sua suficiência.

Suas qualificações.

Deus quer lhe dar o nome Dele, mesmo na sua situação atual, na sua fraqueza e na sua necessidade.

Mas você tem que primeiramente aceitá-la.

Você precisa aprender a usar este dom.

COMO SER A SELFIE DE VOCÊ MESMO

Nossa identidade começa com a identidade de Deus e depende dela.

A.W. Tozer escreveu: “O que vem à nossa mente quando pensamos sobre Deus é a coisa mais importante sobre nós”.[8]

Deus nos define. Quem Ele é completa as lacunas de quem nós somos. Nosso conceito sobre Deus respinga em cada faceta de nossas vidas, esculpindo e colorindo as nossas identidades. Determina as terceiras palavras nas quais acreditamos a respeito de nós mesmos e as terceiras palavras que rejeitamos.

Não apenas é impossível separar quem nós somos de quem Deus é, como também é perigoso. J. I. Packer alertou sobre isso em seu livro:

> Para quem não conhece a Deus, o mundo se torna um lugar estranho, louco, penoso, e viver nele pode ser decepcionante e desagradável. Despreze o estudo de Deus e você estará sentenciando a si mesmo a passar a vida aos tropeções, como um cego, como se não tivesse nenhum senso de direção e não entendesse aquilo que o rodeia. Deste modo poderá desperdiçar sua vida e perder a alma.[9]

O pensamento de que podemos encontrar a nós mesmos sem antes encontrarmos a Deus é uma falácia. É ignorância e arrogância mascarada na forma de autoiluminação. “Descobrir a si mesmo” é um passatempo imensamente popular em nossa cultura. Mas, por si só, é uma empreitada que está condenada ao fracasso.

Os próprios termos que usamos destacam o problema: autoajuda, autoestima, autodescoberta, autorrealização, autoaperfeiçoamento, autoaceitação.

Qual é o termo em comum nestas palavras?

Auto.

Começar em si mesmo é a largada errada.

Eu não diria que o *eu* é o problema. Não estou defendendo que abandonemos nossas individualidades e nos tornemos clones de um conceito de perfeição ilusório e inatingível.

Mas, se realmente queremos nos descobrir, se realmente queremos saber se somos ou não qualificados, temos que olhar além de nós mesmos. Temos que olhar para Aquele que nos criou.

Claro, mesmo sem Deus, podemos compreender a nós mesmos, em partes. Podemos explorar nossos temperamentos e personalidades. Podemos definir o que gostamos e o que nos desagrada. Podemos listar nossas aptidões e incapacidades. Podemos tatear nossos caminhos ao longo de nossos labirintos emocionais e mergulhar fundo em nossos traumas enterrados.

Existe um lugar para tudo isso. Não sou contra psicólogos, psiquiatras ou ensinamentos de autoajuda. Eles existem precisamente pelo motivo de toda esta questão de identidade estar tão profundamente arraigada em nós.

Mas, separados de Deus, é impossível ter uma imagem clara de quem nós somos, pois nossa identidade está intimamente, intrinsecamente e inseparavelmente ligada à Dele.

Este não é um conceito particularmente popular em uma cultura definida pelo *eu*. Uma cultura distraída pela imagem, brilho e pose. Uma cultura obcecada em expulsar limitações e controlar seu próprio destino.

Mas, na verdade, conhecer a Deus é incrivelmente libertador.

Quando você descobre quem Deus é, descobre quem você é. E quando você descobre quem você é, não precisa mais sofrer com insegurança e autopromoção, que é o que define muito da sociedade de hoje. Você não sofre mais a pressão de ter que estar à altura, de ter que estar qualificado.

Você está livre para ser você mesmo.

O apóstolo Paulo descreveu essa situação dessa forma: “Porque, agora, vemos por espelho em enigma; mas, então, veremos face a face; agora, conheço

em parte, mas, então, conhecerei como também sou conhecido". (1 Coríntios 13:12, ARC).

Esta é a terceira palavra que destrava todas as outras.

Eu sou... *conhecido*. Por quem? Por um Deus paciente, gentil e onisciente.

Olhar para si mesmo através de qualquer outra janela é a garantia de obter uma imagem distorcida.

A MAIOR PERGUNTA DA VIDA

Então, se descobrir a identidade de Deus é tão importante, como descobrir quem Deus é? Como podemos compreender o Invisível, Eterno, Todo-Poderoso, Todo-Conhecedor e Criador do universo? Como podemos nos relacionar com o Deus que curva o tempo, espaço e gravidade à Sua vontade? Especialmente quando existem infinitas interpretações sobre Ele que, muitas vezes, se contradizem drasticamente?

Parece intimidador.

Mas não precisa ser.

Quando se trata de encontrar Deus, nós não precisamos procurar muito. Ele Se revelou a nós em Jesus. Por trinta e três anos Jesus caminhou neste planeta, mostrando-nos como Deus pensa, fala e ama.

Curiosamente, Jesus Se revelou a Israel usando exatamente o mesmo nome que Deus usou com Moisés muitos anos antes: EU SOU.

Este fato é encontrado em João 8. Nesse contexto, Jesus estava em uma acalorada discussão com um grupo de israelitas sobre quem Ele era e por que Ele veio. Eles estavam confusos, e nada do que Jesus dizia parecia convencê-los.

Mas a última gota veio quando Jesus deu a dica de que conhecia Abraão, que, é claro, estava morto havia alguns milênios.

Seus ouvintes debochadamente perguntaram como Ele poderia ter visto Abraão quando, na verdade, Ele não tinha nem cinquenta anos de idade ainda.

Jesus respondeu: "Em verdade, vos digo que, antes que Abraão existisse, Eu Sou!" (versículo 58)

Eu Sou. Aqui estão estas duas palavras novamente. As palavras que definem e redefinem a nossa existência. As palavras que preparam as nossas terceiras palavras e nos convidam para vivermos na identidade de Deus.

Jesus não estava tentando confundi-los. Ele estava tentando dizer-lhes que Ele era Deus.

Era simples assim.

Jesus é o Eu Sou. Deus é o Eu Sou. Portanto, Jesus é Deus.

Jesus queria que Seus ouvintes entendessem que Ele era a pessoa que eles esperavam. Ele era a resposta para as suas necessidades, seus medos, suas fraquezas e seus pecados.

Ele era o caminho *para* Deus, pois Ele *era* e *é* Deus.

Mais tarde, em Seu ministério, Jesus teve com Simão Pedro uma conversa sobre sua identidade. Jesus fez a ele uma pergunta muito importante. Aqui está como Mateus descreveu a conversa:

> Chegando Jesus à região de Cesareia de Filipe, perguntou aos seus discípulos: "Quem os outros dizem que o Filho do homem é?" Eles responderam: "Alguns dizem que é João Batista; outros, Elias; e, ainda outros, Jeremias ou um dos profetas." "E vocês?", perguntou ele. "Quem vocês dizem que eu sou?" Simão Pedro respondeu: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo." Respondeu Jesus: "Feliz é você, Simão, filho de Jonas! Porque isto não foi revelado a você por carne ou sangue, mas por meu Pai que está nos céus. E eu digo que você é Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do Hades não poderão vencê-la." (16:13-18)

Simão sabia a resposta certa para a pergunta de Jesus. Jesus era o Messias, o Salvador, Deus.

Esse foi um momento e tanto para Simão que, na verdade, tinha um histórico de falar besteiras. Mas, dessa vez, quando realmente importava, ele acertou.

Quem você diz que Jesus é?

Esta é a maior pergunta da vida. Acertar esta pergunta é, ao mesmo tempo, a grande essência da salvação e o início de uma jornada para a vida toda.

Nós somos salvos quando reconhecemos e acreditamos em Jesus como nosso Senhor e Salvador, mas isso é só o início do nosso relacionamento com Ele. Conhecer Deus como Ele é realmente é fundamental para descobrirmos por que Ele nos fez e quem Ele quer que sejamos.

Esta primeira pergunta nos leva então a uma segunda pergunta:

Quem você diz que você é?

O que pensamos a respeito de Jesus é fundamental para o que pensamos sobre nós mesmos. Quando Simão corretamente identificou quem Jesus era, Jesus identificou quem Simão era: “E eu digo que você é Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja” (versículo 18).

Até aquele momento, o pescador da vila de Betsaida atendia por Simão. No entanto, depois disso, ele passou a ser chamado de Rocha. É isso que *pétros*, ou Pedro, significa em grego. Nada mal para um apelido. Isso sugeriria que Pedro, mesmo com suas imperfeições tão evidentes, seria fundamental para o movimento que Jesus estava estabelecendo.

A partir da confissão de Simão a respeito da identidade de Jesus, foi dada a ele uma nova percepção a respeito de sua própria identidade.

Antes...

Eu era Simão.

Agora...

Eu sou Rocha.

O que mudou, naquele momento, não foi o que Pedro era, mas sua própria *visão* de quem ele era.

Jesus disse que ele era rocha. Isso significa que ele era qualificado.

De repente, Pedro tinha esperança. Ele tinha um futuro. Ele era capaz de ver o homem que ele realmente era e o homem no qual estava se tornando, pois Jesus havia mudado sua terceira palavra.

“Você é Pedro.”

Deus quer nos dar revelações de quem nós somos. Ele quer nos mostrar nosso valor agora, e quer abrir nossos olhos para o que podemos nos tornar Nele.

Mas aqui é a parte difícil. Muitos de nós chegamos ao ponto de fazermos afirmativas teologicamente corretas sobre quem Jesus é, mas jamais estabelecermos uma conexão entre quem Ele é e quem nós somos agora que estamos Nele.

Sabemos a teologia correta, mas não a aplicamos em nós mesmos e nos estilos de vida que levamos. Nós, essencialmente, estamos usando Seu nome em vão. Não porque não O valorizamos ou honramos, mas porque não percebemos

quão poderosamente Seu nome pode permear nosso presente e transformar nossa existência.

Podemos ser salvos e ir para o Céu, mas até que organizemos nossas terceiras palavras, vamos vaguear desorientados e distraídos ao longo de nossas vidas neste planeta. Vamos desperdiçar tempo, recursos, energia e sonhos.

Eu acredito que Deus quer nos levar em uma aventura onde descobriremos Ele e nós mesmos. É uma jornada que nos conduzirá a um senso de realização como nunca imaginamos.

Ao longo do caminho, penso que uma coisa irá destacar-se: na maioria das vezes, nossas terceiras palavras não serão grandes o suficiente. Elas não farão jus ao nome de Deus. Nós nos acomodamos na mediocridade, pois é acessível e aceitável, e porque pensamos que é o que merecemos. Mas Deus tem muito mais para nós. Isso vem com o nome. É parte do negócio.

Você acredita que Jesus morreu por *você?* Que o Seu sacrifício pagou por sua culpa e vergonha de uma vez por todas? Que isso o trouxe para a família de Deus como um filho ou filha com todos os direitos e privilégios? Você acredita que Deus não poderia amar você mais ou menos do que Ele ama neste momento, não importa o que você faça ou deixe de fazer?

Se sim, é hora de agir como tal.

Frequentemente nós não levamos Jesus em consideração quando preenchemos nossas terceiras palavras. Então as palavras e frases que usamos para descrever-nos acabam sendo muito pequenas, muito limitadas, muito condicionais e muito defensivas.

Deus quer explodir a tampa de suas expectativas em relação a si mesmo. Pare de falar sobre quem você não é e o que você não pode fazer e comece a ouvir o que Deus diz a respeito de sua vida. Pare de rotular-se e comece a permitir que Deus faça o que Ele quer fazer em você, com você e através de você.

OQJDSM

Compreender quem Jesus é não é só uma questão impalpável na qual meditamos, tarde da noite, quando estamos tentando dormir. Não é só mais um

tópico para especialistas debaterem ou professores pomposamente tecerem considerações.

Esta questão atinge o cerne do entendimento de quem você é e como você vive, especialmente quando você está lidando com as falhas de sua própria humanidade.

Talvez você apenas tenha novamente vacilado no seu trabalho e agora está desempregado novamente. Isso ocorre com frequência, e você se odeia por isso.

Talvez você tenha gastado mais do que sua renda permite, brincando com suas contas e créditos como se fosse Las Vegas, mas agora suas dívidas o encontraram e a falência é uma sombra à sua porta.

Talvez você tenha traído seu cônjuge e não consegue recuperar a confiança que foi perdida. Você desapontou a pessoa que mais se apoiava em você e não sabe se algum dia será capaz de consertar a bagunça que causou.

Talvez você tenha tido a oportunidade de avançar em sua carreira, mas deu ouvidos ao medo e não se arriscou. Você perdeu o momento, e agora está frustrado porque parece que você está sempre devagar demais, tímido demais, inseguro demais.

E você imagina: *Será que estou agradando a Deus? Será que Ele pode aceitar quem eu sou, mesmo com o meu verdadeiro eu, quebrado, falho, desqualificado e tão... horrivelmente... humano?*

Se é difícil para você acreditar que Deus poderia amá-lo e aceitá-lo, tente pensar sobre a opinião de Jesus a seu respeito. Afinal de contas, Jesus veio para revelar o coração de Deus. Então, o que Jesus pensa a seu respeito é o mesmo que Deus pensa a seu respeito.

Você se lembra das pulseiras WWJD? Michelle Haynes comprou uma para mim, quando eu tinha dezesseis anos, e eu usei até os dois *Ws* sumirem de tão gastos. Uma indústria de milhões de dólares nasceu de uma simples pergunta: *O Que Jesus Faria? (What Would Jesus Do? – WWJD)*

E, é claro, surgiu daí todo tipo de subprodutos comerciais como: O que Jesus dirigiria? O que Jesus comeria? E, um dos meus favoritos, O que o Scooby faria?

WWJD. É uma ótima pergunta, e, em um momento de indecisão, confusão, ou tentação, ela pode ajudar você a decidir qual caminho escolher.

Concordo que o que *fazemos* é determinante. Mas quem nós *somos* é ainda mais importante. O que fazemos sempre vai seguir quem nós somos — ou quem pensamos que somos. Então, temos uma pergunta melhor a se fazer: *O Que Jesus Diz Sobre Mim?*

A sequência de letras OQJDSM pode não ser tão cativante. Mas a resposta a esta pergunta irá revolucionar sua existência, assim como revolucionou a de Pedro.

O que Jesus diz sobre você? Sobre seus problemas? Sobre suas necessidades? Sobre seus pecados?

Se você ler os Evangelhos, não demorará muito para perceber que Jesus era realmente bom em amar e ajudar pessoas problemáticas. Olhe para a vida de Jesus. Olhe para as pessoas com quem Ele falava, comia e andava. Olhe para como Ele reagia às pessoas em pecado. É assim que Ele reage a você, e é isso que Ele pensa a seu respeito.

Jesus veio para colocar mãos e pés no amor que Deus tem pela humanidade caída. Jesus amava estar com pessoas cruéis, egoístas, viciadas e ruins. Ele não desanimava com a vergonha nem com o fedor. Ele passava seus dias com os rejeitados e arruinados. Ele se encontrava com as pessoas em suas bagunças, e Seu amor e aceitação completa de coração as transformava para sempre.

Lembra da mulher pega em adultério? Talvez você conheça a história. Está em João 8, e é um dos momentos de maior revelação no ministério de Jesus.

De alguma forma, alguns líderes religiosos pegaram aquela mulher no ato pecaminoso, na maior definição de imoralidade. Eles decidiram que fariam dela um exemplo. Eles iriam expor suas falhas publicamente, preparando uma armadilha para Jesus.

Então os líderes religiosos a arrastaram para diante de Jesus e perguntaram a Ele o que deveria ser feito. Eles deveriam apedrejá-la, conforme a Lei ordenava? Ou deveriam deixá-la ir embora, desrespeitando, assim, a justiça?

Se você leu a história, já sabe o que aconteceu em seguida. Jesus não a condenou. Se pudéssemos dizer que Ele condenou alguém, diríamos que condenou os que a condenavam. Ele mostrou que, na realidade, eles não eram mais santos que a mulher. Eles precisavam de graça, misericórdia e esperança tanto quanto ela precisava.

Então, um a um, fugiram dali envoltos em um silêncio de vergonha. Aqui está o fim da história:

> Jesus pôs-se em pé e perguntou-lhe: “Mulher, onde estão eles? Ninguém a condenou?” “Ninguém, Senhor”, disse ela. Declarou Jesus: “Eu também não a condeno. Agora vá e abandone sua vida de pecado.” (versículos 10-11)

Não consigo exagerar a significância da forma como Jesus tratou aquela mulher e o seu pecado. Foi o extremo oposto de como aquele grupo de judeus esperava que Deus reagisse.

Para eles, Deus era um Deus de santidade, de justiça e de julgamento. Ele era o Deus perfeito que Se importava com os mínimos detalhes da lei. Essa era a mensagem que os fariseus impunham às pessoas.

Como em outras vezes, esse entendimento havia sido construído sobre elementos verdadeiros: Deus é um Deus santo, e o pecado é uma afronta à Sua natureza. O pecado separou a humanidade de Deus e merece punição e morte.

É exatamente por isso que Jesus veio para a Terra. Ele não estava aqui para julgar aquela mulher. Ele estava aqui para salvá-la. Ele não era o acusador dela. Ele era o advogado de defesa.

Então Ele a deixou ir.

A justiça foi desprezada? Não, pois, no fim das contas, Ele sabia que carregaria a punição pelo pecado que ela havia cometido, assim como cada pecado cometido por cada ser humano no curso da história. Incluindo o meu. Incluindo o seu.

Como Jesus reage ao nosso pecado? Da mesma forma com que Ele reagiu nessa situação. Ele nos defende. Ele nos protege. Ele dissipa nossas maldições. E Ele nos dá a esperança de que poderemos viver de forma diferente no futuro.

O mais fascinante sobre aquela mulher, para mim, é que nem sabemos o nome dela. Nós sempre a chamamos de “a mulher pega em adultério”.

Imagine o rótulo! Ela sempre foi definida pelo seu maior erro.

Pelo menos para nós.

Mas não foi assim que Jesus a viu naquele dia. Não foi assim que Deus a nomeou.

Eu acho que quando chegarmos ao Céu, vamos pedir para conhecer a pessoa conhecida como A Mulher Pega em Adultério.

E as pessoas dirão: “Quem? Não tem ninguém aqui com esse nome. Ah espera... você está falando da Mulher Que Não Foi Julgada Por Seu Adultério? Aquela que é conhecida por aqui como A Mulher Que Jesus Perdoou? A pessoa que gostamos de chamar de A Mulher Que Foi e Não Pecou Mais? Ela está bem ali. Ela usa um nome diferente agora”.

Enquanto escrevo sobre isso, lembro-me de que tenho um amigo que, certa vez, visitou uma igreja em que os membros chamavam esta passagem da Bíblia de “A História dos Homens Pegos Jogando Pedras”. Muito bom.

Não me entenda mal. Não estou dizendo que erros não importam. O pecado é terrível. Perdas, falhas e tragédias doem demais. Então não estou encobrindo a dor nem justificando pecados.

Mas veja como Jesus amou as pessoas e aplique isso às suas condições e à sua realidade. Deixe que o amor de Deus, que foi personificado em Jesus, complete as suas terceiras palavras. Aprenda a olhar para si mesmo através dos olhos Dele. Filtre suas autodefinições e autoavaliações através das lentes da misericórdia, da bondade e do poder de Deus. Deixe que Ele decida o que irá qualificar você.

João resumiu a missão de Jesus da seguinte forma: “Pois Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para condenar o mundo, mas para que este fosse salvo por meio dele”(João 3:17).

Essa ainda é a vontade de Deus. Dois mil anos depois, Ele ainda está, de todo coração, comprometido em salvar o mundo, não o condenando, através de Jesus.

Quando você está face a face com seu fracasso, é muito fácil desistir de si mesmo e aceitar os rótulos, limites e tampas que seu passado quiser impor a você, como:

Eu sou pecador.

Eu sou infiel.

Eu sou viciado.

Eu sou desgraçado.

Eu sou indigno.

Mas, em Cristo, nossos acusadores se vão. E Aquele, cuja opinião é a mais importante, está na sua frente, com um sorriso no rosto e doçura em Seus olhos. Ele lhe diz que existe esperança. Existe um futuro. Você pode viver uma vida diferente. Você pode se tornar a pessoa que Ele o fez para ser.

ACEITAR PARA TROCAR

Eu tenho fraquezas e você também tem. Isso é certo. Mas este não pode ser o fim da história. O que faremos com elas?

Nós viveremos com elas?

Nós as negaremos?

Nós oraremos por elas?

Nós as consertaremos?

Não faz muito tempo, eu achava que sabia a resposta. Na verdade, eu tinha duas respostas.

O problema é que elas eram contraditórias.


6

O OPOSTO DE DEUS

Meus filhos, Elijah e Graham, sendo irmãos, homens, e filhos do pai deles, são um pouquinho competitivos. E *um pouquinho* quer dizer extremamente, violentamente, de-lançar-o-irmão-pelas-paredes-se-for-preciso.

Hoje eles estão com dez e oito anos. Todo dia de manhã, quando acordo e saio do meu quarto, eles vêm me dar um abraço. Eu os ouço antes mesmo de vê-los.

Parece fofo, mas não é. Não tem nada a ver com amor inocente de criança ou um entusiasmo sem fim para cumprimentar o papai.

É uma corrida. É uma caçada.

E eu sou, ao mesmo tempo, a linha de chegada e a presa.

Esses são os abraços mais brutais que se possa imaginar. Aprendi a preparar-me para eles. Já até pensei em deixar um protetor pélvico ao lado da cama.

A competição e a comparação acabam vindo junto. Nenhum dos irmãos admite que o outro tem pontos fortes, qualidades ou vantagens. Isso seria como admitir a derrota.

Então, não importa o elogio que eu faça para qualquer um deles, o outro sempre arruma um jeito de desmentir.

Às vezes, só para ver o circo pegando fogo (o que há de errado comigo?), eu faço uma pergunta do tipo: “Elijah, você não acha que Graham é o menino de oito anos mais forte do mundo?”

E ele responde algo como: “Claro, só se for o dia dos avessos”.

Dia dos avessos. Uma forma esperta de reverter tudo que acabei de dizer e de sair vencedor daquele combate verbal.

No entanto, Deus é o fundador do dia do avesso. Não no sentido de negatividade ou contradição, é claro. Deus não tem a intenção de frustrar-nos ou provocar-nos. Mas Deus tem uma forma sorrateira de fazer o oposto do que

esperamos ou merecemos. Seus valores e prioridades são diferentes dos nossos. Seus pensamentos são mais altos que os nossos.

E, sem falhas, o que Deus faz até mesmo através de nossas fraquezas, é maior, melhor e mais corajoso do que jamais pedimos ou pensamos.

Quando olhamos para nossos problemas e erros, temos a tendência de nos rendermos à condição em que estamos. *Nunca terei sucesso,* nós pensamos. *Meus melhores esforços são muito pequenos e muito tardios. Não existe esperança.*

Mas Deus sorri. E Ele responde: “Normalmente isso seria verdade — na sua própria força. Mas Eu declaro oficialmente que este é o dia do avesso. Então tudo que você falou de negativo sobre você mesmo foi revertido. Você pensou que era fraco, mas, na verdade, você é forte. Você pensou ter falhado, mas Eu estou preparando você para seu maior sucesso. Você pensou ser desqualificado, mas seu chamado é mais certo do que nunca. É o dia do avesso!”

É uma ilustração boba, e compreendo que pode soar um pouco simplista. Mas entender a habilidade de Deus e a Sua inclinação em realizar o oposto do que merecemos tem me transformado e libertado. Tem revolucionado como eu processo fraquezas e falhas, tanto as minhas quanto as dos outros.

Isto é o centro de tudo que estou falando neste livro.

Frequentemente nós fazemos um balanço de todas as nossas terceiras palavras negativas e, em desespero, acabamos desistindo. Nossos problemas ficam dolorosamente aparentes e nossas falhas agonizantemente óbvias. Então nós arquivamos nossos sonhos na pasta “contos de fadas”. Nós somos quem somos e tememos que nada possa mudar isto.

No entanto, no fundo de nossas almas, sabemos que tem que haver esperança. Lemos a Bíblia e vemos um Deus de milagres, de poder para ressuscitar, das chances impossíveis. Alguma coisa dentro de nós nos diz para tentarmos de novo e acreditarmos mais uma vez.

Então, o que fazemos com nossas fraquezas? Como reagimos ao fato de que somos falhos e de que nossas falhas parecem nos desqualificar para aquilo que sonhamos?

Como mencionei anteriormente, existem duas respostas possíveis para esta questão, mas elas são difíceis de serem conciliadas.

Uma resposta é *aceitar* quem nós somos. A Bíblia tem muito a dizer a respeito disso: sobre nossa humildade, sobre nossa condição, sobre nossa necessidade por Deus e sobre encontrar nosso valor em Jesus. Você pode fazer uma sólida argumentação bíblica para admitir e aceitar até as suas terceiras palavras menos lisonjeiras.

O problema nisso é que parece diminuir o poder de Deus de transformar-nos. Isso nos sentencia à prisão de nossa própria condição presente.

Devemos realmente nos render a quem somos, com nossas tendências prejudiciais e destrutivas? Devemos determinar a nós mesmos a simplesmente nos amarmos mais? Devemos redefinir o bom e o mau para nos sentirmos bem sobre o nosso atual eu, a versão com a qual temos que lidar todos os dias?

Isso não parece certo. Este não é o Deus que vemos na Bíblia. Não somos um caso perdido, sem esperança, vítimas dignas de pena. Somos mais que vencedores em Jesus.

A segunda resposta é *trocar* nossas fraquezas por forças. É permitir que Deus nos transforme, arrume e mude. É apagar nossas terceiras palavras e deixar que as palavras de Deus preencham nossas lacunas. É redobrar nosso compromisso de implacavelmente trocar o mau pelo bom. De lutar contra nossas falhas e batalhar para nos consertarmos.

Essa solução, no entanto, tem seus próprios problemas. Em nosso esforço de nos livrarmos de todas as nossas fraquezas e substituí-las por forças, podemos resumir a caminhada cristã a um programa de autoajuda. E, nesse processo, nos colocamos em uma posição de frustração pelo resto de nossas vidas, pois nunca seremos capazes de arrumar tudo. Enquanto isso, nós podemos nos tornar pessoas impacientes e que se menosprezam, o que é completamente contraprodutivo para a mudança.

Essas duas opções — aceitar ou trocar — soam mutuamente exclusivas. É uma ou outra. Quando estamos face a face com nossas fraquezas, devemos aceitá-las ou rejeitá-las? Desistir ou tentar consertá-las?

Como pastor, frequentemente me pego dando conselhos conflitantes. Às vezes meu conselho é algo como: “Não seja tão duro consigo mesmo; abra mão disso e deixe Deus agir”. Em outros momentos, posso estar explicando que “Depende de você mudar; a chave é a sua iniciativa”.

Na verdade, este livro nasceu desta tensão inerente ao nosso modo de lidar com as fraquezas. Eu comecei a pensar: por que transformar humanos — incluindo a mim — é tão difícil? E quanto mais eu estudava a Bíblia, mais eu podia perceber que esse não é um problema novo. Os maiores heróis da fé lutaram contra as tentações e fraquezas mais básicas.

Comecei a perceber que minhas respostas não correspondiam à complexidade da condição humana.

Pior ainda, não correspondiam a Deus.

A resposta para a questão quanto a aceitar ou trocar não é tão boa, agradável e confortável como eu pensava antes. Mas está tudo ao longo da Bíblia, e a resposta é tão poderosa quanto prática. Quando você constatar isso, fará muito mais do que apenas mudar seu comportamento ou aumentar sua autoestima.

Isso irá libertá-lo para ser seu verdadeiro eu, aquele que Deus criou você para ser.

É um processo glorioso, orgânico e para a vida toda. E implacavelmente nos aponta para Deus, e não para nós mesmos. Para a graça, no lugar da força. Para a fé, em vez de regras.

QUANDO SOU FRACO

Recentemente eu estava em meu escritório lendo uma passagem em 2 Coríntios 12, quando a notória lâmpada de uma ideia se acendeu em minha cabeça.

Na passagem, Paulo estava falando sobre algumas de suas lutas pessoais. Ele expressou de forma inconfundível como estava frustrado com suas fraquezas. Ele até as chamou de espinho na carne e mensageiro de Satanás.

Nós não sabemos qual era o problema. Poderia ser um problema de visão, perseguição, depressão, sua sogra ou inúmeras outras coisas. Ok, ele não era casado, então a teoria da sogra não funciona.

A questão é que a fraqueza era *real.* E estava afetando Paulo e seu ministério. Estava limitando sua influência e efetividade. Do nosso ponto de vista, era um problema que precisava ser eliminado. Essa era a única conclusão lógica.

Então aqui nós temos o maior autor no Novo Testamento, o apóstolo que foi forçado por Jesus a cair por terra e teve visões celestiais, o indivíduo que abriu a porta do evangelho para todo o mundo dos gentios, e ele estava confuso e confinado por uma fraqueza.

Podemos assumir que, até aquele momento, Paulo já tinha feito tudo que estava ao seu alcance para mudar a situação. A propósito, não tem nada de errado em tentar resolver nossos problemas. Deus nos deu um cérebro por este motivo.

Mas, nesse caso, não foi suficiente. Então Paulo fez o que qualquer um de nós faria. Ele pediu para Deus consertar o problema. Três vezes.

Dá para dizer que, na terceira vez, não era só mais um pedido educado. Paulo provavelmente implorou, suplicou, bajulou e talvez até tenha tentado manipular um pouco.

Todos nós já fizemos isso, tenho certeza. Orações dramáticas são uma tradição longa e reverenciada entre os cristãos e os não cristãos.

Mas não adiantou. Nada mudou. Nada melhorou.

Cada vez que ia até Deus em oração, Deus falava para ele: “Minha graça é suficiente para você, pois o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza” (versículo 9).

Não era exatamente isso que Paulo queria ouvir.

Foi por isso que ele continuou orando.

Foi uma resposta profundamente insatisfatória, visto que Paulo era humano. Ele tinha as mesmas preocupações que nós temos. As mesmas necessidades de segurança, controle e afirmação que nós temos.

O que *queremos* ouvir de Deus é isso: “Obrigado por me avisar do seu mal funcionamento! Vou arrumar isso e é pra já!”. E então queremos que Ele balance Sua mão e elimine nossas deficiências até o fim do horário comercial, por favor.

Ao contrário disso, Ele nos dá esta misteriosa promessa de que Seu poder funciona melhor quando somos fracos. Não sabemos ao certo o que isso quer dizer na maior parte do tempo, então não é tão reconfortante. Certamente não ajuda muito quando se trata de aplicação prática.

Mas, enquanto eu lia esta passagem naquele dia, eu me identifiquei com Paulo. Pude sentir sua frustração, pois é a minha também. Por que eu tenho que ter fraquezas? Eu não seria mais eficiente para Deus se eu fosse perfeito?

Então eu vi algo que mudou tudo.

Ele escreveu no versículo 10: “Pois, quando sou fraco, é que sou forte”.

Algo mudou na minha cabeça. Li aquela frase de novo e de novo e de novo e de novo. E percebi algo. Bem aqui na minha frente estavam as próprias declarações de *Eu sou* de Paulo. Suas terceiras palavras.

Você consegue ver?

Quando...

Eu sou fraco

Então...

Eu sou forte.

Fraco e *forte* são ambas terceiras palavras de Paulo.

Nós devemos ser fracos? Ou devemos ser fortes? Paulo descobriu a resposta.

São ambos *ao mesmo tempo.*

Note que Paulo não disse: “Eu costumava ser fraco, mas agora sou forte”. Nem “Se eu pudesse parar de ser fraco, então finalmente seria forte”. Não se trata de ser forte, *apesar* das fraquezas. Não se trata de ser forte *depois* que as fraquezas forem embora.

Trata-se de ser forte *nas, através* e *por causa* das fraquezas.

Deus não quer que nos entreguemos às fraquezas a ponto de vivermos uma vida de falhas e derrotas. Nem que fiquemos preocupados e estressados ao tentarmos trocar cada fraqueza por força antes de vivermos os nossos destinos.

Podemos ser fortes e fracos ao mesmo tempo. E vou além disso. Nossas fraquezas podem se tornar nossas forças.

Quem nós somos agora — com nossas fraquezas e forças, nossas falhas e sucessos — não é o problema. Quem nós somos é a solução. De alguma forma, incrivelmente, as coisas que nos deixam malucos sobre nós mesmos, podem ser exatamente as coisas que vão nos levar à concretização de nosso potencial.

Nossas fraquezas não nos desqualificam. Na verdade, qualificam-nos ainda mais, porque elas são os portais através dos quais o poder de Deus invade nossas vidas.

É claro que isso não significa que você não precisa mudar. Na verdade, você nunca para de mudar.

Mas isso significa que a sua atual versão é a versão certa para esse momento. Significa que você pode parar de se estressar e de lutar para ser uma pessoa diferente, pois o verdadeiro você é perfeito e de valor incalculável. Não é só o que Deus tem para agir agora. É o que Deus quer ter para agir.

E, desse ponto de partida, o progresso será possível.

Recentemente eu estava lendo o livro “Melhor do que antes” de Gretchen Rubin. Trata-se de como nossas tendências em relação a expectativas afetam nossos hábitos. Quando consideramos quais tendências são as mais desejáveis em seres humanos, ela oferece este ponto de vista: “As pessoas mais felizes e mais bem-sucedidas são aquelas que descobriram como explorar suas tendências em benefício próprio e, tão importante quanto, encontraram maneiras de equilibrarem suas limitações.”[10]

Eu gosto do pensamento que diz que não são as tendências com as quais nasci que determinam minha capacidade de crescer. É como me relaciono com essas tendências.

Vou repetir: não se trata de aceitar versus trocar. Não é um ou outro. De alguma forma, são os dois.

Nós aceitamos quem somos para nos tornarmos quem queremos ser. Nós aceitamos para trocar.

Quando sou fraco, então é que sou forte.

Quanto mais leio esta frase, mais empolgado eu fico. Ela funcionou como uma chave-mestra que destravou muito do que eu estava aprendendo sobre Deus.

Minha mente começou a passear por diversos personagens bíblicos que estive estudando ultimamente.

Pessoas como Moisés, que gaguejava tanto que estava convencido de que Deus nunca poderia usá-lo, mas, que no fim das contas, tornou-se um dos maiores líderes na história humana.

Pessoas como Raabe, Rute, Jeremias e o próprio Paulo, os quais pareciam todos desqualificados, no entanto, encontraram força em suas fraquezas.

E, é claro, temos o anti-herói Jacó. O cara era um mentiroso e trapaceiro, mas que, de alguma forma, foi um personagem-chave no plano redentor de Deus para a humanidade.

O autor de Hebreus entendeu esse princípio. Em Hebreus 11 ele listou o quem é quem dos heróis da Bíblia. De algumas maneiras eles são tão constrangedoramente falhos que você tem que se perguntar quem comandava o comitê de indicação para o Hall da Fé. Ele fechou o capítulo dizendo:

> Que mais direi? Não tenho tempo para falar de Gideão, Baraque, Sansão, Jefté, Davi, Samuel e os profetas, os quais pela fé conquistaram reinos, praticaram a justiça, alcançaram o cumprimento de promessas, fecharam a boca de leões, apagaram o poder do fogo e escaparam do fio da espada; da fraqueza tiraram força, tornaram-se poderosos na batalha e puseram em fuga exércitos estrangeiros. (versículos 32-34)

Aí está novamente. *Fraqueza... se tornando força.*

Aparentemente a situação de Paulo não era um acaso. Esta é a metodologia de Deus, Seu procedimento padrão. Seu jeito inconfundível de agir; sua assinatura, se preferir.

Deus não apenas ignora ou passa por cima de suas fraquezas, e, com certeza, Ele não se deixará ser detido por elas. Ele as enfrenta de frente e as transforma em nossa força.

Esse é o tamanho da grandeza, bondade e soberania de Deus.

FRAQUEZA ÚNICA

Espere! Você deve estar pensando: *você está sugerindo que eu não tenho que consertar nada? Que Deus não liga para os meus pecados? Que eu não preciso fazer nada e que, mesmo assim, Deus magicamente transformará pecados em força?*

De forma alguma. A Bíblia está cheia de encorajamentos para a mudança, para parar de pecar, superar as tentações e desafiar fortalezas.

O que estou dizendo é que as nossas respostas às fraquezas não são sempre claras e precisas como simplesmente aceitar ou trocar. É mais complicado que isso, assim como nossas identidades são complicadas. Quando enfrentamos fraquezas específicas, temos que descobrir o que Deus quer que façamos com elas.

Primeiro: algumas coisas precisam ser aceitas. Reconhecidas. Toleradas. Elas não vão embora e então devemos nos acostumar com a ideia. Precisamos aprender a compensá-las, a contar com o apoio dos outros e, principalmente, precisamos de uma dose saudável de humildade.

Segundo: algumas coisas precisam ser trocadas imediatamente. Elas *não* fazem parte da nossa identidade dada por Deus. São intrusas e clandestinas. Estão machucando a nós ou a outras pessoas, e Deus quer nos ajudar a erradicá-las imediatamente.

Terceiro: outras coisas precisam ser trocadas... em algum momento. Podemos começar agora, mas o processo pode levar anos. Precisamos desenvolver paciência e, de novo, humildade.

Em alguns casos, é fácil perceber em qual dessas categorias nossa falha ou erro se encaixa, especialmente quando a fraqueza é um pecado óbvio. Por exemplo: não precisamos orar para saber se assassinato, adultério ou mentira deveriam ou não fazer parte de nossas vidas pelos próximos trinta anos. A Bíblia os chama de pecado, e Deus nos dá o poder para viver de forma diferente agora que O conhecemos.

Mas a maioria das nossas fraquezas são um pouco mais vagas. Muitas vezes encontram-se em níveis ou dependem do contexto.

Por exemplo, digamos que você é introvertido. Isso precisa mudar? Isso é uma fraqueza?

Bom, é difícil dizer. Deus não quer que você viva no medo, e às vezes a timidez é o resultado de um medo paralisante. Então podemos dizer que se é medo dominando sua vida, isso provavelmente é uma fraqueza que Deus gostaria de ajudá-lo a superar.

E se o medo o limita tanto que você não obedece à vontade de Deus para a sua vida, ou se, de alguma forma, você está machucando outros com seu silêncio, então você poderia dizer que é um pecado e que Deus quer libertá-lo.

Mas, mesmo que você tenha vencido o medo e tenha se tornado uma pessoa mais confiante, corajosa e segura, você será algum dia alguém extrovertido? Provavelmente não. Mas Deus não fez você para agir assim.

Ser introvertido é uma característica pessoal linda e, dessa forma, é uma *força*, não uma fraqueza. Gastar sua vida tentando ser extrovertido quando Deus

o criou para ser introvertido é tão prejudicial quanto ser uma pessoa que vive isolada pelo medo.

Então, querido introvertido hipotético, você pode escolher como reagir. Você resolve — com ajuda de Deus — se você precisa de uma mudança dramática, moderada, ou se não precisa de mudança.

Deixe-me dar mais um exemplo. Talvez você gostaria de ser uma pessoa mais espontânea. Você admira a forma com que os amantes da diversão são capazes de criarem memórias alegres com os seus queridos simplesmente por estarem dispostos a fugirem do que foi combinado. O fato é que você tem inveja da iniciativa deles. Mas será que você deveria imitá-los se sua personalidade o leva a sempre planejar... tudo?

Talvez você possa experimentar abordagens diferentes. Pode dar um passo muito ousado e decidir o que pode não ser planejado, o que é exagero ou o que é uma necessidade doentia por controle. Mas isso não significa ficar refém de uma espontaneidade além da que lhe é natural. Isso só vai drenar a energia que você precisa para desfrutar das coisas que você planejou tão brilhantemente.

Você notou como esse processo é individual? Suas fraquezas são tão únicas quanto suas forças. Por isso, elas merecem respeito.

Certa vez, Oswald Chambers disse: “Uma fortaleza não vigiada é uma fraqueza dupla”.[11]

Mas será que percebemos que uma fraqueza mal compreendida pode ser também uma força impedida de operar?

Vale a pena tirar um tempo para avaliar suas terceiras palavras de modo humilde e honesto à luz do poder de Deus que age em você. Não seja tão rápido em desculpar seu pecado, nem em rotular suas características pessoais como falhas e tentar mudá-las.

A chave é saber quem você é para Deus. Enquanto você descobre a definição Dele sobre seu verdadeiro eu, você saberá como responder às suas necessidades individuais e aos seus problemas.

Então, como você avalia suas fraquezas? Como você sabe se deveria estar evoluindo em alguma área específica? Aqui vão algumas perguntas para ajudá-lo a decidir.

A Bíblia chama minha fraqueza de pecado?

Se sim, Deus quer ajudar você a trabalhar nisso. Pecado não faz parte de quem você realmente é. É um estranho e um parasita. Como não faz parte de quem você deveria ser, você pode mudar com a ajuda de Deus. Novamente, isso pode levar um tempo, então não desista tão rapidamente. Continue resistindo à tentação e atendendo à graça de Deus ao longo do processo.

Tendo dito isto, deixe-me enfatizar que a presença do pecado não o desqualifica automaticamente para buscar os planos de Deus para a sua vida. Se esse fosse o caso, todos nós estaríamos desqualificados e sem esperança, pois todos pecamos. Deus nos abençoa, apesar de nossos pecados, e Ele é soberano e bom o suficiente para usar até os nossos erros para a Sua glória.

Por outro lado, se sua fraqueza não é claramente um pecado, talvez você não precise ter tanta pressa em erradicá-la. Seu primeiro passo é descobrir se Deus quer que você mude ou que simplesmente aceite quem você é e permita que Ele seja a força em sua fraqueza.

Eu quero superar esta fraqueza ou crescer nesta área?

Deus nos diz que é Ele quem efetua "o querer e o realizar" para fazer Sua vontade (Filipenses 2:13). Se você tem um desejo profundo de fazer algo, ser alguém, ou de mudar de alguma forma, as chances de Deus ter colocado esse desejo em você são altas, e Ele vai auxiliá-lo a conquistar — mesmo contra todas as probabilidades. Os seus desejos não são infalíveis, é claro, mas se você está seguindo Deus, por muitas vezes, saberá instintivamente o que é melhor para sua vida. Talvez você só precise confiar em você mesmo (e no Deus que está em você) um pouco mais.

Eu tenho graça para mudar?

A graça é o poder sobrenatural de Deus em sua vida. Comumente você consegue perceber rapidamente se tem graça para crescer ou para mudar em uma área específica, pois as coisas vão se encaixando. Você investe tempo e energia em algo, e Deus sopra naquilo. Sente que é algo natural e completo. A propósito, a vida cristã não foi feita para ser algo praticamente impossível. Jesus disse que Seu jugo é suave e Seu fardo é leve (veja Mateus 11:30).

O que os outros dizem sobre minhas fraquezas e forças?

O que as pessoas notam em você pode ser bastante revelador. A chave é saber a quem dar ouvidos. Você precisa de pessoas em sua vida que o entendam, o

afiem, desafiem e encorajem. Quando encontrar pessoas assim, escute o que elas dizem ver em você. Você pode se surpreender ao descobrir que suas fraquezas causam pouco incômodo às pessoas e que suas forças são bem evidentes para elas. Às vezes nossas terceiras palavras precisam ser calibradas ao pedirmos avaliações às pessoas próximas de nós.

OS OPOSTOS INESPERADOS DE DEUS

Nós normalmente presumimos que, se Deus quer trocar nossas terceiras palavras, Ele fará o mesmo com termos que são extremos opostos.

Eu sou cansado pode tornar-se *eu sou energizado.*

Eu sou ferido pode tornar-se *eu sou curado.*

Eu sou prisioneiro pode tornar-se *eu sou livre.*

Às vezes é verdade. Mas se você olhar as Escrituras, você verá que os opostos de Deus, normalmente, são diferentes dos nossos.

Deus é mais sutil. Mais astuto. E muito mais eficaz.

Quando seguimos Deus, Ele nos transforma em uma nova criação no nível espiritual, mas isso não quer dizer que Ele apague as nossas personalidades ou que atropele nossas identidades naturais. Ele não derruba tudo e começa a reconstruir do zero. Ele parece preferir trabalhar com o que tem na frente Dele. Afinal de contas, o material original veio Dele, então deve ser coisa boa.

Ao colocar as terceiras palavras Dele no lugar das nossas, Ele traz nossas verdadeiras identidades para a luz.

Lembra-se daqueles decifradores de códigos secretos que eram colocados dentro das caixas de cereal? Eram pequenas armações ou óculos de papelão com lentes plásticas vermelhas. A ideia era usar o decifrador para olhar algumas imagens específicas, que, de cara, pareciam sem sentido. Quando você fazia isso, a lente de plástico vermelho filtrava o plano de fundo, e mensagens secretas apareciam.

Quando criança eu implorava para a minha mãe comprar aqueles cereais, não porque eu gostasse deles, e certamente não era pelo conteúdo nutricional, mas

porque eu queria os decifradores. Eu queria descobrir as mensagens escondidas na parte de trás das caixas.

É mais ou menos assim que acontece quando Deus coloca Suas terceiras palavras no lugar das nossas. De repente, o que era sem sentido faz todo sentido. O ilógico encontra significado. Vemo-nos de maneira diferente, pois agora nos vemos através da ótica de Deus. E as mensagens que recebemos são bem mais profundas do que aquelas das caixas de cereal.

Algumas vezes, nós imploramos a Deus para eliminar nossas deficiências e trocá-las pelos opostos. Mas Deus prefere nos dar Suas terceiras palavras. E quando olhamos para a vida através desse filtro, tudo muda.

Deixe-me dar alguns exemplos.

Talvez a terceira palavra mais gritante que você ouve em sua mente nesse momento seja essa: *Eu sou falho.* É claro, você pode usar outras descrições mais coloridas: *Eu sou um perdedor. Eu sou um desastre. Eu sou uma catástrofe. Eu sou péssimo na vida.* Mas tudo remete ao fracasso.

Então você presume que Deus quer fazer de você um sucesso. Afinal de contas, sucesso é o oposto de fracasso, então, se fracasso é o problema, sucesso é a resposta.

Mas Deus pode ter um plano diferente.

Quando nos sentimos como um fracasso, a terceira palavra de Deus para nós frequentemente é: *Eu sou uma pessoa em crescimento.* Isso não é tão empolgante para seu ego como *eu sou bem-sucedido.* Mas é bem mais real. E quando você pensa a respeito, é ainda mais poderoso.

Sucesso é temporário e superficial. E, de certa forma, arbitrário. Ninguém é bem-sucedido em tudo o tempo todo. Então se sua identidade estiver no resultado dos seus esforços, você estará se colocando em uma situação de muita dúvida e dor.

Você não está falhando; você está crescendo. Você não é um fracasso; você é uma pessoa que está continuamente melhorando. Sim, seus fracassos são reais, mas não são definitivos. Eles podem, na verdade, trabalhar para você no futuro. Em vez de definir-se por eles, defina-se pelo que Deus está realizando em sua vida através deles. Esta é uma abordagem muito mais saudável da vida.

Aqui está outra: *Eu sou indigno*. Essa foi a terceira palavra que meu irmão Max teve que lutar contra.

O oposto lógico disso é *Eu sou digno.* Mas, em nossa cultura, *digno* é normalmente comparado ao *merecimento*. E como já vimos, nenhum de nós poderia merecer o amor, perdão e as bênçãos de Deus.

Então qual é o oposto de Deus para *indigno?* Nós poderíamos listar vários, mas aqui está um dos meus favoritos: *Eu sou aceito.*

Se você pensa que tem que trocar *indigno* por *digno,* vai dar de cara com uma parede criada por você mesmo pelo resto de sua vida e nunca chegará nem perto de seu objetivo. Mas, uma vez que você entende que a aceitação vinda de Deus sobrepõe a sua indignidade, consegue encontrar paz instantaneamente.

Seus pecados e limitações não separam você de Deus, pois Ele o aceitou através de sua fé em Jesus. Você está pré-aprovado em Jesus, não através de suas obras pessoais ou performance.

Talvez você continue cometendo erros, os mesmos erros. E tem ficado cada vez mais difícil voltar para Deus, já que, a cada vez que você pede para voltar, você percebe quantas vezes prometeu mudar... mas falhou. Seu otimismo e sua motivação nunca estiveram tão baixos.

Pare de focar na sua indignidade e foque na aceitação de Deus! Agradeça a Ele por ter alcançado você em meio às suas necessidades e por amá-lo incondicionalmente. Reconheça e exercite o imerecido favor Dele sobre a sua vida.

Então se levante e tente de novo.

A maior vitória do inimigo não é quando você peca. É quando ele consegue tirar seu foco da aceitação de Deus por você. Quando ele o convence de que sua retidão e seu relacionamento com Deus dependem de suas próprias ações, você entra em uma espiral de vergonha.

Ao contrário de tentar contradizer sua indignidade, aceite-a. E então troque pela aprovação e aceitação de Deus.

Ou talvez sua terceira palavra seja *eu sou medroso.* Qual o oposto do medo? É coragem? Bravura?

Essas coisas são boas, mas aqui vai uma que talvez você não tenha pensado: *amoroso.*

Tente dizer *eu sou amoroso* em vez de dizer *eu sou medroso.* O foco muda tudo. Quanto mais você foca em outras pessoas, mais o seu medo fica em segundo plano. Medroso é como você se sente, mas foi para amar que Deus o criou.

Acabamos de avaliar três palavras negativas e algumas formas possíveis de trocá-las, mas elas são só o começo. Todos nós temos lutas pessoais, e Deus tem o oposto perfeito para cada uma delas.

Não é meu objetivo nem meu papel dizer a você todas as terceiras palavras que Deus tem para você. Essa é a sua jornada pessoal com Ele. Mas vou dizer isso: mantenha seus olhos abertos para os opostos inesperados de Deus.

A vida é uma jornada de descoberta e mudança. De aprender a ouvir as terceiras palavras de Deus mais do que as suas. De descobrir como enfrentar suas falhas com honestidade e fé.

Você pode não se sentir qualificado para a jornada. Em um momento ou outro, nós nos sentimos ridiculamente desqualificados para o que Deus tem nos chamado para fazer. Está tudo bem! Na verdade, é preferível assim, talvez até mesmo essencial. Deus ama trabalhar com pessoas desqualificadas.

No entanto, você não poderá experimentar a força de Deus até que aprenda a baixar a sua guarda. Sua humildade abre as portas para que suas fraquezas se tornem forças, como veremos no próximo capítulo.


7

A ARMA SECRETA DO CÉU

Quando se trata das nossas fraquezas, tendemos a oscilar entre dois extremos, e ambos nascem da insegurança. Choramingamos pelas nossas fraquezas ou tentamos fingir que elas não existem.

Falamos sobre este primeiro extremo quando discutimos sobre nossa identidade e as terceiras palavras, e vamos falar mais sobre isso nas próximas páginas. O problema com a abordagem do tipo “Ai de mim!” é que ela nos permite contradizermos o chamado de Deus em nossas vidas. Efetivamente, delegamos a nós mesmos a função de qualificadores. E, como vimos, nossa autoavaliação pode ser extremamente imprecisa.

Mas, muitas vezes, nos desviamos para o outro lado, fingindo que nossas fraquezas não existem. Tentamos esconder nossas falhas de Deus, dos outros, e até mesmo de nós mesmos. O problema com isso é que, até admitirmos nossa necessidade, Deus não poderá nos ajudar muito. A grandeza nasce da humildade, não da negação. Fraquezas se tornam forças quando são abraçadas, não ignoradas.

Às vezes presumimos — ou talvez tenhamos sido ensinados a pensar assim — que uma pessoa que ama a Deus nunca poderá contentar-se com menos do que a perfeição. Temos a obrigação de ter pensamentos positivos, conversas positivas e atitudes positivas.

Sou totalmente a favor da positividade. Mas sou radicalmente contra a desonestidade, especialmente quando é para nós próprios que estejamos mentindo.

Admitir nossas fraquezas não é dúvida, medo ou falta de fé. Na verdade, é um dos sinais mais claros de que temos fé. Significa que a nossa confiança está em Deus, não em nós mesmos. Significa que estamos seguros de quem *Ele* é e que admitimos quem *não somos.*

Por outro lado, quando negamos nossa necessidade de ajuda, em vez de transformarmos nossas fraquezas em forças, nossas forças se tornam fraquezas. Quando insistimos em construir a ilusão de que temos tudo sob controle, construímos um muro que nos impede de receber a ajuda de que precisamos.

Recentemente tentei aprender a jogar tênis. Estava bem nervoso quando fui para minha primeira aula, e a primeira coisa que o instrutor falou não ajudou muito: “Ok, vamos ver com o que eu vou ter que trabalhar aqui. O que você sabe?”

Eu falei que não tinha ideia do que estava fazendo. Ele disse que era exatamente assim que ele gostava, o que me deixou confuso. Então ele explicou que, muitas vezes, as pessoas chegam sabendo o mínimo suficiente para jogar, o que os torna impossíveis de serem ensinados. Eles não querem confiar em um novo modo de jogar, pois estão acostumados com o modo deles. E tentam mostrar ao treinador o quanto sabem, ao contrário de aprender o que ele tem para ensinar.

“Você é meu tipo preferido de gente com quem gosto de trabalhar”, ele disse.

Pergunto-me se o tipo preferido de gente com quem Deus gosta de trabalhar são aquelas pessoas que dizem: “Deus, eu não tenho ideia do que estou fazendo aqui, mas se O Senhor me mostrar o que sabe sobre mim, sobre a vida, sobre relacionamentos, sobre a minha carreira, sobre as minhas decisões, é isso que eu vou fazer”.

O orgulho é a barreira que nos impede de recebermos força em nossas fraquezas. Às vezes você pode ter vergonha de pedir ajuda a outras pessoas, ou mesmo a Deus. Você pode sentir que, àquela altura, deveria estar mais maduro, estar mais capacitado. Você sabe que Deus o chamou para alcançar certas coisas, mas a forma como suas fraquezas entram no meio é humilhante. *Talvez a paciência de Deus comigo esteja acabando*, você pensa, *afinal, eu certamente já estou sem paciência comigo mesmo.*

Deus não está sem paciência. E Ele provavelmente tem uma visão de você significativamente diferente da que você tem.

Você já leu a história de um homem chamado Gideão, que Deus chamou para resgatar Israel de seus opressores, um país chamado Midiã? Está em Juízes 6.

Quando Deus encontrou Gideão, ele não estava fazendo coisas heróicas de um guerreiro. Ele estava se escondendo do inimigo. Apesar disso, Deus saudou Gideão com uma frase otimista: “O Senhor está com você, poderoso guerreiro” (versículo 12).

Poderoso guerreiro?

Compreensivamente, Gideão respondeu com um pouco de sarcasmo. “Ah é? Se o Senhor está conosco, então por que odiamos nossa vida?” Esta é uma paráfrase minha, caso você não tenha notado.

Deus ignorou o sarcasmo. “Com a força que você tem, vá libertar Israel das mãos de Midiã. Não sou eu quem o está enviando?” (versículo 14).

Eu amo a frase “a força que você tem”. Deus não esperava que Gideão arranjasse uma força de super-herói. Não o repreendeu por sua falta de coragem, mesmo enquanto Gideão estava se escondendo dos inimigos num tanque de prensar uvas enquanto Deus falava com ele.

Gideão teve um pouco menos de sarcasmo na vez seguinte. “‘Ah, Senhor’, respondeu Gideão, ‘como posso libertar Israel? Meu clã é o menos importante de Manassés, e eu sou o menor da minha família’” (versículo 15).

Gideão não tentou esconder suas fraquezas de Deus. Ele foi brutalmente honesto. “Eu sou fraco. Sou o menor. Não fui feito para isso. Não tenho ideia do que fazer.” Essas eram suas terceiras palavras e pensamentos. E Deus não se incomodou nem um pouco.

Deus respondeu: “Eu estarei com você, e você derrotará todos os midianitas como se fossem um só homem” (versículo 16).

É minha impressão ou isso parece a continuação do encontro de Moisés com a sarça ardente?

Nos capítulos seguintes, Deus parece determinado a provar o quão pouco a fraqueza de Gideão importava. Ele até reduziu o tamanho do exército de Gideão de trinta e dois mil para trezentos homens, apenas para deixar a probabilidade um pouco mais interessante. Então Deus usou esses trezentos homens para aniquilar um exército inumerável e impossível de ser guerreado, muito antes de Hollywood e dos Espartanos aparecerem, diga-se de passagem.

Nesta história, Deus não se frustrou com Gideão nem uma vez por sua falta de habilidade para o desafio. Não vemos Deus exigindo que Gideão resolvesse

os detalhes sozinho, com sua própria lógica e recursos.

Vemos o oposto disso. Aos poucos, Gideão se vestiu da coragem e do caráter do Deus que o havia chamado. Suas desculpas não fizeram Deus mudar de ideia. O empoderamento de Deus eliminou as desculpas de Gideão.

Nessa história, Gideão ficou famoso, não por seu estilo de liderança, sua habilidade motivacional ou suas proezas militares, apesar de cada uma dessas coisas terem sido desenvolvidas em sua vida. Mas foi por sua fé, mesmo que inicialmente tão lenta. Ele estava firmemente determinado a crer em Deus e obedecê-Lo.

É isso que Deus quer de nós também. Não uma força extraordinária. Isso Deus já tem. Ele deseja apenas que simplesmente tenhamos fé. Que desejemos obedecê-Lo unicamente porque cremos Nele.

Séculos depois, outro líder de Israel aprendeu a mesma coisa. Seu nome era Salomão. Em certa noite, Deus apareceu a Salomão em um sonho e lhe disse que poderia pedir o que quisesse. Estou falando de uma experiência do tipo gênio da lâmpada.

A resposta de Salomão foi incrivelmente honesta.

> Agora, pois, ó Senhor meu Deus, tu fizeste reinar a teu servo em lugar de Davi meu pai; e sou apenas um menino pequeno; não sei como sair, nem como entrar. E teu servo está no meio do teu povo que elegeste; povo grande, que nem se pode contar, nem numerar, pela sua multidão. A teu servo, pois, dá um coração entendido para julgar a teu povo, para que prudentemente discirna entre o bem e o mal; porque quem poderia julgar a este teu tão grande povo? (1 Reis 3:7-9, ACF)

Qual foi a resposta de Deus? Ele reprimiu Salomão por assumir ser uma liderança fraca? Por chamar-se de “apenas um menino”? Afinal, *apenas* não é o tipo de terceira palavra que um rei deveria ter. Um rei deveria ter tudo. Salomão deveria ter apresentado a Deus para os próximos 30 anos, sua visão estratégica para Israel, e então teria pedido que Deus abençoasse seu plano de vitória, crescimento e sucesso. É isso que um rei de verdade deveria fazer, não é?

O próximo versículo nos mostra a opinião de Deus sobre a honestidade de Salomão: “O pedido que Salomão fez agradou ao Senhor” (versículo 10). Deus se agradou de Salomão por reconhecer seus limites e por saber onde ir para buscar ajuda. Como recompensa, Deus não entregou apenas sabedoria a

Salomão. Entregou também riqueza, influência e poder. Salomão teve que ficar cara a cara com sua falta de qualificação. Mas, ao contrário de esconder-se dos fatos ou sentir-se sobrecarregado com eles, fez exatamente o que deveria fazer. Ele se voltou para Deus. Pediu ao Senhor que suprisse o que estava faltando.

E assim Deus fez. De uma forma que Salomão nunca poderia imaginar, muito menos realizar sozinho.

Deus quer fazer o mesmo com a nossa fraqueza. Mas, para receber Sua ajuda, temos que admitir que precisamos dela. Temos que levar nossas fraquezas a Deus em fé, sem autocondenação, desespero ou vergonha.

VENCENDO ATRAVÉS DAS FRAQUEZAS

A ideia de vencer através das fraquezas provavelmente soa antipatriótica. Quem sabe até antibíblica, dependendo de como você entende certos assuntos. A ideia de que nossos pontos fracos podem ser bons para nós bate de frente com a nossa cultura de autoajuda, do faça você mesmo e do nunca-se-contente-com-um-não. Quase soa como pessimismo ou derrotismo.

Mas não é. É o oposto disso.

Não estou advogando a favor da desistência. Pelo contrário, estou dizendo que temos que aprender a usar nossas fraquezas a nosso favor. Se realmente acreditamos que Deus está no controle das nossas vidas, então buscaremos a vantagem em todos os ataques. Aprenderemos, com isso, a perceber uma verdadeira força naquilo que parece ser fraqueza.

Essa foi a conclusão de José em Gênesis 50, depois de anos — e diversos capítulos — vivendo em circunstâncias que pareciam uma montanha-russa. Se alguém tinha o direito de sentir-se cansado com as limitações e as perdas pelas quais passou, esse era o cara. Por ter sido raptado e vendido como escravo por seus próprios irmãos, ter sido dado como morto por seu pai, ter sido acusado injustamente e lançado na prisão por seu dono e esquecido por seus amigos, ele se encontrava num estado de total vulnerabilidade. Para os olhares não treinados, ele era um prisioneiro da fraqueza.

Mas, finalmente, por uma série de eventos mais afortunados, ele foi da prisão para o palácio, da total obscuridade à quase que absoluta autoridade.

Da fraqueza para a força.

E quando os irmãos que o haviam traído apareceram para implorarem a ele — ah, a ironia da vida — José teve humildade e maturidade para perceber o que estava acontecendo ali.

Ele encontrou forças naquilo que para ele parecia ser uma fraqueza.

Ele chorou com seus irmãos. Perdoou-os.

E Deus o usou para salvar seus irmãos.

Suas fraquezas se tornaram força.

Ele não permitiu que sua força se tornasse uma fraqueza.

Se José não estivesse num estado de tamanha vulnerabilidade e fraqueza, será que ele teria tido a compaixão, a sabedoria e a oportunidade de mudar a história do mundo e também restaurar sua família?

Romanos 8:28 fala isso da seguinte forma: “Sabemos que Deus age em todas as coisas para o bem daqueles que o amam, dos que foram chamados de acordo com o seu propósito”.

Essa promessa tem sustentado os seguidores de Jesus por milênios, e é tão válida agora quanto no dia em que foi escrita. Podemos esperar que nossas fraquezas sejam usadas para a glória de Deus e em nosso benefício.

Na prática, como podem a fraqueza e a força coexistirem? Como podem as fraquezas se tornarem força, e como a força de Deus pode se aperfeiçoar em nossas fraquezas?

Não digo que entendo todos os detalhes do agir de Deus, então não vou tentar analisar e esboçar todas as formas possíveis com que Ele poderia transformar as suas fraquezas em força. Mas aqui estão alguns pensamentos que poderão ajudá-lo a enxergar suas falhas de forma mais positiva.

Primeiramente, se você nunca se feriu, sofreu ou lutou contra algo, como poderia desenvolver a força necessária para sustentar as bênçãos que Deus quer derramar em sua vida?

Deus também permite fraquezas em nossas vidas para criar um contexto que demonstrará a Sua força. Paulo disse: “Mas temos esse tesouro em vasos de

barro, para mostrar que este poder que a tudo excede provém de Deus, e não de nós" (2 Coríntios 4:7).

Deus não quer que o recipiente encubra o conteúdo. Então Ele usa nossas fraquezas como um contraste para Sua força. Isso nos ajuda a lembrarmos que o verdadeiro valor está no interior. E o que está dentro vem Dele, não de nós.

E também, gostando ou não, nossas forças nos ajudam a nos mantermos com os pés no chão, equilibrados e saudáveis.

São os limitadores de velocidade. Como aqueles dispositivos instalados desde carros de golfe a motos e automóveis. Os fabricantes sabem o suficiente sobre nossa paixão por adrenalina — e ações judiciais — para perceberem que precisam limitar a velocidade máxima de suas máquinas. Então inventaram um aparelho chamado limitador de velocidade. Sua única função é cortar o suprimento de combustível bem no momento em que as coisas começam a ficar animadas.

Nós podemos ir rápido demais na vida. Podemos arranjar muitas atividades, muitas responsabilidades, muitos relacionamentos, muita coisa para gerenciar, e até mesmo muitos ministérios. Podemos crescer tão rapidamente que terminaremos ultrapassando nossa habilidade de lidar com o que temos.

E, mais cedo ou mais tarde, acabaremos destruindo o carro e machucando pessoas nesse processo.

Não estou dizendo que Deus intencionalmente sabota os nossos avanços, mas também não estou dizendo que é sempre o diabo que nos atrasa. Estou convencido de que Deus permite certas limitações, pois sabe para o que estamos prontos e quando estamos prontos. Limitações nos dão tempo e motivação para crescermos nas oportunidades que Ele quer nos dar.

Quando você estuda a biografia de homens e mulheres que mudaram o mundo — quer seja Nelson Mandela ou Steve Jobs — descobrirá que quase sempre existiu um tempo de "exílio". Em outras palavras, eles experimentaram um aparente fracasso que, no fim das contas, os capacitou para cumprirem seus propósitos. O período que parece ser o mais improdutível, frequentemente se torna o mais importante. O que está acontecendo em nossas vidas nos prepara para o que pode e vai acontecer conosco e através de nós.

Em vez de descobrir como redesenhar o carro ou desabilitar o limitador, às vezes precisamos apenas desacelerar. Não é tão charmoso. Nem tão eletrizante. Mas é sustentável, e por fim, mais eficiente.

Disseram-me que, quando alguém está aprendendo golfe, dizem-lhe que, para lançar a bola mais longe com a sua tacada, é necessário ir mais devagar no *swing* (balanço do corpo).

Isso parece contraditório, e é por esse tipo de conselho que você nunca vai me ver num campo de golfe.

Mas pode ser um bom conselho para os nossos planos e metas. Vá devagar no *swing*. Não tente acertar todas as oportunidades tão rápido, tão longe e com tanta força.

E, apesar de não jogar golfe, posso ainda ouvir a voz do meu pai em minha cabeça quando ele me treinava nos tempos da liga infantil de beisebol. Eu batia o taco com tanta força que perdia a bolinha de vista, e ele gritava: “Pare de tentar matar a bola! Apenas a acerte!”

Ao contrário de ficarmos enfurecidos com os nossos limites, devemos aprender a ouvi-los. A apreciá-los. A permitir que guiem o nosso crescimento e que orientem as nossas decisões. A mantermos nossos olhos na bola.

E apenas acertar.

FALHANDO MAIS PERTO

Nossas limitações e falhas também são muito boas para que fiquemos conectados com Deus. Elas nos ajudam a chegarmos mais perto Dele. Lembram-nos que precisamos Dele, e Ele é a nossa fonte e a nossa resposta.

Quando as coisas vão bem na vida, é tentador nos distrairmos com o sucesso e acharmos que a vida se resume a isso. Passamos a correr atrás de vitórias, prosperidade, influência e ministério.

Não há nada de errado com estas coisas, mas elas não foram feitas para que fossem o objetivo da vida. Foram feitas para serem um subproduto do nosso crescente relacionamento com Cristo. Em outras palavras, foram feitas para que nos perseguissem enquanto nós perseguimos a Deus.

Nossas limitações — bem mais do que nossas habilidades — são lembretes para voltarmos à nossa fonte de força. Elas nos levam de volta para Deus, para a dependência, para o relacionamento.

O maior problema vem quando pensamos que Deus está aborrecido conosco por causa dos nossos erros. Que Ele está desapontado porque ousamos mostrar fragilidade. Que Ele está enojado com os nossos pecados. Ou que nossas fraquezas demostram o desprazer Dele conosco.

Se esta é a visão que temos de Deus, nossas fraquezas não nos levarão para mais perto Dele. Elas nos levarão para mais longe, direto para uma existência dominada por condenação, culpa, legalismo e até ressentimento. Nós acabaremos nos esforçando para que nos consertemos, para que nos limpemos e para que nos tornemos dignos de Deus. Ou desistiremos de tudo no processo, pois ele parece impossível.

Mas, como eu já mencionei, Deus está muito menos preocupado com suas fraquezas do que você está. Ele sabe o que vai fazer com elas. Ele tem até planos para usá-las.

Quando entendemos isso, conseguimos chegar mais perto de Deus. Podemos vê-Lo como um confidente, um Salvador, um parceiro. Mesmo quando estragamos tudo. Mesmo quando estamos envergonhados. Mesmo quando somos fracos.

Você provavelmente já ouviu o ditado: “Falhe positivamente!”. Isso quer dizer que, quando você falhar, pode usar essa oportunidade para aprender e crescer. É deixar suas falhas trabalharem a seu favor.

Ainda mais importante, no entanto, é deixar que suas falhas o atraiam para mais perto de Deus. Falhe “mais perto” — perto de Deus, perto da dependência, perto da fé.

O CONTEXTO É IMPORTANTE

Outro benefício da fraqueza é que ela nos ajuda a termos empatia com os outros. Frequentemente nossas conexões mais autênticas e sinceras com outras pessoas são feitas através de fraquezas que compartilhamos.

Qual alívio você poderia oferecer a alguém que está passando por uma dor pessoal, se você não tiver alguma referência do que seja isso? Suas lutas dão credibilidade para dizer a alguém que está sofrendo: “Sei como você se sente, e nós vamos enfrentar isso juntos”. A empatia verdadeira é um presente empoderador que você poderá entregar apenas depois de ter passado por algo que tenha revelado as suas fraquezas.

A quem você mais ouve quando precisa de ajuda? Aos intelectuais sabe-tudo? Ou a pessoas que passaram pelo que você está passando e sobreviveram para contar a história?

Muitas vezes, nossa maior influência nasce dos mais profundos sofrimentos. Nossa educação, nossa eloquência e nossa inteligência ajudam bastante, mas não são nem de perto tão confiáveis quanto as nossas fraquezas. Tocamos as pessoas ao nosso redor por causa da dor e da humanidade que compartilhamos.

Entendo que nem todos podem ou devem saber de todos os detalhes das suas fraquezas. O objetivo não é fazer um desfile com os nossos problemas, vestindo nossas fraquezas para que o mundo veja. Mas, ao aprendermos a ser vulneráveis com Deus e com as pessoas certas e de confiança, descobrimos que toda fraqueza, devidamente processada, contém segredos de força.

Pense qual foi a última vez que você se descontrolou e chorou na frente de um amigo. Pode ter sido desconfortável. Pode tê-lo envergonhado. Mas aposto que esse momento de vulnerabilidade ganhou mais o coração dessa pessoa e cimentou mais ainda a amizade de vocês do que qualquer outra experiência que vocês tiveram.

Existe algo com a fraqueza que faz abrir o coração. Ela desarma a pessoa defensiva. Suaviza o desconfiado. Afaga o indiferente.

A fraqueza mostra às pessoas que não devemos ser temidos ou reverenciados. Somos mais “um deles”, e sendo assim, somos bem-vindos para participarmos de suas vidas.

Certa vez, ouvi alguém dizer que as duas palavras que mais precisamos falar àqueles que estão feridos não é *você deveria,* mas *eu também*.

No nosso caso em questão: Jesus. Ele fez Sua grande estreia na raça humana como um bebê. Isso quer dizer muita coisa. Bebês humanos são praticamente as criaturas mais carentes de cuidados no planeta.

Além disso, Sua mãe foi uma adolescente grávida solteira. Seu pai era um trabalhador braçal. Eles eram de Nazaré, uma cidadezinha atrasada que era alvo de piadas. A juventude de Jesus não poderia ter sido mais distante possível do que foi da realeza — o que dirá da divindade.

Então, depois de trinta anos não registrados de humanidade, Ele começou Seu ministério que durou três anos e meio.

Se você fizer as contas, mais de oitenta e cinco por cento de Sua vida foram passados na obscuridade.

A Bíblia prova algo ao mostrar a humanidade de Jesus durante todo o Seu ministério. Ele viveu sem pecado, claro, mas também experimentou fadiga, fome, sede, raiva, tristeza, tragédia, traição, críticas, tentação, perseguição e, por fim, a morte.

Por que esse contexto? Você já se perguntou? Será que era mesmo necessário que Ele passasse pela infância, pelo deixar as fraldas e pela puberdade? Ele tinha que andar na Terra e sofrer suas mazelas por tanto tempo? Por que Ele não apareceu como o Thor, um super-herói musculoso que desce do céu para salvar a humanidade?

Hebreus nos conta porque Jesus foi tão... fraco.

> Pois não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas, mas sim alguém que, como nós, passou por todo tipo de tentação, porém, sem pecado. Assim sendo, aproximemo-nos do trono da graça com toda a confiança, a fim de recebermos misericórdia e encontrarmos graça que nos ajude no momento da necessidade. (Hebreus 4:15-16)

Em outras palavras, enquanto a justiça de Jesus nos salva, Sua humanidade é o que nos atrai para mais perto Dele. Essa é a ponte entre Deus e o homem.

A pessoa de Jesus é Deus dizendo em alto e bom tom: “Eu também!”

O apóstolo Paulo coloca isso perfeitamente:

> Pois, na verdade, foi crucificado em fraqueza, mas vive pelo poder de Deus. Da mesma forma, somos fracos nele, mas, pelo poder de Deus, viveremos com ele para servir a vocês. (2 Coríntios 13:4)

Em Jesus, nossas fraquezas são as armas secretas do Céu.


8

MUDANDO A MUDANÇA

Quando Holly e eu tivemos nosso primeiro filho, Elijah, eu tinha muito o que aprender.

Alerta de amenização!

Eu tinha que aprender *tudo.*

Lembro-me de ter tido muitos medos durante a primeira gravidez de minha esposa. *E se algo der errado? Ela pode comer isso? Será que respirar poluição provoca uma espontânea mudança de sexo dentro do ventre? Alguém está fumando cigarro. Será que posso prender esse cidadão?* Eu tinha uma ladainha sem fim de preocupações, inquietações e incertezas.

Logo após o parto, uma das enfermeiras começou a falar sobre algo chamado teste Apgar.

Teste? Eu não sabia que ia ter um teste. A criança acabou de ver a luz do dia pela primeira vez, e já tinha que fazer um teste?

Eles explicaram que existe uma escala e que a criança receberia uma classificação baseada em sua cor da pele, batimentos cardíacos e tudo mais.

Eu perguntei: “Como ele foi? Ele venceu?”

Eles disseram: “Sr. Furtick, seu bebê é saudável”.

Meu sentimento imediato foi: missão cumprida!

Eu ainda relembro o sentimento de alívio. *Agora não tenho mais que me preocupar com o bebê. Nós conseguimos. Com isso, eu quero dizer que a Holly conseguiu. Mas o ponto principal é, não precisamos nos preocupar mais.*

Eu não sabia que o que eu havia imaginado ser a cerimônia de encerramento, era só o disparo inicial. Que eu estava prestes a entrar em uma nova realidade de desastres com fraldas e emergências com carrinhos de bebê, privação do sono e oportunidades infinitas para entrar em pânico.

Levamos o Elijah para casa. Após alguns dias fomos dar uma volta no bairro. Percebi alguns insetos voando ao redor de sua cabeça. Entrei em pânico. Eu o

guardei entre meus braços como uma bola de futebol americano e corri para casa, porque nenhum inseto iria pousar no meu garotinho. Holly estava rindo, mas eu não me importava. Eu não deixaria meu filho pegar o vírus da Febre do Nilo.

Tenha em mente, Elijah foi nosso primeiro filho. Nós temos três agora. Quando chegou ao terceiro, as coisas eram diferentes. “Abbey, são apenas insetos. Vá em frente. Brinque com eles, engula-os. Tenho certeza de que são uma boa fonte de proteína”.

Mas quando é o seu primeiro filho, a ansiedade desnecessária faz parte do pacote, eu acho.

Alguns dias após o episódio dos insetos kamikaze, quando estávamos em casa, Elijah estava em seu berço e deveria estar pegando no sono, mas, na verdade, estava gritando. A propósito, geralmente era esse o seu padrão de comportamento durante seu primeiro ano de vida. Conseguíamos ouvi-lo pela babá eletrônica. Mas nós deixamos as coisas continuarem assim por alguns minutos para ver se ele iria parar de chorar sozinho.

Então a babá eletrônica deu um estalo, e o choro parou. No começo eu fiquei aliviado devido ao silêncio, mas então a preocupação tomou conta. *Será que ele caiu no sono? Ou será que morreu? Talvez esteja engasgando. Talvez esteja em perigo e não possa falar nada, e eu estou sentado aqui desfrutando do silêncio.*

Eu me lembro de entrar correndo pelo quarto, arremessando a porta para entrar.

Ele estava dormindo, é claro, pelo menos estava, até minha invasão no quarto.

Depois disso, disse para Holly: “Eu tive esse conceito bobo de homem sobre ter filhos, de que uma vez que o bebê nascesse, nós pararíamos de nos preocupar, mas estou sentindo que isto é só o começo de uma vida inteira”.

Holly disse algo muito profundo: “É, eu acho que confiar a vida de nossos filhos a Deus é um processo para a vida toda, e ainda vai ficar mais desafiador com o tempo”.

Eu sabia que era verdade. Claro, eu consigo proteger meus filhos dos insetos agora. Mas certamente eles vão crescer e ir para a faculdade. Não poderei

escondê-los em meus braços e salvá-los de colegas de quarto sem noção, nem de motoristas perigosos.

Aprendi algo. É fácil casar e sonhar sobre ter filhos. Mas “ter filhos” não é uma tarefa que você risca da sua lista de conquistas. Não é uma vitória ou uma realização que você alcança, e então alguém dá um tapinha nas suas costas e você segue em frente.

“Ter filhos” não é um evento nem um projeto. É um processo.

O processo de ter filhos nos revela muito sobre a natureza de Deus. Pense sobre isso! Qual é o objetivo de crianças pequenas? Por que Deus inventou adolescentes? Apenas imagine como a civilização estaria bastante adiantada se não gastássemos os primeiros dezoito anos de nossas vidas aprendendo a usar o penico, lidando com espinhas, com a puberdade e com o baile do colegial.

Deus poderia ter nos criado como humanos plenamente formados. Poderíamos começar nossa vida em torno dos quarenta anos de idade. Essa idade parece boa, você não acha? Nós já teríamos sabedoria, mas ainda não teríamos artrite.

Porém, de modo contrário, Ele nos coloca no mundo em um estado de completa dependência. Por qual motivo? Porque Ele é um Deus de processos.

A mesma verdade vale para a nossa caminhada espiritual. No dia em que colocamos nossa fé em Jesus, isso não foi a cerimônia de encerramento. Não foi a linha de chegada. Não significava que, daquele momento em diante, nós pensaríamos, andaríamos, falaríamos e agiríamos exatamente como a Jesus. Isso pode parecer óbvio, mas eu já conheci várias pessoas que, tal qual o Superman, esperavam sair de uma cabine telefônica com um *S* no peito logo após suas experiências de salvação.

Dois dos meus versículos favoritos da Bíblia são Colossenses 2:6-7: “Portanto, assim como vocês receberam Cristo Jesus, o Senhor, continuem a viver nele, enraizados e edificados nele, firmados na fé, como foram ensinados, transbordando de gratidão”.

Em outras palavras, nós recebemos Jesus em um ponto específico no tempo. Mas esse não foi o final da história. Agora nós temos que continuar Nele, viver Nele, enraizarmo-nos Nele, edificarmo-nos Nele e fortalecer a nossa fé Nele.

Às vezes nos preocupamos porque nós não parecemos estar mudando rápido o suficiente. Nós olhamos para as fraquezas e falhas que nos afligem e nos frustramos. Por que não podemos melhorar mais rápido? Será que não seríamos mais úteis para Deus? Não seríamos mais qualificados para segui-Lo e servir-Lhe?

Mas quando se trata de consertarmos a nós mesmos, Deus tem seu próprio calendário.

PROJETO OU PROCESSO

Isto é difícil de ouvir, porque somos uma cultura orientada por projetos. Amamos metas, amamos resoluções e amamos os resultados. Não tem nada de errado nisto, não necessariamente.

Eu vivo pela emoção de resolver as coisas. Para mim é quase um "deleite" riscar coisas de uma lista. Na verdade, às vezes, quando eu completo uma tarefa que eu não planejava fazer, eu volto e coloco na lista, por mais que já tenha sido feita, só para poder ter a adrenalina de riscar da lista. O quê? Não é todo mundo que faz isso?

Isto tem funcionado a favor e contra mim durante a vida inteira. Algumas vezes, este hábito me pressiona até que eu complete algo, pois eu sou um finalizador. Mas, em outras ocasiões, quando considero começar algo que vai levar algum tempo a mais, ou quando estou no meio de uma tarefa e não vejo o fim daquilo, eu congelo. Se eu não consigo estipular um prazo e ver um progresso significativo ao longo do caminho, eu perco a motivação bem rápido.

No decurso deste livro, temos discutido as nossas identidades. Temos olhado para as nossas terceiras palavras, para as nossas fraquezas e forças, lidando com duas situações opostas: aceitar quem nós somos neste momento e, ao mesmo tempo, tornarmo-nos quem Deus quer que sejamos.

Existe uma palavra para tudo isso: *processo*.

A caminhada cristã não é uma linha de chegada. Não é uma meta ou uma conquista. É um constante relacionamento com Jesus. É uma progressão de

crescimento e mudança, de aceitar e trocar, de ouvir a voz de Deus e viver o que Ele diz que nós somos.

É um processo, e vai durar o resto de nossas vidas.

Seguir a Jesus é uma constante, é uma experiência para sempre envolvente. E o quanto antes entendermos isso e aceitarmos esta verdade, mais desfrutaremos da jornada.

A MUDANÇA É SUPERESTIMADA

É bastante fácil dizer que precisamos ser pacientes com o processo. Falar sobre os benefícios das fraquezas.Exaltar as virtudes de aceitarmos quem nós verdadeiramente somos.

Mas eu acho que todos nós sabemos por que estamos com tanta pressa de mudar.

Porque erros *machucam.* Eles são dolorosos, vergonhosos e confusos.

Essa é a natureza dos erros, e eu acho que esse é o motivador número um para mudanças.

E eu sei, espiritualmente falando, que nossa motivação para a mudança deveria ser a de agradar a Deus.

De forma idealista, isso é verdade. Isso é nobre. E se é assim que você vive, você é incrível. Palmas para você!

Mas, se formos honestos, a maioria de nós não muda até precisarmos mudar. Até que a nossa frustração com o estado em que as coisas estão chegue ao limite. Até que nenhuma das calças no nosso guarda-roupa caibam mais. Até que nos desgastemos tanto que começamos a pagar o preço em nossa saúde e em nossos relacionamentos. Ou até os nossos problemas terem criado isolamento suficiente para que fiquemos conscientes da realidade. Isso se chama *aprender do jeito difícil*, e é um padrão universal humano.

Às vezes, nós interpretamos a dor dos nossos erros como punição de Deus. Eu não vejo dessa forma. Penso que essa dor pode, na verdade, ser um presente para ajudar-nos a compreender nosso potencial para a mudança.

Para começo de conversa, por que você acha que Deus quer que façamos essas mudanças? Isso é mais sobre nós do que sobre Ele. E, por mais que seja verdade que Deus queira que O glorifiquemos e reflitamos sobre Ele com precisão, Ele não é um ditador caprichoso. Ele não precisa que alcancemos um alto nível de perfeição para que Ele se sinta bem consigo mesmo sendo Deus.

Deus sabe que algumas coisas vão exaurir a nossa vida. Vão nos machucar. Vão machucar pessoas ao nosso redor. Vão machucar nosso relacionamento com Ele.

Então Ele as chama de pecado, e permite que paremos de fazer essas coisas.

Vamos esclarecer as coisas. Deus não nos pede para mudarmos porque isso poderia acrescentar algo para Ele. Não é para o benefício Dele que nós colocamos nossas vidas em ordem.

É para o nosso. A obediência e a santidade que Ele pede de nós é para nosso próprio bem-estar e para o bem-estar dos que estão ao nosso redor.

Acho que todos nós podemos concordar que o pecado confunde e complica nossas vidas. Faz-nos perder o chão, perder o respeito e perder tudo. Erros são, seja lá qual for a nossa definição, ruins.

Não é surpresa que tentemos tanto revertê-los e eliminá-los. Nós tomamos decisões de Ano Novo. Começamos o Cross Fit. Voltamos para a escola. Assistimos TED Talks.

Estamos convencidos de que uma existência livre de falhas está logo ali na esquina. Se a desejarmos o suficiente, se tentarmos o suficiente, se estudarmos diligentemente, se nos esforçarmos e persistirmos o suficiente, chegaremos lá. Vamos superar nossas fraquezas e finalmente seremos felizes.

Mas isso nunca acontece.

Não quero dizer que nunca melhoraremos. É claro que sim. Este é um dos privilégios de ser humano.Temos uma capacidade enorme de controle sobre quem nós podemos nos tornar e o que conquistamos. Não apenas pensamos que chegaremos, como conseguimos chegar. Nós nos esforçamos e fazemos progresso, e isso é momentaneamente recompensador, mas então temos mais tarefas para realizar.

E frequentemente nossas melhorias não nos fazem tão felizes quanto esperávamos.

Ironicamente, quanto mais nos arrumamos, mais nos tornamos conscientes do quanto nós ainda temos para arrumar. É a contradição da perfeição. O Paraíso parece tão perto, no entanto, fica sempre apenas no horizonte, tentando-nos e provocando. Então nos vendemos para o autoaperfeiçoamento, e andamos por anos na mesma estrada, perguntando-nos por que ainda não somos felizes.

Sim, nós devemos nos empenhar para sermos as melhores versões possíveis de nós mesmos. Mas precisamos entender que o exercício do autoaperfeiçoamento não produz felicidade. Menos falhas nem sempre querem dizer uma vida mais satisfeita.

Por qual motivo? Porque nossas fraquezas não são necessariamente a fonte de nossa infelicidade. Portanto, a perfeição não é a cura.

A mudança é boa. A mudança é necessária. A mudança é inevitável.

Mas a mudança, por si só, é superestimada.

SEM FIO DENTAL

É superestimada, pois existem mais coisas na vida do que autoajuda e autoaperfeiçoamento. Existe algo muito mais profundo, permanente e realizador.

Esse *algo* é descobrir novas dimensões em nosso relacionamento com Deus. Não é necessariamente algo que você possa riscar de uma lista. Mas, para começo de conversa, é o que dá significado a tudo que está na lista. Nosso relacionamento com Deus não deve ser o ponto de partida para alcançarmos os nossos objetivos. Quando nossas prioridades estão corretas, nossas metas se tornam uma forma de nos aproximarmos de Deus. E, independentemente de estarmos acertando todas as nossas metas ou não, se estamos aprendendo a confiar mais em Deus, estamos atingindo o objetivo final.

Conhecer a Jesus é a única coisa que pode nos completar e satisfazer. Fomos criados com uma necessidade de conhecer Deus, e quando nos voltamos para Ele, encontramos a fonte da realização perpétua.

A mudança é temporariamente gratificante, mas o relacionamento traz uma satisfação eterna.

Esse é o objetivo do processo: estar com Ele. É “continuar vivendo... Nele”, como diz Colossenses 2:6.

Não podemos reduzir o cristianismo a um programa de autoajuda. Jesus não sangrou e morreu na cruz para que pudéssemos nos aperfeiçoar. Ele não levou nossos pecados sobre Si para que pudéssemos sentar e criticar a nós mesmos até que alcançássemos a perfeição.

Você já viu macacos em um zoológico pegando insetos das pelagens uns dos outros? É nojento e afetuoso ao mesmo tempo. Sobretudo nojento.

Às vezes fazemos o mesmo como seguidores de Jesus. Pensamos que buscar e criticar os erros e falhas uns nos outros e em nós mesmos é o nosso chamado dado por Deus e o apogeu da caridade cristã. É pegar nossas lentes de aumento e pinças para tentarmos eliminar cada vestígio de nossa natureza pecaminosa.

Enquanto isso, o mundo ao nosso redor tem uma necessidade desesperadora de amor e da graça de Deus. Pessoas estão famintas daquilo que carregamos, mas estamos muito desencorajados pelos nossos pecados fúteis — nossos problemas de temperamento, nossos problemas com orgulho e nossos vícios com pornografia — para darmos atenção. Pensamos que precisamos ser perfeitos antes de sermos eficientes.

Mas isso não vai acontecer neste planeta. E, se acontecesse, provavelmente seríamos insuportavelmente arrogantes. E completamente não confiáveis.

Estamos no mesmo processo que todo santo e pecador lá de fora. E isso é bom. Isso até mesmo ajuda. Permita que Deus o use, não importa em que parte do processo você se encontra.

Por favor, não me entenda errado. Eu vou dizer isto novamente: não estou desculpando o pecado. Nós devemos estar em uma missão contínua, tanto para melhorar a nós mesmos quanto para sermos uma bênção para os outros.

Mas a autoperfeição não é o objetivo da existência humana.

O relacionamento com Deus é. Caminhar com Deus é. Conhecer Deus, seguir Deus, ouvir Deus, obedecer a Deus — estas são as coisas para as quais a humanidade foi feita.

Não é ficar buscando defeito na pelagem uns dos outros, nem cisco nos olhos uns dos outros — nem nos seus próprios olhos.

Quando chegarmos ao Céu, o pecado não será mais um problema. Mas nosso relacionamento com Deus continuará para a eternidade. Isso deveria nos dizer algo: nós não devemos perder de vista o que é eterno nem gastar energia para melhorar o que é temporário.

Eu entendo que o que estou dizendo pode soar assustador, pois, como cristãos, gastamos uma quantidade excessiva de tempo examinando nossos erros e tentando consertá-los. Chegamos a pensar que, se relaxarmos nosso cuidado com a santidade, cairemos nas garras do pecado.

Mas, quanto mais eu sigo Jesus, mais eu percebo que Sua relação com a nossa vida é muito mais segura do que isso. Ele é o autor e consumador. Ele é aquele que nos dá tanto a vontade quanto a forma de obedecer. Ele toma a iniciativa. Ele toma a frente. Ele provê o poder para a mudança.

Deus tem um calendário para as nossas vidas, e as chances são de que seja diferente do nosso próprio calendário. Talvez as terceiras palavras que nos deixam malucos não tenham tanta prioridade para Deus como têm para nós. Então nós pensamos que não estamos mudando, pois não vemos o que consideramos ser nossos principais problemas mudando com tanta agilidade.

Mas, a todo momento, estamos passando por profundas mudanças — frequentemente sem que nos demos conta. Algumas vezes vamos olhar para trás e perceber que Deus tem feito coisas incríveis o tempo todo.

A razão pela qual sou tão apaixonado sobre ter uma visão realista da mudança é porque o oposto — pensar que precisamos ter tudo funcionando perfeitamente e de imediato — é contraprodutivo e depressivo. Cria o cinismo e a desesperança, e como resultado, enfraquece as metas desejadas.

Eu fui a um novo dentista recentemente.

Quando a higienista dental me atendeu, eu disse: “Preciso que você entenda algo logo de cara. Eu serei o pior paciente que você já teve em sua vida, porque não farei nada das coisas que você me disser para fazer entre esta consulta e a próxima que eu voltar”.

Ela meio que riu. Mas eu não estava brincando.

“Eu voltarei em seis meses”, continuei, “mas, nesse meio tempo, não vou usar fio dental. Eu tenho um retentor atrás dos meus dentes, e eu não vou passar aquele fiozinho plástico lá atrás. Eu já tentei e é irritante. Então você pode me

dar fio dental, mas vai acabar na lixeira. Provavelmente eu não vou sair daqui com ele. Vou jogar na lixeira do saguão de entrada".

"E, enquanto estamos sendo honestos, eu não escovo três vezes ao dia. Vou escovar pelo menos uma, duas em um dia bom, e isso é o melhor que você vai ter".

"Eu sei que preciso de um mordedor, pois eu fico pressionando meus dentes durante a noite. Eu sei que ficarei sem dentes quando chegar aos quarenta. Mas eu usei esse mordedor da última vez que me deram um, e me sufocou. Não sou fã de sufocar durante a noite, então você pode economizar no mordedor. Não vou usar um."

Aquela pobre moça. Ela deveria cobrar mais por pessoas como eu.

Como um pastor, às vezes eu sou encarado por pessoas no auditório que me lembram da minha atitude com a dentista.

"Eu já tentei isso. Não funcionou para mim. Eu vou ouvir você, mas não vou fazer nada do que você falar."

Eu entendo isso. Eu realmente entendo. Independentemente de estarmos falando de nossa higiene bucal ou da nossa caminhada com Deus, todos esbarramos no mesmo problema: *nós já tentamos isso.*

Já tentamos mudar. Já tentamos fazer melhor. Tivemos grande esperança, expectativa e fé que as coisas iriam melhorar.

Mas elas não melhoraram, e agora estamos um pouco céticos. Como permanecer comprometido com o processo quando o processo não parece estar indo a lugar nenhum?

CONTINUE CIRCULANDO

Quando entreguei minha vida a Cristo com dezesseis anos, pensei que era um projeto que havia sido completado. Eu li o que Jesus disse na cruz: "Está consumado!" (João 19:30). Eu vi o que Paulo escreveu: "E, assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura" (2 Coríntios 5:17, ARA).

Então eu pensei, *Legal! De agora em diante, quando eu avistar uma garota bonita, não terei nenhum pensamento lascivo nem tentador a respeito dela.*

Então uma líder de torcida passou por mim. Não fazia nem vinte e quatro horas que eu era um filho de Deus e, *bum!* O mesmo sentimento.

Só que agora eu sabia que era errado. Agora eu me sentia mal por isso. Mas ainda estava lá. E eu não conseguia entender o porquê. Era depressivo.

Tenho certeza de que você já sentiu essa frustração, talvez em um nível muito mais sofisticado. Por exemplo: talvez você tenha lido em Efésios 5 o quanto você precisa amar mais sua esposa. Você pensa: *Ok. Eu preciso amar minha esposa como Cristo amou a Igreja.* Então você vai para casa e lava os pratos.

Ela parece não se impressionar. Ela nem sequer disse: "Obrigada!". Nem fez amor com você ali no meio da cozinha.

Então você pensa: *Já tentei isso. Eu fiz aquele negócio do amor do qual ouvi falar. Não deu certo.*

Lembre-se de que é um processo. Se você está desconectado por meses, olhando o celular toda noite após o jantar, lavar a louça uma vez, provavelmente não vai desfazer tudo isso.

Ou que tal esta? Certa vez alguém o machucou, e você pensou que o tinha perdoado. Mas então você fica sabendo que ele foi promovido no trabalho, e você se encontra vagamente chateado. E isso o faz perceber que, bem no fundo, você secretamente ainda esperava que ele tivesse que pagar pelo que fez a você. Não é como se você quisesse que ele morresse em um acidente de carro ou algo assim, mas, definitivamente, você não o queria subindo a escada do sucesso.

É desencorajador. *Eu achei que tivesse superado aquilo,* você pensa desanimado. *Eu achei que eu era maior do que isso.*

Caminhar com Deus normalmente não é uma linha reta daqui até ali. É um processo que pode ser um pouco desorientador às vezes. E, se não entendermos o fator tempo envolvido, se não tivermos as expectativas certas, podemos terminar desiludidos e derrotados.

No "evangeliquês", tendemos a olhar para a palavra *salvação* como algo passado. Dizemos coisas como "Eu fui salvo quando tinha dezesseis anos", ou "Eu sou salvo há vinte anos".

Nós tratamos como se fosse um evento, mas, na realidade, é um processo. A Bíblia fala sobre salvação nos três momentos indicados pelos tempos verbais: passado, presente e futuro.

Quando, no passado, colocamos nossa fé em Jesus, fomos salvos: “Pois vocês são salvos pela graça, por meio da fé” (Efésios 2:8). Isso é passado. Está feito. Está consumado. E aconteceu em um momento.

Mas também estamos sendo salvos no presente: “Pois a mensagem da cruz é loucura para os que estão perecendo, mas para nós, que estamos sendo salvos, é o poder de Deus” (1 Coríntios 1:18). Isto fala dos processos de mudança, de crescimento e de profundidade.

E então surge o elemento de salvação no futuro: Nós *seremos salvos.* “Herança guardada nos céus para vocês que, mediante a fé, são protegidos pelo poder de Deus até chegar a salvação prestes a ser revelada no último tempo” (1 Pedro 1:4-5).

Nós *fomos* salvos, nós *estamos sendo* salvos, nós *seremos* salvos. Não há dúvida quanto a isso. Caminhar com Deus é uma experiência para a vida toda. E além.

Sim, nós já somos perdoados. Nós nunca seremos mais perdoados do que somos agora. Nunca seremos mais amados do que somos agora. Já chegamos e já somos aceitos. Mas, ao mesmo tempo, é um processo, pois estamos sendo mudados e transformados a cada dia. E o processo não estará completo até que vejamos Cristo face a face, quando Ele nos tornar como Ele é.

Não sei quanto a você, mas eu tenho muita coisa para processar. Parte disso aconteceu antes mesmo que eu nascesse, está no meu gene. Outra parte tem a ver com minhas próprias decisões, com hábitos que cresceram e tomaram conta de mim.

E eu fico muito cansado ao ficar rodeando os mesmos problemas. Já orei a respeito deles. Pensei que já os tinha vencido. Então é frustrante pegar-me dando voltas ao redor dos mesmos problemas de novo e de novo. E essa frustração me enche com um sentimento baixo de desesperança. Uma das minhas bandas favoritas dos anos noventa, Extreme, tinha uma música que era menosprezada chamada “Eu algum dia vou mudar?” Eu lembro de ficar pensando, mesmo na adolescência, que o título daquela música era a questão que definia a minha vida. Como adulto, achei a pergunta ainda mais desesperadora.

Estava conversando com um amigo recentemente sobre um problema com o qual lidei durante toda a minha vida: meu temperamento. Eu não sou violento ou

agressivo, mas posso ser um tanto grosseiro. Eu posso ser bastante irritável e mal-humorado com as pessoas que mais amo, mesmo logo após pregar.

Portanto, eu estava explicando a esse amigo, que também é conselheiro profissional, que *eu estava cansado de mim mesmo.*

Ele perguntou: “Por que você está dizendo algo assim?”

“Porque eu continuo lutando sempre com a mesma coisa. Estou cansado de rodear nisso repetidas vezes. Com todo o conhecimento que tenho e considerando como Deus tem sido bom para mim, eu já deveria ter superado.”

Eu não estava bravo com Deus. Eu estava com raiva de mim mesmo. Eu estava olhando para a minha pessoa e pensando: *depois de tudo que Deus me deu, por que não consigo mudar? E lá vou eu novamente. Outra volta ao redor do meu temperamento raivoso. Tudo isso começou quando eu nasci. E não vai acabar até que eu termine os meus dias.*

Quando eu disse ao meu amigo: “Estou cansado de rodear nisso”, ele disse, enigmaticamente: “Bem, pelo menos você não está rodeando no mesmo nível”.

A reação típica de um conselheiro.

Ele continuou dizendo: “Sou seu amigo há anos. Sim, você ainda luta com as mesmas coisas, mas eu percebi que você não fala mais sobre isso do mesmo modo. Agora você fala como se viesse do coração. Você costumava estar completamente focado nos seus comportamentos e resultados. Agora você fala sobre suas motivações. É um nível mais profundo.”

Deixe-me perguntar-lhe. É possível que, mesmo que você esteja dando voltas no mesmo assunto, Deus esteja trabalhando em seu coração em um nível mais profundo? Talvez você tenha mais motivos para comemorar do que você imagina.

Meu amigo continuou: “Outra coisa, vejo você rodeando nesse problema, mas você está em uma altitude maior”.

“Espere um minuto, eu estou rodeando mais profundo ou mais alto?” Eu estava confuso com o que ele queria dizer.

Ele continuou, imperturbável: “Você está com mais consciência. Você está mencionando coisas agora com as quais você nem sabia que tinha lidado anos atrás quando eu o conheci. Você está mudando muito, embora a luta pareça tão forte quanto antes”.

Só porque eu estou rodeando o mesmo problema não significa que eu esteja no mesmo nível. Reconhecer isso tem sido um divisor de águas para mim. Espero que isso seja útil para você também.

Talvez você esteja se revirando por dentro ultimamente, pensando: *Por que eu sou tão difícil? Por que não consigo resolver isso?*

Talvez sua mudança ainda não tenha ficado aparente. Isso não significa que não esteja acontecendo. E algumas coisas que parecem inúteis na luta de algum desafio, podem ser práticas para a vitória futura.

O FINALIZADOR

Termine o que você começou. É um dito popular.

Mas quando se trata de nossa caminhada com Deus, não somos nós que primeiramente começamos. Deus começa.

Se dependesse de nós começarmos as coisas, ainda estaríamos longe de Deus. Mas Deus se aproximou. Ele enviou Seu filho. “Enquanto ainda éramos pecadores, Cristo morreu por nós” (Romanos 5:8). Deus pisou no meio do nosso caos e desobediência, do nosso correr e vagar, do nosso negar Aquele que nos criou. Ele interrompeu o ciclo e disse: “Minha graça é suficiente” (2 Coríntios 12:9).

Anteriormente citei Colossenses 2:6: “Portanto, assim como recebestes a Cristo Jesus, o Senhor, assim também andai Nele” (ARA). Observe como termina.

Se você entender este versículo como um mandamento sobre como viver para Deus, estará cometendo um erro. Ele não diz viver *para* Ele, mas viver *Nele*.

É um convite. Deus não está dizendo: “Se você diz que conhece Jesus, é melhor viver como Ele”. Ele está dizendo: “Se você conhece Jesus, você *vive com* Ele”. É um privilégio e um relacionamento.

Nossas lutas não significam necessariamente que estamos distantes de Deus. Às vezes, quando mais estamos lutando, mais estamos perto Dele. Estamos mais

conscientes do que nunca da nossa necessidade desesperadora por Ele, e Ele responde com graça e paciência.

Isso não é sobre o destino. É sobre a jornada. E a graça que nos levou a esse relacionamento é a mesma que nos impulsiona a seguirmos em frente.

O versículo termina com a palavra “Nele”. Não diz *em algo*, diz *Nele*. A vida cristã não é uma coisa. É Ele. Não é um princípio nem um programa. É uma pessoa. É Jesus.

Na próxima vez que você estiver rodeando no mesmo pecado, lembre-se de Jesus. Quando você se sentir como se estivesse dando uma volta em torno da sua preguiça e imaginar: *Por que não posso ser mais disciplinado?* Ou na próxima vez que estiver dando uma volta em torno do seu descontrole de gastos, pensando: *Por que não posso ser mais próspero?* Ou na próxima vez que você estiver dando uma volta em torno de sua incapacidade de continuar com algo por mais do que algumas semanas, ou de sua incapacidade de ser paciente com pessoas que lhe dão nos nervos, ou de sua incapacidade de produzir sob pressão.

Lembre-se de Jesus.

O fim de si próprio é, muitas vezes, o começo da graça. Volte seus olhos para Jesus e deixe que Ele assuma a liderança. Ele está ainda mais interessado em sua transformação do que você. Ele é mais paciente com você do que você mesmo. Ele está comprometido com o processo e vai guiar você durante todo o caminho.

O autor de Hebreus escreveu isto:

> Portanto, nós também, pois estamos rodeados de tão grande nuvem de testemunhas, deixemos todo embaraço, e o pecado que tão de perto nos rodeia, e corramos com perseverança a carreira que nos está proposta, fitando os olhos em Jesus, autor e consumador da nossa fé. (12:1-2 ARC)

Como vamos terminar a corrida? Olhando para Jesus. Ele é o pioneiro e o iniciador de nossa fé, e Ele é o aperfeiçoador e o finalizador.

Reconheço que isso pode parecer um pouco abstrato. Mas, na verdade, é tão simples quanto ter um foco. Se os seus pensamentos estão no quanto você tem que avançar, seus passos parecerão pesados e incertos. Mas se o seu foco está em até onde Deus já o trouxe, e se a sua confiança está no que Jesus já fez por você, você terá mais energia para a jornada.

“Termine o que você começou”, diz o mundo. Mas Deus diz o oposto: “Apenas continue o que eu já terminei. Aproveite o que eu já ganhei”.

Jesus morreu por você, levantou-Se por você e declarou que você está perdoado e livre. Continue caminhando. Dê outra volta. Ele está ensinando e você está crescendo. Você está se aproximando Dele.

Você não é perfeito ainda, mas está em um processo, e isso é o que mais importa.

O que eu acho profundamente encorajador é que, quando se trata dos pais da nossa fé, a Bíblia não se esquiva do processo. Deus não tenta esconder a humanidade deles ou encobrir seus problemas.

Os erros dos pais da fé estão registrados para sempre, não apenas como um aviso, mas, sobretudo, como um encorajamento. Se eles venceram, também podemos vencer.

Já mencionamos alguns deles: Moisés, José, Gideão, Davi, Salomão, Paulo — até mesmo Jesus. Todos eles enfrentaram fraquezas e limitações. Apesar disso, Deus realizou grandes coisas neles e através deles.

Mas se eu tivesse que escolher um personagem de toda a galeria bíblica que sintetizasse esta ideia de processo, de fraqueza e crescimento, de palavras erradas e de palavras certas, sei exatamente qual pessoa escolheria.

Em todas as suas complexidades, esse homem estava certamente familiarizado com o processo. Ele era parte herói e parte vilão, parte agressor e parte vítima. Ele passou a vida tentando fazer tudo da maneira errada e na hora errada, até que finalmente aprendeu a abraçar a si mesmo e ao processo em que estava.

Seu nome é Jacó. E sua vida foi uma prova viva e incontestável de que Deus ama trabalhar com pessoas pouco qualificadas e, até mesmo, totalmente desqualificadas.

O DEUS DE JACÓ

A imagem de duas silhuetas contra a luz do sol nascente era uma visão curiosa. Ou pelo menos teria sido se alguém estivesse assistindo. Eles haviam lutado por horas e nenhum deles havia desistido.

Próximo dali, um acampamento havia sido abandonado, claramente às pressas. Alguns carvões, restos de equipamentos e uma sensação de medo era tudo que havia restado.

Os homens lutaram como se suas vidas dependessem daquilo. E, para um deles, dependia.


9

O PODER DO CRISCO

Eu já criei inúmeras identidades imaginárias. Não porque quisesse enganar alguém. Mas talvez porque eu desejasse me sentir parte. Ou talvez porque aceitar minha verdadeira identidade fosse desconfortável demais. Provavelmente, um pouco dos dois.

Lembro-me de quando tinha seis anos de idade e corria no jardim de casa todas as tardes gritando: “Pelos poderes de Crisco! Eu tenho a força!” E levantava minha espada do He-Man no ar, imaginando os poderes de Crisco — sejam lá quais fossem — transformando-me em um super-herói.

Lembro vagamente da minha mãe rindo na cozinha e do meu vizinho, sr. Buddy, sorrindo enquanto cortava sua grama. Eu não entendia o que era tão engraçado.

Então um dia minha mãe teve que me contar a dura verdade. Ou nesse caso, a gordurenta verdade.

“Querido, você sabe o que é Crisco?”

“Sim senhora, é o que o He-Man usa para ganhar seus superpoderes.”

“Ah é?”

“Sim, senhora! O príncipe Adam levanta a espada e fala: ‘Pelos poderes de Crisco!’ e vira o He-Man, e daí ele fala: ‘Eu tenho a força!’ e daí ele aponta a espada para o Cringer, e ele vira o Gato Guerreiro”.

Então minha mãe contou que Crisco, na verdade, era a marca de uma gordura vegetal hidrogenada para culinária. Ela até me mostrou uma lata. Ela disse que meu super-herói favorito estava na verdade chamando os poderes de Grayskull.

Crisco... Grayskull. Dá na mesma.

Ela disse: “Mas você pode continuar falando Crisco se quiser, querido. É bonitinho”.

“Não quero. Vou parecer burro.”

E essa foi a última vez que eu levantei a Espada do Poder.

Mas não a última vez que fingi ser mais poderoso do que realmente eu era, nem a última vez que tentei buscar meu poder na fonte errada.

Adultos podem ter rituais mais sofisticados do que os das crianças, mas nossa habilidade para fingir ser quem não somos é incrível — e não de uma forma boa. Como na letra da música do incomparável Prince: “Todas nossas vidas num palco, todos estrelando, realidade tão embaçada”.[12]

Você já parou para pensar o quanto de sua vida gira em torno de aparências, imagem, reputação e reconhecimento? Lançamos campanhas pessoais diárias de relações públicas para provar, nem que seja apenas para nós mesmos, que somos competentes e valiosos.

Estamos todos muito familiarizados com nossas falhas e fraquezas. Elas nos envergonham, frustram e ridicularizam. Então, por fim, concluímos que, para seguirmos em frente, é necessário que nos tornemos mais como outras pessoas.

E aprendemos a fingir até conseguirmos, ou até que a farsa nos quebre, dependendo do que acontecer primeiro.

Jacó, nosso estudo de caso para os próximos capítulos, era um grande fingidor. Onde isso o levou? Onde isso o fez aterrissar?

APENAS JACÓ

Jacó tinha problemas de identidade desde o momento em que nasceu. O coitado estava fadado a ser um fracasso.

Até mesmo o nome Jacó não era muito promissor. Literalmente significa “agarrador de calcanhar”. Parece bizarro, mas este não foi um daqueles casos em que os pais não procuram saber o significado do nome do bebê antes de registrarem a certidão de nascimento. E nem é tão ruim quanto Clem ou La-a. Na verdade, seu nome foi intencional. Talvez você já tenha lido a história que está em Gênesis 25.

Jacó tinha um irmão gêmeo. Ele e seu irmão, Esaú, eram ridiculamente competitivos. Os dois até lutavam no ventre. E quando chegou a hora de nascerem, Esaú saiu primeiro, mas por pouco. Jacó estava segurando o calcanhar de Esaú.

Por isso o nome.

Em nossa cultura, esse acontecimento seria apenas uma história para darmos risadas depois. Quem sabe talvez até servisse para que Esaú exigisse algum direito. Mas, naquela época, a ordem de nascimento significava tudo.

Como primogênito, Esaú tinha dois privilégios únicos: a primogenitura e a bênção. O primeiro significava que ele herdaria uma porção dobrada da herança. Seu pai, Isaque, era muito rico, então isso significava uma bela diferença.

Porém, mais importante ainda era a bênção. Ela se referia à mão de Deus abençoando com prosperidade e multiplicação pelo resto da vida. Referia-se à transferência de autoridade e liderança na família do pai para o filho.

Jacó aparentemente nunca superou o fato de ter perdido a corrida no canal de parto. Ele passou as décadas seguintes tramando e arranjando um jeito de conseguir o que Esaú possuía.

Sua terceira palavra era Jacó e ele não gostava do que isso significava. Ele queria ser Esaú — ou pelo menos ter o que Esaú tinha. Mas ele era apenas Jacó, e ser Jacó parecia ser o segundo melhor.

A Bíblia se preocupa em mostrar que, apesar de serem gêmeos, Esaú e Jacó eram como dois pólos opostos. Quando Esaú nasceu, ele era ruivo e cabeludo. Vou evitar os meus comentários sobre como os pais devem ter se sentido quando o filho tão esperado chegou parecendo o bebê Chewbacca. Esaú cresceu como um aventureiro e caçador. Ele era forte. Era valente. Parecia um personagem de um filme de ação.

E Jacó? A Bíblia conta que ele era de pele macia, pacato e que gostava de ficar nas tendas. Traduzindo, ele deve ter sido um filhinho da mamãe. Deve ter sido mais do tipo *Discovery Home & Health* do que ESPN.

Para piorar, os pais tinham seus preferidos. O pai deles, Isaque, amava Esaú, mas a mãe, Rebeca, amava Jacó.

Jacó cresceu na sombra de seu irmão. Esaú sempre foi maior, mais forte e melhor. A diferença externa parecia apenas destacar o fato de que Jacó jamais seria suficiente. *Se eu tivesse nascido alguns minutos antes do meu irmão,* Jacó deveria pensar, *a segurança e a bênção seriam minhas.*

O mais interessante é que o nome Jacó não significa apenas “agarrador de calcanhar”. Também significa “enganador, suplantador, usurpador”. Aponta

alguém que finge ser outra pessoa ou outra coisa a fim de pegar o que não é seu.

Os pais de Jacó não poderiam ter escolhido um nome mais apropriado. Jacó queria tanto a posição de seu irmão que o enganou para que lhe entregasse seu direito de primogenitura em troca de um ensopado de lentilhas. Vou falar mais sobre isso no próximo capítulo. Mas o maior truque de todos veio mais tarde, quando Isaque estava prestes a morrer.

O PREFERIDO

Nesse ponto, Isaque estava tão velho que não podia mais enxergar. Ele sabia que não tinha muito tempo e queria entregar a bênção a Esaú. Então chamou Esaú e ordenou que caçasse algo e lhe trouxesse para comer, e então o abençoaria.

Chegou Rebeca, a mãe do menino. Depois de ouvir tudo isso da outra sala, mandou chamar Jacó e disse (parafraseando): “Esta é a sua chance de conseguir a bênção que vem buscando desde o dia em que nasceu. Esaú saiu para caçar, mas deve voltar logo, então temos que agir rápido. Eu vou preparar algo para comer e vou vesti-lo com as roupas de Esaú. Vamos colocar pele de animal no seu pescoço e nos braços para o caso de Isaque querer tocar em você. Confie em mim, seu pai está muito cego para notar a diferença. Quando Esaú chegar, a bênção dele já terá sido entregue a você. E então não haverá nada que ele possa fazer”.

Antes de seguirmos com a história, temos que reconhecer uma coisa. Creio que este seja um ponto crucial na narrativa e explica muito o porquê Esaú e Jacó acabaram se tornando daquela forma.

O principal motivo foi que Isaque e Rebeca tinham, cada um, um filho preferido. Tanto Esaú quanto Jacó cresceram num ambiente onde, a qualquer momento, um dos pais acharia que o filho não preferido não seria bom o suficiente. Eles eram comparados, contrastados e jogados um contra o outro.

Não é de se admirar que esses gêmeos viraram pessoas disfuncionais.

Isso me faz pensar: quantos dos nossos problemas de identidade e de terceiras palavras surgiram por conta de experiências na infância? Não sou

psicólogo, mas as seguintes perguntas valem a pena serem feitas:

Por que eu estou fingindo? Por que estou tentando ser outra pessoa? Quem me disse o que eu preciso ser? E por que eu sinto como se nunca pudesse errar?

Se Isaque tivesse sido mais compreensivo com as diferenças de Jacó, será que ele teria sentido a necessidade de disfarçar-se de Esaú? Se os pais tivessem valorizado os dois igualmente, será que os garotos teriam crescido valorizando as forças e fraquezas um do outro em vez de competirem entre si e serem coniventes em um destruir o outro?

Posso dizer que, em minha vida, tanto como criança quanto como pai de três filhos, tenho testemunhado o peso que terceiras palavras dadas pelos pais têm na vida dos filhos. Isso é empolgante e sério ao mesmo tempo.

Pais podem impulsionar seus filhos para se tornarem quem foram chamados a ser, ou podem sutilmente levar seus filhos a fingirem, posarem e se portarem de forma dissimulada por pensarem que o que eles são não é bom o suficiente.

Se você é pai ou mãe, tem a incrível responsabilidade de ajudar seus filhos a descobrirem quem são. Você tem um discernimento dado por Deus sobre a identidade deles, e tem o papel de trazer essa identidade à luz.

Isso não significa que você deva controlá-los ou forçá-los a se moldarem ao estilo de vida que você pretende para eles. Não se trata de torná-los pequenas versões de você. Não é viver indiretamente através deles, empurrando-os a cumprirem os sonhos que você nunca realizou e a virarem os jogadores principais em times em que você nunca jogou.

Significa valorizar quem eles são agora, independentemente do estágio de suas vidas e da maturidade que tiverem. É ver com os olhos da fé as pessoas incríveis que eles são hoje e regar as sementes do que eles podem se tornar.

Ainda mais importante, é ajudá-los a valorizarem e reconhecerem quem *eles* são.

Isso não é sempre fácil, como qualquer pai de adolescente pode comprovar.

De repente os colegas, tanto os amigos quanto os valentões, começam a sugerir novas terceiras palavras, e, como pais, temos a tarefa de ajudá-los a se encontrarem no meio de tudo isso.

Meus filhos ainda são pequenos, mas eu já consigo ter um vislumbre de quem eles são e quem virão a ser. Mal posso esperar para assistir às suas

jornadas de autodescoberta e autorealização. Ver a luz acender em seus olhos quando perceberem que são valiosos, capazes e escolhidos. Ouvi-los contar sonhos que Deus pessoalmente colocou em seus corações.

A maioria de nós consegue lembrar da infância e de momentos de identidade quando certas terceiras palavras nos foram entregues. Palavras que acreditávamos ser verdadeiras. Palavras que moldaram o que nos tornaríamos e como viveríamos a partir delas. Talvez consigamos lembrar quando começamos a suspeitar de que não éramos bons o bastante, de que não atendíamos às expectativas e demandas daqueles que tinham autoridade sobre nós.

Então passamos a fingir. Construímos fachadas, inventamos identidades, tentamos desfocar nosso verdadeiro eu para sermos mais agradáveis para aqueles cujas opiniões valorizávamos.

Novamente, não sou psicólogo. Meu objetivo não é analisar ou categorizar. E, como vimos antes, identidade é uma coisa complicada. Mas as complicações da nossa identidade não são intimidadoras para Deus.

Se você cresceu num ambiente disfuncional, se você foi vítima de abuso de identidade, comparação, manipulação ou favoritismo, saiba que Deus anseia por revelar o seu verdadeiro você. O verdadeiro você que possui grande valor. E que foi liberado para crescer no chamado Dele. Peça a Deus que lhe mostre se você adotou personagens ou fingimentos que estão lhe fazendo mal.

Não estou dizendo que somos produtos inevitáveis das definições de outras pessoas. Todos escolhemos nosso próprio caminho. Não podemos culpar os outros pelo que somos ou pelo que fizemos.

Mas os sistemas de valores que absorvemos quando crianças são poderosos. Eles nos moldaram, rotularam, muitas vezes nos limitaram e sequer percebemos.

Então, novamente, pergunte a si mesmo: *Por que estou fingindo?*

Pode ser o momento de largar conceitos errados sobre sua identidade e o seu valor pessoal que você tem carregado desde a infância. Pode ser o tempo de acreditar que você realmente é melhor do que aquilo que *eles* dizem… quem quer que sejam *eles.* Que você é mais forte. Que você é mais capaz. Que você é mais valioso.

Pode ser o tempo de descobrir quem você realmente é e valorizar seu verdadeiro eu, tanto quanto Deus valoriza.

O FINGIDOR

Quando Rebeca contou o seu grande plano, Jacó não estava muito convencido. Mas seguiu com ele mesmo assim. Eu costumava sentir pena de Jacó. Sua mãe o levou a enganar seu irmão e ele acabou sofrendo as consequências. O que eu não tinha percebido, até estudar essa história um pouco mais a fundo, é que, naquela altura dos acontecimentos, Jacó tinha setenta e seis anos de idade. Aos setenta e seis é um pouco tarde para culpar sua mãe, amigo! Você precisa assumir a responsabilidade pela sua vida.

Gênesis 27 descreve como Rebeca e Jacó executaram o plano elaborado para pegar a bênção. A princípio, Isaque suspeitou de algo porque pensou ter reconhecido a voz de Jacó. Mas quando sentiu o braço peludo e sentiu o aroma do campo, convenceu-se. A farsa funcionou. Isaque abençoou Jacó.

Pouco depois, Esaú apareceu. Quando descobriu o que Jacó havia feito, ele não ficou apenas furioso. Ele virou um assassino. Ele começou a soltar fogo pelas ventas, xingar e ameaçar, e todos sabiam que ele estava falando sério. E que ele era bom com armas.

O que deixou apenas uma opção para seu irmão mais novo, que era bom na cozinha.

Corra, Jacó, corra!

Jacó conseguiu a bênção, mas passou os vinte e um anos seguintes como um fugitivo. Exilado de casa, da família e do país.

Que bênção!

Mas é isso que acontece quando tentamos fazer com que Deus abençoe o que não somos.

Eu disse isso antes: *Deus não pode abençoar quem você finge ser.* Na nossa cultura ultracompetitiva e focada na aparência, esta é uma verdade que temos que guardar no coração.

Jacó era um fingidor. Ele sabia como tramar e dar o golpe. Tinha se tornado habilidoso na arte de enganar. Ele podia vestir-se, agir e declamar falas para conseguir o que queria.

Mas quando conseguiu a bênção de Isaque que tanto queria, essa veio com uma bagagem inesperada. Ele se viu sozinho, com medo e fugindo.

Sim, por fim Jacó recebeu bênçãos materiais como podemos ler mais adiante na história. Então, nesse ponto, seu truque funcionou.

Mas será que o satisfez como desejava? Duvido que ele esperasse ter que fugir de seu irmão homicida para salvar sua vida.

Centenas de anos depois, Salomão escreveu: “A bênção do Senhor traz riqueza, e não inclui dor alguma” (Provérbios 10:22).

Em outras palavras, quando Deus nos dá algo, também nos dá a habilidade de desfrutar daquilo. Não significa que, de repente, teremos vidas perfeitas e sem dor. Mas sim que encontramos realização e satisfação quando recebemos Suas bênçãos, do Seu modo e a Seu tempo.

A bênção que Jacó recebeu limitava-se a ele estar vestido como Esaú. O mesmo ocorre conosco quando vivemos como se fôssemos outra pessoa.

Honestamente, é fácil sermos parecidos com Jacó. Uma hora ou outra, todos nós acabamos vestindo fantasias. Todos agimos e falamos vestidos de He-Man, sabendo que, lá no fundo, o poder do Crisco não está funcionando. Então nos perguntamos por que a vida parece vazia, por que as coisas nunca mudam e por que nos desapontamos profundamente com nós mesmos.

TRÊS HOMENS DIFERENTES

Para mim, pessoalmente, parte do problema é que existem ao menos três diferentes versões de mim. Primeiro, há o eu que sou atualmente. Esse cara tem um lado bom, mas também tem um monte de fraquezas e problemas, e a maioria já existe há anos. Ele é inconstante, muitas vezes tedioso, e, às vezes, decepcionante. Eu o chamo de *Furtick Frustrante.*

Tem também o eu que eu gostaria de ser. Esse é o oposto do Furtick Frustrante. Eu o chamo de *Furtick Futuro***.**

O Furtick Futuro é, em uma palavra, perfeito. Se você pudesse conhecê-lo, iria querer casar-se com ele ou votar nele para presidente. Ele é consistente e gentil. É disciplinado, mas não rígido. É amoroso mas consegue fazer as coisas.

É a harmonia perfeita entre o cuidar de pessoas e o cumprimento de metas. Tem um abdômen tanquinho, mas come sobremesa em ocasiões sociais. É um exemplo.

O Furtick Futuro é o eu que quero ser, mas também é o eu que eu sei que nunca me tornarei plenamente.

Então, na tentativa desesperada de fazer a ponte entre o Furtick Frustrante com o Futuro Furtick, eu criei ainda uma terceira versão.

O *Furtick Fake*.

Talvez eu não seja o Furtick Futuro, mas eu posso fingir que sou. Posso fazer de conta. Posso posar, agir como alguém que não sou, pois acho que o verdadeiro eu não é bom o suficiente.

O Furtick Fake nem mesmo existe, mas eu gasto muito tempo e energia tentando convencer as pessoas de que ele é real. No fundo, eu suspeito que as pessoas conseguem enxergar além dele, mas continuo com a farsa mesmo assim, porque o verdadeiro eu é simplesmente muito... frustrante.

Então continuo fingindo, regurgito coisas espirituais que memorizei, mesmo não as tendo internalizado. Sorrio e aceno para os vizinhos na calçada de casa, mesmo tendo gritado com meus filhos dentro da garagem. Concordo com coisas que não entendo para não ter que fazer perguntas. Demonstro força em vez de reconhecer minha fraqueza. Faço qualquer coisa para manter a imagem de que minha vida está em ordem.

Mas não está. Pelo menos não o tempo todo. E certamente não em todas as áreas. Sim, devemos ser positivos. Sim, devemos ser gratos, celebrar vitórias e ter fé no futuro. Não estou sendo contra desejar a melhoria.

Mas, por favor, ouça-me! Estou falando da tendência que temos de enfeitar a nossa fraqueza por causa do medo e da insegurança. Falo de um profundo, quase inconsciente, senso de falha e vulnerabilidade que faz que finjamos ser mais do que somos. O tipo de força contrária que nos *impede* de buscar as mudanças que precisamos.

Mas a pressão da perfeição é perversa. Então maquiamos nossa imagem e apagamos com *Photoshop* nossas falhas. Dirigimos nossas personagens na esperança de enganar os outros para acreditarem que somos perfeitos como eles.

Mas não somos. Nem eles tampouco, porque ninguém é. Não somos fotografias congeladas num breve momento de perfeição para todos admirarem. Não podemos ajustar a luz, cortar e adicionar um filtro em quem nós somos.

Nossa vida é mais como um filme não editado. E os erros de gravação são enormes, pois, na maioria das vezes, não temos ideia do que estamos fazendo. Estamos todos tateando a vida, um erro e uma vitória por vez.

Precisamos dar a nós mesmos, e aos outros, uma colher de chá.

Pois Deus não está apaixonado pelo Você Futuro.

Ele está apaixonado pelo verdadeiro você, mesmo com as partes frustrantes.

Deus não pode abençoar o Furtick Fake, o cara que eu finjo ser. E certamente não pode abençoar o Furtick Futuro, o cara que não existe, nem vai existir do jeito que eu o imagino.

Mas Ele pode abençoar o Furtick Frustrante, minha versão beta. Ele pode me amar, usar e transformar além das minhas expectativas. Mas, para isso acontecer, preciso ser real comigo mesmo.

E você também precisa.

Chega de fingir. Chega de posar. Precisamos aceitar quem somos antes de nos tornarmos quem fomos feitos para ser.

Como Jacó, podemos construir identidades alternativas bastante elaboradas. Vestimos as melhores roupas do guarda-roupa de Esaú. Aprendemos o andar, o falar e a usar as marcas de roupa certas. Mas mesmo quando conseguimos o que buscamos — a aceitação do nosso faz de conta — passamos a nos sentir ainda mais vazios.

Há moças que postam fotos na rede social *Snapchat* que nunca deveriam ter sido tiradas, para impressionar namorados com quem nunca deveriam estar saindo, apenas para se verem traídas e abandonadas quando o lance deixa de ser novidade ou interessante.

Há rapazes bons e sensíveis, mas que agem como durões porque não querem que as pessoas achem que não são homens de verdade. Mas esse personagem forçado e artificial de homem durão apenas paralisa o desenvolvimento da coragem e da compaixão verdadeira.

Há esposas que tentam ser a apresentadora de TV Martha Stewart e a cantora Beyoncé ao mesmo tempo. São mães e esposas extraordinárias, mas vivem

constantemente debaixo da sombra do fracasso por causa das imagens impossíveis com as quais se comparam.

Há maridos que trabalham quatorze horas por dia, chegam ao limite do cartão de crédito e acabam com ataques de ansiedade por causa do estresse que impuseram a eles mesmos na ânsia de produzirem e proverem.

Esse nunca foi o desejo de Deus. Esse tipo de pressão para fingir e atuar não vem do Doador de toda dádiva e dom perfeito.

Podemos aprender a fazer uma fachada. Podemos descobrir como encobrir quem realmente somos. Talvez enganemos algumas pessoas. Mas não enganamos a Deus. E não enganamos a nós mesmos por muito tempo.

Deus está apaixonado pelo seu verdadeiro eu. É por isso que fingir é tão sem sentido.

É empoderador aceitar quem realmente somos, mesmo quando nossas terceiras palavras são algo como:

Estou morrendo de medo... Estou perdido... Estou ferido... Estou falhando... Estou inseguro...

Estou fraco.

A bênção de Deus é encontrada em nossa honestidade e em nossa transparência. Ele não pode mudar ou redimir nossas terceiras palavras se nunca as admitimos.

Deus quer abençoar o verdadeiro você, com suas fraquezas, problemas e bagunças. O verdadeiro você não é perfeito, mas é aí onde a bênção se encontra. É onde a graça de Deus é grande e Sua força é poderosa.

ACEITANDO JACÓ

Jacó pensou que fingir ser Esaú seria a resposta para o seu vazio. Mas, ao contrário disso, sua farsa criou uma teia de novas complicações, inclusive o exílio, tendo de morar longe de sua casa e de sua família.

O Jacó fingidor acabou passando os próximos vinte e um anos morando com Labão, seu tio, que revelou ser um enganador ainda maior do que Jacó poderia sonhar. Ele fez Jacó parecer fichinha.

Mas, por fim, Jacó decidiu voltar para casa e enfrentar seu passado. No meio do caminho, ele teve um encontro com Deus. E, como resultado, teve também um encontro consigo mesmo. É engraçado como isso acontece.

Você pode ler a história em Gênesis 32. Depois de duas décadas de exílio, Jacó estava a caminho para tentar fazer as pazes com Esaú e rever seus pais.

Ele estava apavorado e não era para menos. Toda a farsa e a enganação de seu passado ainda o assombravam. Na noite anterior ao encontro com Esaú, ele estava sozinho no campo. Havia enviado sua família separadamente devido ao medo do que Esaú poderia fazer. De repente, um desconhecido apareceu e começou a lutar com ele. Aquilo foi estranho. Mais estranho ainda foi o fato daquele homem, na verdade, ser Deus. Muitos estudiosos acreditam ter sido o próprio Jesus, numa forma pré-encarnada.

Lutaram durante toda a noite, mas Jacó se recusava a deixar o homem ir embora. Ele até chegou a deslocar o quadril de Jacó, mas, mesmo assim, Jacó não desistia. Dificilmente Jacó poderia saber com quem estava lutando naquele momento. Mas ele sabia que tinha algo significativo em suas mãos. Mais importante ainda, algo significativo tinha Jacó em Suas mãos.

O homem que havia passado a vida agarrando, foi agarrado.

E, no auge da batalha, Jacó declara: “Não te deixarei ir, a não ser que me abençoes” (versículo 26).

Noventa e sete anos não haviam apagado seu modo de ser. A mesma tenacidade que apresentou no útero foi demonstrada na luta por sua próxima bênção.

Mas, dessa vez, ele estava agarrado ao Único que verdadeiramente tem poder para abençoar.

Então, aparentemente do nada, o homem perguntou: “Qual o seu nome?”

Se eu fosse Jacó, pensaria: *Que boa hora para perguntar! Estamos lutando a noite inteira. Você quebrou meu quadril. Agora quer saber meu nome?*

Parece um pouco aleatório até você se lembrar que Jacó já havia ouvido aquela pergunta antes. Vinte e um anos antes, quando foi até Isaque roubar a bênção. Isaque perguntou: “Quem é você?”

Naquela ocasião, Jacó respondeu: “Eu sou Esaú”.

Ele havia sido abençoado por Isaque como Esaú muitos anos antes, mas agora era tempo de ser abençoado por Deus... como ele mesmo. A verdadeira bênção poderia apenas vir quando ele admitisse quem realmente era.

“Eu sou Jacó. Sim, sou eu. Essa é a minha terceira palavra. Eu sou o enganador. O apunhalador de costas. O agarra-calcanhar. O segundo filho. O fingidor. O quebrado. Eu sou *Jacó.*”

Essa foi a conclusão retumbante de décadas de engano e fingimento. Jacó finalmente reconheceu quem era, com toda sua imperfeição e insuficiência, e, por sua amada vida, agarrou-se a Deus.

E as Escrituras registraram o resultado.

Quando ele finalmente aceitou seu nome, Deus o mudou. Ou talvez, melhor dizendo, Deus revelou sua *real* identidade. Ele lhe mostrou quem ele fora chamado para ser o tempo todo.

“Seu nome não será mais Jacó, mas sim Israel, porque você lutou com Deus e com homens e venceu” (versículo 28). Israel significa “triunfante com Deus”. Isso foi um grande avanço para um “agarrador de calcanhar” e “enganador”.

Jacó ainda era Jacó. Mas, em Deus, ele era Israel.

Jacó ainda tinha fraquezas. Mas, em Deus, ele era forte.

É a contradição da terceira palavra. É a dicotomia do destino. Quando aceitamos quem somos, Deus trabalha na, através da, ao redor da, e apesar da nossa fraqueza para nos abençoar.

É interessante notar que, quando Jacó perguntou de volta ao homem qual era o seu nome, ele recusou responder.

“Por que pergunta o meu nome?” (versículo 29). E, sem responder à pergunta que Jacó julgava importante, o homem entregou a bênção que ele buscava.

“Então o abençoou ali” (versículo 29).

Então o abençoou ali.

Quando? Quando ele aceitou sua terceira palavra.

Eu sou... Jacó.

Você está em luta com sua própria insegurança, seus medos e suas falhas? Creio que este seja o ponto de encontro ideal para Deus mostrar quem você realmente é e lembrá-lo de quem Ele verdadeiramente é. Ele irá abençoá-lo aí. Nesse lugar. Quando você disser seu verdadeiro nome.

Jacó achou que estava se preparando para fazer as pazes com Esaú. Na verdade, Deus o levou até o ribeiro naquela noite para fazer as pazes consigo mesmo. Jacó havia planejado ganhar o perdão do seu irmão ao apresentar presentes elaborados. Mas nenhum deles se mostrou necessário.

Quando os dois finalmente se encontraram, a Bíblia diz que “Esaú correu ao encontro de Jacó e abraçou-se ao seu pescoço, e o beijou. E eles choraram” (Gênesis 33:4).

Ao ficar cara a cara com o homem contra o qual havia passado a vida toda lutando, Jacó percebeu algo que eu tenho entendido cada vez mais.

A única batalha que eu preciso vencer... é a batalha dentro de mim.

A batalha não é contra Esaú. É comigo mesmo.

Eu creio que, qualquer que seja a circunstância que o trouxe até este ponto em sua jornada, Deus quer abençoá-lo, aqui e agora. Ele deseja entregar a você um novo nome e uma nova visão de si mesmo ao amanhecer deste dia.


10

ME CHAME DE JACÓ

Alguns anos atrás, Graham e Elijah me pediram para contar uma historinha da Bíblia antes de dormirem. Eles provavelmente estavam usando isso como uma tática espiritual para me enrolarem, mas eu deixei que me fizessem de bobo.

“Bom, tem uma história na Bíblia sobre uma luta, mas vocês provavelmente não vão querer ouvir”, brinquei.

“Sim senhor, sim senhor! Por favor, conte!”

Então eu comecei a contar tudo sobre Jacó e Esaú e como eles lutaram dentro da barriga da mãe.

E continuei contando sobre a vida dos gêmeos. Expliquei como Jacó nasceu tentando vencer seu irmão e como ele passou muitos anos de sua vida mentindo e enganando para conseguir o que queria.

Contei sobre o dia em que Jacó fingiu ser Esaú e enganou seu pai para que lhe desse a bênção no lugar de Esaú. No meio da história, eu mencionei que Isaque colocou a mão direita sobre a cabeça de Jacó quando o abençoou, pois era a mão da autoridade, a mão do primogênito.

Os meninos certamente se identificaram com toda a competição e rivalidade entre irmãos. E quando cheguei na parte em que Jacó briga com o anjo, eles estavam totalmente vidrados. Talvez eu possa ter aplicado alguns golpes leves de UFC neles para fazer a cena ficar mais viva.

A história que eu escolhi foi um sucesso. Os meninos ficaram totalmente absortos e tristes quando acabou. Mas eu não percebi o quanto eles estavam prestando atenção até algumas noites depois. Era hora de dormir de novo, e eu me deitei com eles por um minuto para orar.

Agora, não se impressione, pois eu não faço isso toda vez que vou orar por eles, mas, naquela noite em particular, eu coloquei minhas mãos sobre as cabeças deles enquanto estava orando. Acontece que eu coloquei minha mão

direita em Elijah (o mais velho) e a esquerda no Graham (o mais novo). Não queria dizer nada com isso.

Mas, de repente, senti Graham alcançar minha mão direita. Ele a tirou da cabeça do Elijah e colocou sobre a dele.

Elijah percebeu antes de mim o que estava acontecendo. Então puxou minha mão de volta e disse: “Ah, não vai não!”

“Tarde demais!”, bradou Graham. Então veio a frase que fez a minha noite: “Me chame de Jacó, bobão!”

Prometo que não estou inventando. Na época ele tinha cinco anos. Claramente minha família precisava de orações.

Me chame de Jacó, bobão!

Como meus filhos ilustraram, milhares de anos depois da luta original Jacó-Esaú, nada mudou. A mesma tendência egoísta e centrada em si vive firme e forte em todos nós. Ninguém precisa nos ensinar a lutar pelo que queremos. Ninguém precisa nos mostrar como mentir, enganar e roubar.

Vem naturalmente.

Até mesmo antes de Jacó e Esaú nascerem, eles tiveram um momento UFC no ventre da mãe. Eles começaram a vida pegando e agarrando para conseguirem sair na frente. E lutaram um com o outro durante a maior parte da vida.

Por qual motivo? Porque somos naturalmente focados em nós mesmos. Nascemos pensando que o sistema solar gira ao nosso redor e que o universo existe para fazer-nos felizes. A autopreservação e a autopromoção são instintivas. Motivações egoístas são nosso habitat natural.

A propósito, isso não funciona em longo prazo. Veja Jacó. Demorou a vida toda para perceber que manobrar, manipular e ter uma mentalidade egoísta não funcionava.

Ainda assim, eu me vejo fazendo a mesma coisa com mais frequência do que eu gostaria. Fico obcecado com meus objetivos, necessidades e desejos. Levanto minhas defesas e fingimentos para proteger meu mesquinho império pessoal. Planejo e tramo para conseguir minha boa parte na vida.

Sei que não estou sozinho nessa. É a história da humanidade.

Muitas pessoas levam a vida inteira enganando, dando golpes e lutando. Elas carregam o peso do sucesso e do fracasso em todos os minutos do dia. Fazem o que for preciso para saírem na frente, pois, se não buscarem o primeiro lugar, quem buscará?

Esse era Jacó. Sempre buscando seus interesses. Sempre o senhor do seu destino. Sempre sozinho contra o mundo.

Mas Deus não nos criou para isso.

LENTILHAS, PRIMOGENITURA E BÊNÇÃOS

No capítulo anterior, vimos a vocação de Jacó para a farsa. Ele era um ator, um impostor, um enganador. Ele teve que aprender a aceitar quem ele era antes que Deus o abençoasse. Apenas se tornou Israel quando aprendeu a ser Jacó.

Vivendo em seu fingimento, a tendência de Jacó para a manipulação era a manifestação de suas inseguranças, e também era a sua relutância em admitir as suas fraquezas e em confiar na força de Deus. Jacó pensou que tinha que fazer tudo sozinho. Ele tomava desesperadamente as rédeas do seu destino, pois não conhecia nenhuma outra forma.

Jacó sempre focou em uma coisa: conseguir o que queria. Sair na frente. Ser o primeiro, o mais rico, o mais rápido, o melhor. Em seu coração, ele era um agarrador. Um enganador por natureza.

Vemos isso desde o momento em que ele e Esaú nasceram, mas fica especialmente evidente na história que eu mencionei no capítulo anterior, quando Esaú trocou com Jacó o direito de sua primogenitura.

Se você puder lembrar, Esaú sabia caçar, mas Jacó sabia cozinhar. E um dia isso valeria a pena. Esaú havia retornado de uma caçada. Chegou em casa faminto e encontrou Jacó cozinhando um ensopado de lentilhas. Então pediu que Jacó lhe desse um pouco. Jacó, sendo o bom irmão que era, rapidamente aceitou, em troca por uma coisinha.

Sua primogenitura.

Lembre-se, naquela cultura, o direito do primogênito representava uma porção dobrada da herança. Isaque era rico, então isso era muito dinheiro. Mais

do que a maior tigela de cozido de lentilhas *gourmet* pudesse valer.

A primogenitura era um direito apenas do primogênito, o primeiro filho de um casal. Mas Jacó a queria, e faria de tudo para consegui-la. Ele não ligava se estava roubando de seu próprio irmão ou se ganharia uma reputação de trapaceiro. Ele queria ser o número um.

Jacó viu uma oportunidade e aproveitou. Inacreditavelmente, Esaú caiu. Isso tem que entrar para a história como uma das trocas mais burras de todos os tempos — junto com o acordo que Portugal fez com a Espanha no Tratado de Tordesilhas e a decisão do time americano de basquetebol Hawk's de St. Loius de enviar Bill Russel para o Celtics.

Aliás, a decisão de Esaú diz muito a respeito dele mesmo. Mas este é um tópico para outro dia.

No entanto, esse incidente também diz muito sobre Jacó.

Enganador, era o seu nome.

"Primeiro eu!", era o seu lema.

PRIMEIRO EU!

Esaú nunca conseguiu esquecer que Jacó tinha se aproveitado dele em um momento de fraqueza. Mas Jacó não parou por ali. Como vimos no capítulo anterior, ele ainda tinha os olhos na bênção. E, como sabemos, ele também a conseguiu.

É assim que esta mentalidade de agarrador de calcanhar funciona. Quando você está centrado em si mesmo na vida, quando tem que ser o melhor e o maior para reforçar um falso senso de valor próprio, nada será suficiente. Você sempre terá que ter mais. Essas atitudes do tipo "eu primeiro", dominadas pela comparação, causam um estrago em relacionamentos que é insano. Jacó comprovou isto vez após vez. Em sua busca por identidade e valor, ele deixou uma trilha de relacionamentos quebrados e sangrando atrás dele.

Conheço homens que são tão inseguros que transformaram suas esposas e filhos em seus impérios pessoais. Sempre têm que dominar. Sempre precisam ter o controle. Tudo é uma competição, um desafio, uma ameaça. Não conseguem

servir ou amar como deveriam, visto que gastam a maior parte de suas energias defendendo o seu direito de governar.

Conheço pais que diminuem o futuro dos filhos por não conseguirem superar seus próprios sentimentos de inadequação.

Percebe como isso é prejudicial para os relacionamentos? Pensamos que a felicidade está em ter mais do que os outros, mas, em nossa busca desesperada para ser o rei da montanha, acabamos pisoteando aqueles que deveriam ser mais valorizados. Prejudicamos relacionamentos em nome do crescimento. Então nos perguntamos por que nos sentimos tão sós.

Isto não é viver, em minha opinião. É sobreviver, mas à custa de um preço terrível.

Quer terminemos como vencedores ou perdedores, a mentalidade de *eu contra o mundo* é, por definição, uma forma solitária de viver.

O fato de as pessoas à nossa volta conquistarem sucesso e avanços não quer dizer que fracassamos. Não retira nada do nosso valor. E, por outro lado, as falhas dos outros não nos tornam mais valiosos.

Em nosso esforço para chegarmos na frente, podemos perder de vista nossa própria significância. Podemos esquecer de que somos incalculavelmente valiosos. Somos importantes porque Deus nos criou. Porque Ele nos ama. Porque nos escolheu.

PRIMEIRO LUGAR, ÚLTIMO LUGAR

Depois de Jacó fingir ser Esaú e roubar a bênção de seu pai, ele acabou indo morar com seu tio Labão por vinte e um anos. Como mencionei antes, Labão era o rei dos farsantes.

Aqui está apenas um exemplo: Jacó se apaixonou por uma das filhas de Labão, Raquel. Ele teve de trabalhar para Labão por sete anos para ganhar a mão de Raquel em casamento. Mas, na noite de núpcias, Labão aprontou uma para Jacó. E não tinha nada de engraçado nisso.

Labão entregou sua filha mais velha, Lia, no lugar de Raquel. Aparentemente Jacó estava muito bêbado para notar a diferença. Quando ele acordou no dia

seguinte, ficou compreensivelmente furioso. Então Labão disse que entregaria Raquel também — por mais sete anos de trabalho.

Um *touché* cósmico. Jacó encontrara alguém à sua altura.

Esse foi apenas o início do drama entre eles. Foi uma triste história de mentiras, manipulação e engano que se arrastou por décadas. E, ao final de vinte e um anos, Jacó se encontrava fugindo de medo.

De novo.

Já percebeu como fica complicada a vida quando as pessoas manipulam umas às outras? Quando pessoas tentam usar outras para conseguirem o que acham que querem?

É complicado. É confuso. E exaustivo.

Certa vez Jesus disse algo muito poderoso a respeito de como as coisas funcionam em Seu Reino: "Contudo, muitos primeiros serão últimos; e muitos últimos serão primeiros" (Mateus 19:30).

Em outras palavras, nem sempre os que saem na frente serão os primeiros.

Lemos isto e dizemos: "Ah, Jesus, não é assim que funciona por aqui. Você nunca assistiu ao filme *A Toda Velocidade*? Você não lembra o que o pai do Rick Bobby falou quando ele saiu queimando pneu?"

"Se você não é o primeiro, você é o último."

E Jesus deve responder: "Bom filme, mas péssima filosofia".

No Reino de Deus, tentar ser o primeiro é a melhor forma de tornar-se o último. Mas aprender a servir, a esperar, a ser humilde e a estar seguro em Deus é o caminho para o sucesso verdadeiro.

Ter uma vida de *eu primeiro* é algo miserável. Falo por experiência própria, e eu já tive várias. Se tudo gira em torno de você, e seu ego é tão grande que você passa o tempo todo o protegendo e polindo, e você precisa que todos à sua volta levantem a sua autoestima, você está indo em direção à miséria.

Ser um agarrador de calcanhar é um péssimo negócio. É horrível ficar preso dentro de ilusões centradas em você mesmo. É miserável nunca ter um pensamento maior que "O que eu ganho com isso?" É miserável ficar desconectado das pessoas à sua volta porque tudo que você consegue pensar é sobre sua própria conveniência.

E não é só pelo fato da abordagem do eu primeiro estar errada. No fim das contas, ela nem funciona.

Jesus falou em outra ocasião: “Pois que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro, e perder-se ou destruir a si mesmo?” (Lucas 9:25).

Melhor dizendo, de que adianta, Jacó, buscar coisas, sucesso, *status* e segurança, para ficar mais perdido do que nunca? De que adianta, se no processo de perseguir e agarrar, você se perder?

Axl Rose, vocalista da banda Guns N’ Roses, não é um santo, mas ele estava certo quando disse: “Só porque você está vencendo não significa que é um sortudo”.[13]

Tive uma experiência alguns anos atrás que me fez redefinir o que era o sucesso verdadeiro. Fui convidado para fazer parte de um evento ministerial onde estariam vários pastores conhecidos. Aquelas pessoas eram e são alguns dos mais famosos no contexto de igrejas hoje. No jantar, antes do evento, fiquei pensando por que eu tinha sido incluído, pois sentia-me um pouco insignificante. E eu era mais de uma década mais novo do que todos no recinto.

As conversas estavam empolgantes e todos pareciam estar se divertindo. De repente, a discussão tomou um rumo para o qual eu não estava preparado.

O anfitrião perguntou: “Como vocês descreveriam, em geral, seus sentimentos com o ministério no ponto em que estão?” A atmosfera do lugar empalideceu um pouco. A cada pregador que respondia, eu ficava chocado e um pouco entristecido por ver que a maioria respondia com uma diferente versão da mesma conclusão: estar no ministério é como estar numa prisão.

Alguns dias depois é que eu pude perceber o impacto que aquela troca de opiniões havia causado em mim. Eles são homens bons, no topo de suas áreas. Eles ajudam pessoas, têm propósitos, e estão fazendo uma tremenda diferença. Não é que eles estivessem sendo hipócritas. Apenas mostraram que todo o sucesso do mundo, até mesmo trabalhar na obra de Deus, não garante a satisfação da alma. Aqueles homens, cujas maturidades espirituais são invejadas por muitos, estavam silenciosamente infelizes.

Meu ponto aqui não é que eles eram todos manipuladores e que Deus agora os punia por terem fundado seus ministérios sobre as bases erradas. Nem estou

dizendo que fazer o que Deus nos pede será sempre divertido. Seria difícil defender essa teoria considerando a vida de Paulo ou do próprio Jesus.

Eu conto esta história apenas porque aquela experiência me levou a uma decisão importante. Decidi que, se é isso que é preciso para que se construa um ministério grande, então eu não quero. Recuso-me a dar a minha vida para ajudar os outros a se sentirem livres e, secretamente, viver preso em uma solitária.

As palavras de Jesus ressoaram em meu coração naquela noite:

"De que adianta?"

Se você consegue o que queria e não gosta do que conseguiu, qual o sentido nisso? Deve haver outra maneira.

Mesmo assim, muitos de nós nunca paramos para analisar o nosso percurso. Então perdemos a nós mesmos — o nosso verdadeiro eu, o nosso eu autêntico e valioso — pois estamos desesperados demais escalando até o topo.

Mas, de que adianta, Jesus nos pergunta, se perdermos quem somos só para ganhar dinheiro, popularidade, frequência nos cultos, seguidores no Instagram, ou qualquer outra coisa?

Deus não projetou a vida para ser assim. E não nos projetou para carregarmos todo o peso do nosso destino nas costas.

Esse é o trabalho Dele. E Ele é muito melhor do que nós nisso.

Deve ser por isso que muitos de nós constantemente nos sentimos tão estressados e sobrecarregados. Talvez estejamos usando as pessoas que deveríamos estar amando. Talvez estejamos tentando controlar nosso mundo, quando, na verdade, deveríamos relaxar um pouco e deixar Deus ser Deus.

Talvez, nossas prisões estejam trancadas por dentro.

O ENGANADOR FOI ENGANADO

Quando Jacó chegou na casa de Labão, ele não tinha nada. Quando saiu, era um homem rico. Tinha família, rebanhos e posses.

Isso não aconteceu apenas porque ele era muito esperto. Aconteceu porque Deus decidiu abençoá-lo.

Se você ler a história, verá que, tanto Labão quanto Jacó, reconheceram que a bênção de Jacó vinha das mãos de Deus. Tio e sobrinho passaram a vida toda rondando um ao outro, espreitando, manobrando e manipulando para um tentar tirar vantagem do outro. Mas, no final, não foi Labão nem Jacó quem riu por último. Foi Deus. Ele driblou os dois.

Deus sempre dá um jeito de fazer o que quer. Já percebeu? Nós temos nossas estratégias e planos. Pensamos quatro passos à frente, e movemos nossos peões, bispos e cavalos, e ficamos impressionados com a nossa astúcia.

Então Deus diz: "Xeque-mate!"

A mentalidade do eu primeiro diz que temos que sair na frente, temos que ser os primeiros. Temos que ser farsantes e até apunhaladores. Jacó aprendeu sob duras penas que, mais cedo ou mais tarde, o feitiço vira contra o feiticeiro.

Algumas pessoas fingem, defendem-se e enganam por tanto tempo que não conseguem imaginar Deus assumindo o controle. Elas construíram a vida em torno da filosofia de que os despojos vão para os mais fortes, os mais espertos, os mais manipuladores.

Talvez você se sinta assim. Eu já me senti às vezes.

Talvez você gostaria de poder baixar a guarda um pouco. De poder, simplesmente, desfrutar dos dias sem ter que estar sempre lutando para ser o primeiro.

Mas, talvez você pense que se não se cuidar, quem vai cuidar de você?

Preste atenção em suas terceiras palavras. Elas soam algo como:

Eu sou forte.

Eu sou independente.

Eu sou autônomo.

Eu sou autossuficiente.

Sem querer ser crítico, mas estas palavras simplesmente não são verdade. Podem parecer verdade, e de jeito nenhum eu minimizo suas contribuições com o seu sucesso. Mas, no fim das contas, você é realmente a razão da obtenção do sucesso?

Ou é Deus?

A bênção de Deus em nossas vidas tem muito mais a ver com quem Ele é do que com quem nós somos. Este foi o ponto principal da revelação do *Eu Sou*

para Moisés.

Uma visão manipulativa da vida resulta da falta de entendimento da verdadeira fonte das nossas bênçãos. Elas vêm de Deus, e são colocadas sobre o nosso verdadeiro eu.

Isso nos dá permissão para baixarmos a guarda. Lembra-se daquela passagem em 2 Coríntios que vimos vários capítulos atrás?

Quando sou fraco é que sou forte.

Neste contexto, Paulo estava pedindo a Deus que o livrasse de sua fraqueza. Mas Deus disse não.

Então Deus prosseguiu explicando Seu pensamento. Em Deus, as fraquezas de Paulo não eram mais fraquezas. Eram força. Era bem ali que Deus iria fazer mais.

Estou convencido de que Deus deixa algumas das nossas fraquezas permanecerem, pois elas nos oferecem uma janela para a necessidade que temos Dele. Elas nos lembram de buscarmos a Deus constantemente em vez de confiarmos apenas em nós mesmos.

Nenhum de nós controla nosso próprio futuro. Nós o influenciamos enormemente, mas não podemos controlá-lo.

Pense nisto. Não determinamos o local do nosso nascimento. Não determinamos a economia ou o governo neste lugar. Não podemos impedir desastres naturais. Não conseguimos prever as decisões das pessoas ao nosso redor. Não podemos garantir nossa saúde. Não sabemos o dia da nossa morte.

Mas Deus sabe tudo isso e muito mais.

Não conseguimos ficar mais que algumas horas sem descansar ou dormir, mas o universo não desmorona quando nos enrolamos nas cobertas. Deus ainda está ali, guiando, protegendo e cuidando do nosso pequeno e finito ser. Algumas vezes Ele deve rir um bocado do tamanho do nosso ego.

O salmista reconheceu o controle infinito de Deus quando escreveu:

> Levanto os meus olhos para os montes e pergunto: De onde me vem o socorro?
> O meu socorro vem do Senhor, que fez os céus e a terra.
> Ele não permitirá que você tropece; o seu protetor se manterá alerta, sim, o protetor de Israel não dormirá, ele está sempre alerta!
> O Senhor é o seu protetor; como sombra que o protege, ele está à sua direita. De dia o sol não o ferirá, nem a lua, de noite.

O Senhor o protegerá de todo o mal, protegerá a sua vida.
O Senhor protegerá a sua saída e a sua chegada, desde agora e para sempre. (Salmo 121:1-8)

Nosso senso de identidade e de valor precisa levar Deus em consideração. Se não, acabamos vacilando entre desilusões de grandeza e profundezas de desespero. Em um minuto somos super-heróis, no outro, estamos levantando uma bandeira branca.

Considere isto: nunca somos tão grandes a ponto de o sucesso ser inevitável, e nem tão terríveis que o sucesso seja impossível.

Tanto nas nossas forças como em nossas fraquezas, Deus faz a diferença. Nosso sucesso vem de Sua bênção. Não podemos receber todo o crédito. Não somos espertos o suficiente para alcançarmos tudo isso sozinhos.

Ao mesmo tempo, nossas fraquezas não são intransponíveis para Ele. Há esperança mesmo em nossas falhas e fragilidades, pois as terceiras palavras de Deus sempre triunfam sobre as nossas.

AGARRANDO DEUS

Envolver Deus em nossas identidades e esforços é a chave para sermos qualificados. Para sermos suficientes. Para sermos valiosos, aprovados e significativos.

Esta verdade está inserida em toda a vida de Jacó. Consegue lembrar-se do confronto com o anjo? A bênção veio quando Jacó se apropriou de sua identidade, tanto o bom quanto o ruim.

Às vezes achamos que temos que ser perfeitos para podermos convencer Deus a nos abençoar. Então nos esforçamos para nos santificar, o que é certo, mas fazemos isto para convencer Deus a nos abençoar, o que é errado.

Caso você esteja se perguntando, não precisamos convencer Deus a nos abençoar. Ele *ama* nos abençoar. E nós certamente não conseguimos ser bons o suficiente para merecer tudo que Ele nos dá.

De acordo com isso, Jacó seria a última pessoa na terra a ser abençoada por Deus. Mas Deus abençoou o Jacó *Verdadeiro*. Ele abençoou o Jacó Frustrante.

Não o Jacó Fake ou o Jacó Futuro, ou mesmo o Jacó Perfeito. Deus cuidou dele apesar das suas fraquezas, das suas mentiras, do seu pecado.

Deus abençoou Jacó por causa de quem Deus é e pelo quanto Ele o amava, não porque Jacó era esperto e trabalhava duro. Tenho convicção de que Deus teria abençoado Jacó da mesma maneira se ele tivesse confiado em Deus desde o início. E a bênção viria com muito menos angústia e medo. Jacó passou sua vida como um gatuno, tentando arrombar as janelas das bênçãos com pés de cabra, enquanto Deus o convidava para entrar pela porta da frente como convidado de honra.

Eis o que eu acho fascinante sobre o encontro de Jacó com o anjo. Jacó sempre foi um agarrador de calcanhar. Sempre aquele que perseguia e agarrava os outros. Agora Deus o está agarrando.

Acho que, na verdade, esta é a chave de toda a história. Você pode passar a vida toda agarrando, pegando e lutando, mas o que você realmente precisa é que Deus o segure. Que a graça o agarre.

Jacó nasceu agarrando calcanhares, e foi assim que passou sua vida. Agora Deus o agarrava completamente enquanto ele se agarrava a Deus, o Único que realmente tinha poder para abençoá-lo. Ele deveria ter feito isso muito antes.

É engraçado. A mesma tenacidade de agarrar calcanhares que fez de Jacó um enganador e um farsante estava agora trabalhando a seu favor, pois ele estava a canalizando na direção certa. Não é assim que Deus age? Ele pega exatamente a característica que olhamos com maus olhos e usa em nosso favor.

Talvez, apenas talvez, seja o tempo de você abandonar algumas coisas e simplesmente se agarrar a Deus.

Abandone o que as pessoas pensam.

Abandone seu passado.

Abandone suas mentiras.

Abandone seus esquemas e manipulações.

E, enquanto você estiver fazendo isso, abandone mais uma coisa. É uma das armadilhas mais frequentes de todos os tempos, como veremos a seguir. Chama-se comparação.


11

O PROBLEMA DO *PINTEREST*

Eu tenho problemas com o *Pinterest.*

Para aqueles que não estão familiarizados com o *Pinterest*, trata-se de um website onde você pode criar e compartilhar imagens e links que lhe interessem. É um site bastante popular para encontrar ideias para tudo, desde dicas para o faça-você-mesmo até receitas, pois você pode ver as coisas legais que os outros fizeram e imitá-los.

A revista *PC Magazine* definiu o *Pinterest* assim: "Website de compartilhamento de fotos com pegada de rede social, na forma de um quadro de cortiça".[14]

Aqui está uma definição alternativa. Esta frase pode ou não ser minha: "*Pinterest* é uma rede social com grande apelo visual e estrategicamente criada para lembrar-lhe ininterruptamente, vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, de que seus filhos não são tão bem vestidos quanto os do vizinho; que a decoração da sua casa é totalmente amadora; que as fotos que você tira são inexpressivas e sem arte; que você planejou muito mal seu casamento, e que você vive uma existência predominantemente tediosa e monótona — diferente de todas as outras pessoas, cujas vidas são categoricamente incríveis o tempo todo".

Sim, eu tenho um pouco de problemas com o *Pinterest*.

Não me entenda mal. Eu não sou contra redes sociais em geral, nem contra o *Pinterest* em particular. Redes sociais são apenas ferramentas. E os resultados que geram refletem a intenção do usuário. E isso pode ser um problema.

Por qual motivo? Porque, como seres humanos, temos a tendência de nos compararmos demais com outras pessoas, e as redes sociais não estão auxiliando a diminuir isso.

Meu problema com o *Pinterest* é que é um lugar onde as pessoas apresentam a perfeição para os outros observarem. Esta é a mentalidade que o *Pinterest*

ajuda a criar. Mas, frequentemente, o que mostram é uma imagem incompleta da história real. Então comparamos nossa realidade simples com as fotos encenadas, cortadas e com filtro, e acabamos por nos sentir péssimos com nós mesmos. Ou, então, postamos nossa realidade, porém, fabricada e manipulada em um esforço de projetar uma perfeição que estamos longe de atingir.

Recentemente descobri um *site* que exibe *Pinterest Fails*, erros que acontecem no Pinterest. Eu curti muito mais do que o próprio *Pinterest*. Lá são mostradas tentativas reais de meros mortais que tentaram copiar alguma coisa que encontraram no *Pinterest.* O resultado varia do hilário ao horrível. Mas, pelo menos, ficamos com a sensação de que existe esperança para todos nós.

Talvez você não use o *Pinterest.* Mas será que você faz a mesma coisa com o *Discovery Home&Health*? Com a revista *Caras?* Com o Instagram ou o Facebook? Você olha para o seu vizinho, ou o seu pastor, ou o cara *fitness*, ou a supermãe, e fica pensando por que não consegue fazer o que eles fazem.

Obviamente, o problema da comparação não fica limitado a um ambiente em particular. É uma mentalidade. O problema do *Pinterest* é um problema dentro de nós. Ele é a plataforma perfeita para a nossa tendência de fingir, fazer poses e atuar, tudo para tentar levantar uma autoestima instável.

Isso precisa parar, e a vida de Jacó nos ensina o porquê. Recapitulando, vimos como a história de Jacó ilustra algumas tendências humanas não muito saudáveis, especificamente as de *fingir* e de *manipular.* Outra tendência amiga deste pequeno trio é a de *comparar-se*.

Todas as três são o resultado negativo de basearmos o nosso valor nas coisas erradas. De não sabermos ou aceitarmos quem realmente somos, incluindo nossas imperfeições. De não deixarmos a graça de Deus ser o que nos qualifica.

Jacó estava basicamente destinado a ser uma vítima da comparação desde o momento do seu nascimento. Era quase inevitável só pelo fato de ter um irmão gêmeo. Por muitos anos, ele e Esaú foram comparados e contrastados, amados e rejeitados, com base não em seus próprios méritos, mas na comparação de um com o outro.

Tenho uma amiga que é gêmea, e ela me contou que a comparação era o centro de sua vida durante toda a infância e adolescência. Ela e sua irmã mal tinham suas próprias identidades, pois para todos ao redor elas eram

simplesmente “as gêmeas”. Pessoas frequentemente comentavam sobre quem era a mais magra, a mais rápida, a mais inteligente, a mais amigável, a mais alta. Elas dividiam o quarto, os amigos, e dividiram o mesmo ventre. Comparação e competição não era apenas uma tendência, era um estilo de vida.

Entretanto, Jacó, Esaú e todos os gêmeos do mundo não são os únicos com esse estilo de vida. Somos todos afetados por isso. Nossa cultura subsiste em meio ao contraste e à comparação. Amamos destaques e *rankings*. E, assim que pensamos que vamos acertar o alvo, o alvo se move.

TEM TUDO A VER COM O MAIS

Jacó definia o sucesso pelo tanto que ele se destacava dos outros. Se tivesse menos que seu irmão, ele era um fracasso. Se tivesse mais, era um sucesso.

O filósofo C.S. Lewis falou sobre isso quando disse: “O prazer do orgulho não está em se ter algo, mas somente em se ter mais que a pessoa ao lado”.[15] Não é suficiente apenas ser magra. Temos que ser mais magras que ela. Não é suficiente ser forte, temos que ser mais fortes que ele. Temos que ser mais ricos, mais espertos, mais populares, mais bem-sucedidos.

Isso é um problema.

Todas as vezes que nossas terceiras palavras forem uma comparação, e sempre que nossas terceiras palavras estiverem acompanhadas de *mais que...* alarmes, sirenes e luzes vermelhas piscando deveriam disparar em nossa mente.

Eu sou mais rico que...

Eu sou mais rápido que...

Eu sou mais bonita que...

Eu sou mais influente que...

Eu sou mais espiritual que...

Estas não são o tipo de terceiras palavras que precisamos. Desde quando ser maior, melhor e mais malvado significa ter sucesso?

Usar comparações para definir o nosso valor é intrinsicamente inseguro. Deixa claro que nosso sistema de valores está errado.

Fazemos isto mais do que pensamos. Nossas terceiras palavras frequentemente dependem de outras pessoas. Avaliamos e classificamos a nós mesmos com base nas pessoas do nosso mundo.

Às vezes nos comparamos com pessoas que são piores que nós apenas para provar o quanto somos maravilhosos. Outras vezes, nós nos comparamos com pessoas que são melhores apenas para podermos alimentar a nossa mentalidade interna de vítima. Nenhum dos extremos é lógico ou preciso, mas ambos são corrosivos para a alma.

O primeiro produz comodismo. Se olho para outra pessoa e percebo que sou melhor que ela em algo, tendo a pensar que já cheguei ao máximo daquela área e posso parar de crescer e trabalhar naquilo. Mas talvez Deus tenha me chamado para fazer mais. Talvez Ele tenha me dado uma capacidade ainda maior nessa área.

A segunda produz condenação. Se eu olho para as conquistas, a espiritualidade ou os talentos de outros e percebo que estou em uma situação de inferioridade, posso tornar-me desencorajado e inseguro com quem sou. Posso sentir-me desqualificado, mesmo que Deus esteja perfeitamente feliz com minha condição.

A comparação também é uma das atividades mais relativas e pessoais que eu conheço. Você acha que é muito bom em algo? Ótimo! Mas considere isto: existem sete bilhões de pessoas no planeta, e as chances são de que algumas *milhões* de pessoas sejam melhores que você nessa área em particular.

Tenho um amigo que ama velejar com sua esposa durante três semanas no verão. Para mim, isso seria um inferno. Não a parte da esposa — por favor, gente! Estou falando de três semanas num barco. Cada doido com a sua mania, mas velejar não é para mim.

Entretanto, meu amigo ama. E ele diz que algo interessante acontece quando ele sai com o barco: “Sabe, sempre começo pensando como eu sou abençoado por ter três semanas para ficar longe do trabalho, uma esposa com quem quero ficar junto por três semanas e um charmoso barquinho. Mas, sempre nos primeiros dias, esbarro com pessoas cujo barco é tão bacana que até o *bote salva-vidas* delas deixa o nosso barquinho no chinelo. E não estão tirando três semanas de férias, pois nunca mais precisarão trabalhar na vida”.

A última frase que ele falou me impactou: “O fato é que sempre haverá alguém com um barco melhor”.

Pois bem, você deve estar pensando em #problemasderico, mas o cenário que acabei de descrever é apenas uma representação para ilustrar que não importa o tanto de “mais” que você tiver, sempre haverá alguém com um “mais a mais”.

Por outro lado, não importa o tanto que você for ruim em algo, milhões de pessoas estão piores que você. Existe alguém que daria qualquer coisa para estar na sua situação e ter a sua força. Como eu disse à nossa igreja uma vez, alguém, em algum lugar, está orando para ter os seus problemas.

A comparação é uma assassina silenciosa. Ela rouba a nossa alegria e mina nossos relacionamentos. Faz-nos criticar eventos que deveríamos celebrar, rejeitar pessoas com as quais deveríamos aprender e desdenhar de ideias que deveríamos abraçar.

A qualificação que Deus nos dá não depende de outras pessoas. Ele não exalta os erros dos outros para que nos sintamos melhores. Ele não liga nosso sucesso ou nossa aprovação com o desempenho de outros ao nosso redor.

As terceiras palavras de Deus fluem da Sua visão divina para as nossas vidas. Ele sabe quem somos e do que somos capazes, e nos aprecia exatamente como somos. Ele sabe quantos talentos nos deu para que multiplicássemos e investíssemos de volta no mundo que nos rodeia.

Vale mencionar que a cultura da comparação não é oriunda da era Pinterest. Ela já existe há milhares de anos. É um resultado natural da insegurança e do orgulho do ser humano.

Paulo teve que falar sobre isso à igreja de Corinto. Falsos mestres tinham entrado na igreja e estavam sabotando Paulo. Estavam tentando convencer os Coríntios de que eram mais qualificados que Paulo e que a igreja deveria dar ouvidos aos seus ensinamentos no lugar dos dele. O mais louco é que eles não basearam esse argumento na verdade da mensagem que traziam, mas em suas qualificações comparadas com as de Paulo.

Paulo não deixou barato. Não porque precisasse justificar-se ou defender-se, mas porque seus amados amigos estavam sendo induzidos ao erro e levados cativos espiritualmente. Estavam se tornando presas do espírito de comparação.

Então Paulo escreveu à igreja: “Não temos a pretensão de nos igualar ou de nos comparar com alguns que se recomendam a si mesmos. Quando eles se medem e se comparam consigo mesmos, agem sem entendimento” (2 Coríntios 10:12).

E, em “sem entendimento”, ele quis dizer “como burros”. Esta verdade se aplica em todas as áreas de nossas vidas, não apenas à doutrina. Comparar e medir nós mesmos com nós mesmos não faz sentido. Não prova nada. Não resulta em nada.

Como você define sucesso? Como você sabe se é qualificado? Você tem orgulho e prazer em ser simplesmente você? Em tornar-se a pessoa que Deus o chamou para ser? Ou está constantemente se comparando com alguém em sua vida ou, quem sabe, com *todo mundo* em sua vida?

Como você reage quando alguém próximo obtém sucesso?

Você parabeniza e celebra com um coração sincero? Ou suspeita que a vitória dele é a prova de seu próprio despreparo?

A irmã de uma amiga minha foi visitá-la recentemente. A irmã apontou para um dos cartões de natal na porta da geladeira e perguntou: “Quem é essa?”

“Ah, é minha amiga Amy”, minha amiga respondeu.

“Ah, não”, disse a irmã, “eu nunca teria uma amiga tão bonita”.

Isso foi há uns dois anos, e a irmã até hoje pergunta: “Como está a Amy bonita?”, mesmo sem nunca a ter conhecido.

Além da lição óbvia de que não precisamos falar tudo aquilo que pensamos, essa maneira de pensar diz muito sobre o que nos dirige.

Deus quer que você descubra a liberdade de simplesmente ser você. De viver sem comparações. De encontrar sua segurança e identidade, não em relação a quanto você se sobressai ao ser comparado aos outros à sua volta, mas ao seu relacionamento com Ele.

VOCÊ NÃO PODE SE ESCONDER DA OPRAH

A comparação inevitavelmente leva à competição. Jacó e Esaú não poderiam ser um exemplo mais claro disso. Eles passaram boa parte da vida competindo

um com o outro por bênçãos, pelo direito de primogenitura e pela aprovação dos pais. A rivalidade entre irmãos atingiu níveis homicidas. E, mesmo depois de décadas de separação, a suspeita e a decepção ainda perduravam.

Mencionei antes que, quando Jacó lutou com o anjo, ele estava a caminho de casa. E estava aterrorizado. Sabia que iria enfrentar seus antigos pecados contra Esaú, e pensou que seu irmão iria tentar matá-lo juntamente com sua família.

Atrás de Jacó tinha Labão, e pela frente, Esaú. Dois relacionamentos destruídos pela manipulação e competição.

Jacó foi pego no meio. Era uma enrascada em que ele mesmo havia se metido. Sim, ele tinha acumulado riquezas. Tinha esposas e filhos. Tinha *status*. Ele era maior e melhor do que qualquer outro em sua vida.

Mas, na noite em que o anjo o encontrou, ele estava assustado, sozinho e vulnerável.

É isso que uma vida de comparações invariavelmente produz.

É claro que a competição, por si só, não é errada. E, na maioria das áreas da vida, ela pode ser saudável. Até mesmo empolgante. Afinal, o mesmo Paulo que fala para não nos compararmos, também fala sobre as virtudes de corrermos para ganhar o prêmio. Mas a competição precisa estar focada na coisa certa. Você não pode se perder em meio à competição.

Um dos competidores mais famosos da história moderna é Lance Armstrong. Ele é uma lenda do ciclismo, tendo vencido o Tour de France sete vezes consecutivas. Acusações de uso de substâncias químicas para aumentar o desempenho de atletas, o *doping*, o seguiram por toda sua carreira, mas ele persistentemente as negava, e as repetidas investigações continuavam inconclusas. Porém, finalmente o uso de substâncias proibidas foi exposto, e ele perdeu seus títulos.

A primeira vez que ele confessou ter usado *doping* foi em um programa da Oprah, que acabou por mostrar que você pode se esconder do governo, pode se esconder da mídia, mas não pode se esconder da Oprah.[16] Ela vai fazer você falar, filho!

Não estou aqui para criticar o Lance Armstrong. Não carrego pedras para atirar em ninguém. Nenhum de nós gostaria de ter pessoas nos seguindo e rastreando as nossas contradições. E eu não subo numa bicicleta desde os meus

quatorze anos (exceto por uma vez no Brooklyn em que meu amigo Carl quase me matou), então eu não sou nenhum *expert* em ciclismo. Mas o que me chamou a atenção na entrevista foi a ideia de um competidor supremo que perdeu tudo pelo qual competiu e conquistou.

A Oprah perguntou para o Armstrong se ele achava possível ter ganhado o Tour de France sete vezes sem o *doping*.

Ele respondeu: “Não nesta geração atual. Eu não inventei a cultura, mas também não tentei impedi-la, e este foi o meu erro. É disso que me arrependo”.

Ele continuou: “Meu desejo incontrolável por vencer a todo custo me serviu bem na bicicleta, mas o nível em que chegou, independentemente do motivo, foi um erro. Aquele desejo, aquela atitude, aquela arrogância”.[17]

Eles conversaram sobre a cultura do *doping*. Para ele, usar o *doping* era tão necessário quanto encher os pneus da bicicleta ou a garrafinha de água. Todo mundo usava, então ele estava apenas nivelando a competição.

Oprah perguntou sobre os treze anos de mentiras e dissimulação, e ele disse que a mentira começou a ganhar força, e ele teve que repeti-la. A pressão para manter uma imagem perfeita diante dos fãs e da mídia era enorme. Ele admitiu: “Eu me perdi naquilo tudo”.[18]

Eu me perdi. Esta é a frase. Eu não quero me perder na busca pelo meu sucesso e vitória. Não quero sacrificar o que realmente é importante em um esforço para ganhar *status*.

A competição e a comparação podem parecer inofensivas e até mesmo divertidas por um tempo. Mas elas conseguem nos alcançar e nos atacam pelas costas. Quando nos baseamos no tanto que deixamos os outros para trás, estamos consequentemente caminhando para o fracasso. Mais cedo ou mais tarde, encontraremos alguém melhor que nós. Um barco maior. Uma Amy mais bonita. Isto faz nossa autoimagem despencar, e então escapulimos derrotados ou rosnamos e mordemos até conquistarmos de novo o nosso *status*.

Por favor, ouça-me! Nunca seremos “suficientemente melhores” que todas as outras pessoas para estarmos seguros.

Nunca!

Teremos sempre que lutar com novos competidores pelo primeiro lugar. Enxergaremos todos os outros como competidores. E faremos o que for preciso

para nos mantermos na liderança. Nesse meio tempo, perderemos milhares de bênçãos.

Lance Armstrong sentiu que não tinha outra escolha a não ser trapacear por causa da cultura de competição ao seu redor. E, com isso, acabou sacrificando tudo pelo que havia lutado. Perdeu suas vitórias, sua reputação, sua superioridade. Ele perdeu a si mesmo.

E nós? Somos guiados por uma cultura de competição que obriga que percamos a nós mesmos para conseguirmos ganhar? Será que a pressão para produzirmos e termos um bom desempenho é realmente tão irresistível? Ou será que é possível encontrarmos realização em Jesus? É possível ter uma confiança que não tenha sido fundamentada na opinião dos outros?

CHEIO

A resposta para as incessantes vozes de comparação e de competição é conhecer a Deus como Aquele que nos qualifica e nos aprova.

Como meu conselheiro costumava me dizer, é apresentar-se a Deus, mesmo que sejam mil vezes num dia, e perguntar-Lhe: “Está tudo bem entre nós?”

E então ouvir a afirmação: “Tudo bem!”

E concordar com a avaliação Dele: *Então eu estou bem*.

Paulo disse o seguinte aos Colossenses: “Em Cristo habita corporalmente toda a plenitude da divindade, e, por estarem Nele, que é o Cabeça de todo poder e autoridade, vocês receberam a plenitude” (2:9-10).

Como cristãos, não temos muitos problemas para crer no versículo 9. Sabemos que Jesus era a manifestação expressa da revelação de Deus, tanto que Ele pôde dizer aos Seus discípulos: “Quem me vê, vê o Pai” (João 14:9). Tudo que existe em Deus, desde o momento em que Ele chamou as coisas à existência através da Palavra, era demonstrado na pessoa de Jesus. Em Jesus não havia pecado. Ele era completamente justo.

Mas frequentemente temos problemas com o versículo 10: *nós* recebemos a plenitude em Cristo. Mas o versículo 9 não pode ser verdade a não ser que o versículo 10 também seja. Eles estão bem ali, na mesma Bíblia.

Resumindo, Paulo disse: “Deixe-me dizer o quanto Jesus é completo e pleno”. E então, no mesmo parágrafo, ele diz: “...e deixe-me dizer o quanto vocês são também completos e plenos”.

Ele não interrompe nem qualifica a afirmação. No contexto da exuberância de Cristo, Paulo faz uma declaração de plenitude sobre mim e sobre você.

Este é o antídoto para o absurdo dessa sociedade *Snapchat*, onde temos que fazer nossas vidas parecerem interessantes por dez segundos para que todos os outros pensem que estamos nos divertindo.

Deus quer trazer uma realidade diferente para as nossas vidas. Ele quer que conheçamos e creiamos na plenitude que Cristo tem nos concedido. Está consumado. Está completo. E ninguém pode mudar isso.

Este é o golpe fatal no espírito de competição que rege nossas vidas sem Cristo. Se eu tenho plenitude em Cristo, se eu tenho tudo de Deus em Cristo, se eu estou cheio de alegria, amor, afirmação, bênçãos e força em Jesus, então, não há motivos para comparações, nem espaço para competições.

Se eu estou cheio de Cristo, e Cristo está cheio de Deus, o que eu precisaria provar para as pessoas? O que você teria que provar?

Nada.

Esta é a liberdade que temos em Cristo. Esta é a segurança que temos quando Deus é quem nos qualifica. É também assim que somos simultaneamente qualificados e desqualificados. Somos desqualificados aos olhos do mundo, mas qualificados através de Cristo.

Tenho uma série de perguntas que faço a mim mesmo quando sinto o espírito de competição se levantando dentro de mim. Isto não acontece apenas nas áreas importantes de minha vida. Às vezes acontece numa simples conversa. Quando sinto a necessidade de contar uma história que é maior e melhor que a de outra pessoa. Quando fico querendo mostrar minha importância e significância em vez de reforçar e celebrar as de alguém. Quando me pego satisfeito por dentro com as lutas de uma pessoa, pois isso me faz sentir melhor em relação às minhas lutas. E então percebo que estou mais uma vez caindo na armadilha da comparação.

Aqui estão algumas das perguntas que eu faço para mim a fim de quebrar este ciclo:

1. O que estou tentando provar?

2. Para quem?

3. Por quê?

Estas perguntas me fazem parar e refletir. Elas quebram o espírito de comparação em minha vida.

Por exemplo: o que estou tentando estabelecer quando conto a alguém o tamanho da minha igreja? O que estou tentando provar? O meu valor? O meu chamado? A minha importância? As minhas qualificações?

“Você tem uma igreja grande. Parabéns! Legal!”

Normalmente, uns trinta segundos depois de dizer isso, uma nuvem de desgosto pessoal vem sobre mim e eu percebo o quanto a minha motivação estava sendo carnal e superficial. Que bem isso fez? O que algum de nós ganhou com essa informação? E por que me senti interessado em incluir o tamanho do meu ministério na conversa?

A verdadeira liberdade vem quando percebemos que não temos nada para provar a ninguém, pois, em Cristo, Deus nos aprova plenamente.

E, a propósito, você não aprende isso na primeira vez. É por este motivo que repito este assunto por todo o livro. A vida tem um modo de criar cercos contra nossa segurança, nossa confiança em Cristo. A única prevenção que encontrei contra a corrupção provocada pela constante comparação que nos come por dentro é retornar à simples verdade de que é apenas Deus quem nos qualifica.

A tentação de estarmos provando algo não desaparece quando escalamos a escada do sucesso. Ela fica cada vez mais alta, e a possibilidade da queda fica mais assustadora. Sempre haverá pressão para a adequação, para a performance, para estarmos à altura.

Mas Deus pode nos encher com uma plenitude que não pode ser arrancada. Sem isso, sempre nos sentiremos vazios, não importa o quanto produzirmos ou gastarmos para o nosso deleite. Podemos ter muitos troféus e, ainda assim, estarmos inclinados a demonstrar uma superioridade fútil. E nos perderemos na busca por uma plenitude que Jesus já nos deu.

O que você está tentando provar? Para quem? E por quê?

Tentar provar qualquer coisa para qualquer pessoa é uma completa perda de tempo. É uma afirmação ousada, mas é verdade. Se as pessoas que você está

tentando impressionar já o amam, é perda de tempo porque você já é valorizado e aceito por elas. E se não o amam, é perda de tempo, pois, mesmo se conseguir a aprovação delas, de que isso adiantará? Se o amor delas foi algo que você teve que provar para ter, então elas não o amam de verdade.

Como pastor e pregador, tenho um papel público. Serei bastante transparente no que vou dizer agora: um dos desafios que enfrento rotineiramente é tentar não me importar se as pessoas gostam de mim ou não. Passo por isso o tempo todo, pois, enquanto estou lá em cima tentando fazer as pessoas ouvirem a Deus, uma pequena voz em minha cabeça começa a dizer: *O que será que as pessoas estão pensando sobre mim? Será que me acham inteligente? Engraçado? Ungido? Talentoso? Profundo?*

É uma distração, é diabólico, e é destrutivo. A verdade é que não quero que as pessoas me vejam. Quero que vejam Jesus. Mas eu, mesmo assim, entro na frente Dele.

Frequentemente me preocupo, imagino e ajo como se a opinião das pessoas fosse a minha maior fonte de qualificação. É totalmente loucura. Por que eu tentaria ganhar uma medalha de alguém que não está autorizado a entregar medalhas? Medalhas assim não valem nada no pódio da eternidade. Então para que serviriam?

Você pode não precisar falar para grandes multidões, mas aposto que já sentiu essa pressão para agradar. A mesma pressão para viver de acordo com os padrões e expectativas arbitrários e frequentemente velados das pessoas.

Recentemente, Deus me deu um pensamento muito libertador. Enquanto me preparava para ministrar a um grupo de pessoas, preocupando-me com como eu me sairia e se atenderia aos seus ideais, senti como se o Senhor me dissesse:

Eu não o trouxe aqui para atender às expectativas deles.

Eu o trouxe aqui para que seja a minha expressão.

Minha única meta é ser o reflexo real da imagem de Deus em mim. É tudo que posso fazer. E isso é suficiente.

Pois, mesmo que consigamos que os outros nos aprovem, o que exatamente ganhamos com isso? Se eles decidirem que gostam de nós, gastaremos o mesmo tanto de energia para manter essa aprovação quanto gastamos para conquistá-la. Talvez até mais. Então, de que adiantou?

Imagine o raciocínio deles: *Parabéns! Agora continue me impressionando para que eu continue achando que você é uma boa pessoa. A não ser, é claro, que eu mude os meus padrões, o que eu posso fazer sem aviso prévio. Então você terá que recomeçar do zero.*

Algo precisa mudar. Não podemos passar a vida esperando que as pessoas gostem de nós. Precisamos encontrar nossa plenitude em Cristo. Se estivermos cheios de Cristo e alguém não gostar de nós, adivinhe? Eles é que perderão. Estarão perdendo o que Deus colocou em nós.

Não estou falando sobre ser exibido. Estou falando sobre ser pleno em Cristo. Sobre estar confiante em Seu chamado. Sobre estar contente com os dons e as habilidades que temos em vez de nos compararmos com os outros.

Quando você sabe que recebeu um chamado, já não espera pelos aplausos de alguém. Seu único desejo é a afirmação do Pai celestial que o ama quando você está ferido, que o ama em sua disfunção sexual, que o ama quando você tem problemas que não consegue superar.

Quando você tem essa afirmação de alguém que o conhece plenamente e o ama mesmo assim, o mundo não pode ter uma medalha grande ou brilhosa o bastante para tentá-lo. O espírito de comparação é quebrado, pois você sabe que possui um chamado maior.

Então, o que estamos tentando provar?

Já somos aprovados. Já somos qualificados.

É APENAS O COMEÇO

A verdadeira liberdade em Cristo vem quando percebemos que, sem Ele, estamos espiritualmente falidos, mas Nele temos todas as coisas. Declaramos esta verdade todos os dias, em todas as situações. Cremos nisto, não importa o que nossas emoções ou circunstâncias tentem nos dizer, ou quão mal nos sintamos, ou seja lá qual for o fracasso ou sucesso que estejamos experimentando no momento. A plenitude de Deus é o que mais importa.

Nunca conseguiremos preencher nosso vazio a partir de um lugar que está vazio. Somente Jesus pode nos encher. Somente Jesus pode nos qualificar. E

quando Ele o faz, nada pode arrancar isso de nós.

Quando começamos a partir de um lugar de plenitude em Cristo, tudo muda. A aprovação e o chamado de Deus nos qualificam para que vivamos um novo tipo de vida.

Primeiramente, tornamo-nos livres para amar verdadeiramente. Não o amor vazio e passageiro que o mundo oferece. Não um amor baseado no nosso desempenho ou qualificação. Pelo contrário, é um amor incondicional que Deus nos dá, do tipo que Ele nos chama para compartilhar com os outros.

Também nos tornamos livres para verdadeiramente servirmos ao Senhor. Não porque temos medo que Deus nos rejeite, mas porque estamos transbordando de ações de graça por tudo o que Ele tem feito por nós. É a nossa resposta natural e espontânea para a bondade de Deus.

E finalmente nos tornamos livres para verdadeiramente termos sucesso. Deus fica feliz com o nosso sucesso e a nossa força, mas fica ainda mais feliz por Ele ser o nosso tesouro, nosso amigo e fonte de nossa plenitude. A melhor forma de ter sucesso, segurança e plenitude é ser tão cheio de Deus que não precisamos mais do sucesso.

Em Jesus somos plenamente perdoados. Ficamos livres de toda a culpa e vergonha. Ficamos plenamente cheios de amor e de aceitação. Ficamos seguros do chamado de Deus.

Em contraste a tudo isso, nossas fraquezas e inseguranças desaparecem. Deus é por nós, então nada nem ninguém pode nos vencer. Não precisamos gastar nem mais um dia tentando provar nosso valor, pois, já temos a aprovação de Deus através do dom de justiça de Jesus.

Você está pronto para abraçar quem você é a fim de tornar-se quem Deus o chamou para ser? Está pronto para parar de buscar aprovação e confiar em Deus, Aquele que o qualifica?

Se sim, isto é apenas o começo.


12

ALCANÇANDO A MARCA

Algumas vezes por ano, eu dou uma aula chamada *Geração* para um pequeno grupo de estudantes em nossa igreja. Em uma parte da aula, peço aos alunos para que me ensinem como falar de forma descolada.

Já desisti de tentar *ser* descolado de verdade. Estou na casa dos trinta anos, o que é, em essência, uma idade pré-histórica para os meus alunos, mas é uma boa maneira de conectar-me e iniciar conversas. E, se eles me ajudarem a parecer descolado, pelo menos para começar a conversa, é uma situação em que todos saem ganhando, certo?

Então eu digo: “Ei! Preciso de uma atualização de vocabulário. Meus filhos ainda não são adolescentes, então como os jovens de hoje em dia falam?”

Eu nunca pensei que usaria a frase “jovens de hoje em dia”. É meio triste.

Os alunos de um dos meus grupos *Geração* mais recentes foram muito úteis. Eles me ensinaram o uso correto de *BFF*, por exemplo. Eles também me ensinaram o significado de *zika.*

Eu disse: “Use isso em uma frase. Eu não estou entendendo”.

Alguém respondeu: “Ok! Seu tênis é zika”.

“Ah, é tipo, doente.”

“Hã?”

Eu pensei: *Uau, eu tô velho!*

Então um deles nos cortou e disse: “Metas”.

Eu falei: “Você disse metas? Você acha que essa é uma palavra nova? Que isso, cara? Não sou tão velho assim”.

Ele respondeu: “Não, não. A *hashtag*. As pessoas usam para tudo agora. Você pode colocar esta palavra em qualquer coisa. Você sabe, *hashtag meta*”.

Fiquei intrigado. Então eu busquei pela *hashtag* no Instagram. O garoto estava certo. Estava por todo lugar.

Então decidi fazer uma pesquisa mais aprofundada nessa *hashtag*, um ato que é inerentemente nada descolado, mas você tem que começar de algum lugar. Encontrei um artigo na revista feminina *Elle* sobre essa moda. (Já que eu já tinha devolvido minha carteirinha de descolado, então por que não devolver minha carteirinha de homem também?) A escritora, Justine Harman, compartilhou uma ótima compreensão e explicação:

> O termo em moda [#meta], que também faz ótima parceria com palavras do tipo "vida", "corpo", "cabelo", "equipe" e "relacionamento" é irreverente, preguiçoso e propositalmente autodepreciativo. Uma "meta", nesse contexto, é algo cobiçado e distante, uma qualidade de vida que nós categorizamos como inalcançável.[19]

Aqui está um exemplo do que ela estava descrevendo. Digamos que você veja uma foto dos artistas Jay-Z e Beyoncé no jatinho particular Gulfstream 650 deles, abraçadinhos debaixo de um cobertor feito de pele orgânica de zebra, e você comenta na foto usando a hashtag "meta".

É uma forma de dizer: "*Ah tá!*" e "*Bem que eu queria*", tudo de uma vez.

Isso me deixou pensando: *não seria esta uma perigosa distorção do real propósito de uma meta?*

Sei que o objetivo é ser brincalhão, e este, certamente, não é um discurso sobre "os jovens de hoje em dia". Mas isto me fez pensar. A *hashtag metas* é um raciocínio trágico sobre como a raça humana lida com as metas que sentimos que não estamos preparados para atingir. Ele descreve como muitos de nós reage mental e emocionalmente quando comparamos onde estamos agora com o onde gostaríamos de estar. Nossas metas não cumpridas acabam virando as vozes que zombam de nós. Elas são um comentário sobre nossas falhas e um lembrete de que não somos bons o suficiente — e de que nunca seremos.

Será que a proliferação de #metas ridículas não é apenas uma manifestação moderna das lutas de Jacó? Ele não sabia como lidar com a lacuna entre quem ele era e quem ele queria ser. Desde o ventre ele tinha metas que estavam, literalmente, além de seu alcance. Ele sabia que havia sido chamado para a grandeza, a riqueza e a relevância. Mas ele foi o segundo. Ele foi o mais fraco da ninhada. Ele era aquele que fazia demais e era considerado de menos.

Então, como já vimos, ele passou décadas fingindo, manipulando e comparando-se em um esforço para conquistar, por conta própria, o que Deus poderia entregar a ele por graça.

Mas então ele enfrentou um anjo.

E ele aceitou a si mesmo.

E recebeu um novo nome.

Eu gostaria de poder dizer-lhe que esse foi, de uma vez por todas, um momento definitivo de transformação em Jacó e que, ao aceitar sua identidade, ele estaria para sempre livre de suas lutas e de sua humanidade. Que Jacó havia se tornado Israel e que viveria feliz para sempre.

Mas eu não posso, pois não acontece dessa forma, apesar das fábulas infantis que os irmãos Grimm nos contaram. Contos de fada são narrativas que acabam de maneira ordenada cujas pontas soltas são amarradas. Nelas, os dragões morrem, os vilões são banidos e os heróis e heroínas se casam e reinam sobre reinos pintados em aquarela.

Mas, na vida real, a linha entre vilão e herói é um pouco mais borrada. Assim como foi para Jacó.

Na vida real, heróis têm momentos decisivos de autorrealização, mas então se voltam e fazem novamente as mesmas coisas destrutivas. Assim como Jacó fez.

E, na vida real, a narrativa, na verdade, não termina. Pois, na vida real, o alvo não é viver feliz para sempre. Não é terminar a trama, resolver o conflito e então exibir os créditos na tela. Existem mais coisas na vida do que eliminar suas fraquezas e terminar por cima.

É terrível viver em um limbo de confusão entre realidade e destino, esperando, orando e trabalhando duro por um “felizes para sempre”, o qual nunca alcançaremos até que entendamos qual é a verdadeira meta.

Obviamente, ter metas não é o problema. Metas são ferramentas úteis para motivar as nossas ações e medir o nosso progresso. Como humanos, somos criaturas orientadas por metas, e eu acredito que Deus nos criou desta forma precisamente por Ele ser um Deus de objetivos claros.

Muitos de nós somos realmente bons em estabelecer metas e até em alcançá-las. Este não é o problema.

O problema é que, para começo de conversa, assim como Jacó, nós não temos as metas *corretas*.

Nós podemos alcançar todas as metas que quisermos, mas se elas forem as metas erradas, terminaremos no lugar errado. Um comprometimento com as metas erradas pode criar a ilusão de progresso, mas não trará a recompensa da verdadeira realização.

Perguntar "Estou alcançando minha meta?" é uma coisa, mas perguntar "Esta é uma meta boa? Esta é a melhor meta?" é outra.

Em uma sociedade obcecada por metas, é importante que façamos as perguntas corretas: onde nossas metas estão nos levando? Será que o atual objetivo de nossas vidas é realmente o objetivo correto? Será que as nossas metas valem a pena serem atingidas? Será que as pessoas que invejamos são felizes de fato?

Talvez esta seja a hora de parar com essa correria desenfreada. Parar de perseguir ilusões como os ratos atrás de uma flauta. Sair dessa roda de hamsters. (Acabei de perceber que usei metáforas envolvendo roedores. Deveria melhorar minha habilidade na escrita. #meta).

Eu estava conversando com uma mãe cujos filhos já tinham saído de casa. Ela me disse o que toda mãe com o "ninho vazio" diria para Holly e eu: "Valorize cada momento. O tempo voa".

Isso é fácil para você dizer, eu sempre penso. *Seus filhos já foram. Os meus ainda estão quebrando as coisas em casa.*

A mulher continuou: "Olho para o modo com que criei meus filhos, e vejo que frequentemente eu tinha as metas erradas".

Eu perguntei: "Por exemplo?"

Ela disse: "Bem, por que eu pensei que a maior meta do dia a dia seria ter um tapete limpo? Durante os mais de vinte anos que tive crianças em casa, eu sempre mantive o tapete limpo. Eu brigava com as crianças por causa do tapete, e todos tiravam seus sapatos por causa dele. Agora eu adoraria ver mais pessoas transitando pela casa, mais lama e mais suco de maçã no tapete. Eu alcancei a meta, mas essa meta não era a meta mais importante".

Quando eu estava no ensino médio, tinha um sujeito cuja meta era fazer sexo com quantas garotas ele conseguisse. Parecia uma boa ideia para ele no ensino

médio. As pessoas falavam para ele que ele era o cara. Ele estava no controle. Ele se dava bem com todo mundo, era popular e bem-sucedido.

Eu o reencontrei na reunião de dez anos de formatura.

Ele estava divorciado e confessou para mim que a vida dele parecia vazia.

Ele achava que estava só recebendo, mas, na verdade, estava espalhando pedaços dele mesmo que jamais recuperaria. Ele alcançou a meta, mas é a qualidade da meta que determina se isso é significativo.

Portanto, se viver feliz para sempre não é a meta, então qual é? Eu acredito que a resposta está ilustrada no encontro transformador de vida de Jacó com o anjo.

O DEUS DE JACÓ

Deve ter sido o momento mais notável na dramática vida de Jacó: “Seu nome não será mais Jacó, mas sim Israel” (Gênesis 32:28).

Jacó deve ter pensado que Deus estava dizendo: “Cansado de quem você é? Quer ser outra pessoa? *Boom!* Desejo concedido. Você tem um novo nome e uma nova identidade. Você não é mais o fraco, conivente, esguio e pequeno Jacó. Você é Israel: um príncipe, um governante, o rei da montanha”.

Tenho certeza de que Jacó ficou empolgado com a ideia. Ele passara sua vida inteira tentando ser um homem que conquistou por esforço próprio. Agora o próprio Deus estava reconhecendo a conquista de Jacó. Era o clímax, o zênite, o momento mágico da metamorfose. Jacó se foi, e Israel chegou para ficar.

Exceto que não foi isso que Deus quis dizer.

Podemos esperar que, desse ponto em diante, a Bíblia iria sempre se referir a Jacó pelo seu novo nome, Israel. Mas Deus tem uma forma muito curiosa de ignorar as nossas expectativas. Normalmente é para nos ensinar alguma coisa.

Muitos anos depois desse evento, Deus apareceria para Moisés na sarça ardente. Êxodo 3:15 descreve que Deus disse a Moisés que Ele gostaria que os israelitas O identificassem como o Deus de Abraão, Deus de Isaque e Deus de...

Jacó.

Espere! Jacó?

Por que não Israel?

Israel era o novo e melhor Jacó, o triunfante e transformado Jacó. Se você fosse Deus e quisesse ser conhecido, você não se denominaria como o Deus de *Israel*? Se você estivesse lançando uma campanha de Relações Públicas para lançar seu nome, será que você não gostaria de ter seu nome ligado ao lado mais positivo desse personagem?

Ainda assim, Deus disse a Moisés, e Ele nos diz hoje: "Se você quer saber quem Eu Sou, você precisa entender que Eu também Sou o Deus de Jacó. Eu Sou Deus em todos os erros que você cometeu. Eu também Sou Deus em todas as suas partes que você não quer que vejam. Eu não Sou apenas o Deus do seu sucesso. Eu Sou o Deus das suas lutas. Eu não Sou apenas o Deus das suas vitórias. Eu Sou o Deus das suas derrotas."

"Eu Sou
O Deus
De Jacó."

Pelo resto de sua vida e ao longo da Bíblia, Jacó foi chamado pelos dois nomes. Às vezes ele é chamado de Jacó e às vezes ele é chamado de Israel. Por quê? Pois nós somos complicados, e a mudança também é. A descoberta de quem nós somos e de quem nós devemos nos tornar é uma jornada de uma vida inteira.

Mas, neste meio tempo, Deus não tem vergonha de ser associado com Jacó, e Ele também não tem vergonha de ser associado conosco.

A saga de Jacó nos ensina que viver não significa vencer as nossas fraquezas para que possamos viver felizes para sempre. Trata-se de viver o *agora*, da forma que sejamos aceitos por Deus e, portanto, sermos capazes de aceitarmos a nós mesmos.

Trata-se de saber que somos Jacó e Israel, ao mesmo tempo. Nós somos Jacó, pois ainda temos que lutar com coisas bobas. Mas nós também somos Israel, pois Deus já declarou vitória sobre nós. A verdadeira realização vem de aceitar as duas realidades ao mesmo tempo.

Quanto mais pudermos aceitá-las, mais fácil será reconciliá-las. Quer dizer, quanto mais entendemos que somos Israel aos olhos de Deus, menos nos encontraremos agindo como Jacó. Sejamos honestos! Enquanto caminharmos neste planeta, nunca seremos completamente livres de nossas tendências de Jacó. Mas enquanto soubermos que Deus nos nomeou como Israel, nosso hábito de agir como Jacó não poderá mais nos travar. Nossas fraquezas, lutas e falhas serão continuamente convertidas em forças pelo poder de Deus.

VENÇA POR DENTRO

Na narrativa de Jacó, nós vemos um homem que briga com todos. Ele brigou com Esaú no ventre. Ele enganou seu pai para receber uma bênção que não era sua. Ele disputou tudo com seu tio Labão, das filhas até os jumentos. Ele tentou derrubar um anjo e acabou manco.

Agora Jacó estava se preparando para enfrentar seu irmão, Esaú, de novo. Já haviam se passado décadas, e ele ainda lutava com os mesmos problemas.

Por quê? Afinal, Esaú não era o verdadeiro oponente, assim como também não era o anjo, nem seu tio e muito menos seu pai.

As lutas externas de Jacó eram um reflexo de suas lutas internas. Ele era um homem em busca de identidade, transformação e aceitação. E até que conseguisse encontrar isso em Deus, ele nunca viria a ter paz consigo mesmo nem com o mundo ao seu redor.

Na noite em que enfrentou o anjo, Jacó pensava que estava se preparando para fazer as pazes com Esaú. Na realidade, Deus o trouxe àquele lugar para que fizesse as pazes consigo mesmo.

Esse é o ponto da duplicidade de nomes. Jacó teve que lutar contra tudo e todos em uma tentativa inútil de encontrar seu lugar no mundo. Israel poderia ter descansado na aceitação de Deus.

O nome Israel não indicava perfeição. Indicava o propósito que Deus cumpriria através dele. Esse nome indicava o processo de mudança. Indicava um relacionamento com o Deus que o amava como Jacó, mesmo enquanto ele se transformava em Israel.

Isto é ilustrado no encontro de Jacó com Esaú alguns versículos e horas depois. Em comparação com a sua batalha com o anjo, esse encontro foi surpreendentemente tranquilo. Jacó planejava ganhar o perdão de seu irmão ao entregar a ele presentes elaborados. Mas nada disso foi necessário.

Quando Jacó e Esaú finalmente se aproximaram, a Bíblia diz o seguinte: “Mas Esaú correu ao encontro de Jacó e abraçou-se ao seu pescoço, e o beijou. E eles choraram” (Gênesis 33:4).

Parado face a face com o homem com que ele passou toda sua vida lutando contra, Jacó, com certeza, percebeu algo que eu agora estou entendendo mais e mais:

A única batalha que tenho que vencer é a interna.

A batalha não é contra Esaú. É contra mim.

Sua verdadeira luta não é com o seu dinheiro. Sua verdadeira luta não é com o seu chefe. Sua verdadeira luta não é com a sua sogra.

“Você não conhece a minha sogra”, você pode até dizer.

É um bom argumento. Mas, no fim das contas, é verdade. A primeira luta que você precisa focar, é a luta no seu interior.

Conheci pessoas lindas que eram inseguras com a sua aparência. Conheci pessoas de abdômen trincado que reclamavam do quanto estavam gordas. Aceitação, pertencimento, segurança, valor, significância — a lista continua. Nós podemos manifestar nossas necessidades de maneiras diferentes, mas todos nós desejamos a mesma coisa.

Talvez mais uma referência da Oprah nos ajude a ter uma perspectiva melhor do que estou dizendo. Eu a ouvi falando em uma formatura na Universidade de Harvard, que a lição mais importante que ela aprendeu em vinte e cinco anos conversando com as pessoas foi que todos temos o mesmo denominador comum: nós queremos ser validados; queremos ser compreendidos. Ela continuou dizendo:

> Eu já fiz mais de 35.000 entrevistas em minha carreira e, assim que a câmera desliga, todos os entrevistados sempre viram para mim e, do jeito deles, fazem a mesma pergunta: “Ficou bom?” Eu ouvi isso do presidente Bush, eu ouvi isso do presidente Obama. Eu ouvi de heróis e de donas de casa. Eu ouvi isso de vítimas e de autores de crimes. Eu ouvi isso até da Beyoncé, com toda sua “Beyoncenisse”... Todos eles querem saber uma coisa: ficou bom?[20]

Só Deus (e às vezes a Oprah) tem a resposta certa para as seguintes perguntas:

Ficou bom?

Eu sou bom?

E permitir que Ele responda a estas perguntas é a única forma de ganhar a guerra que acontece dentro dos nossos corações. Se nós conseguimos derrotar nossas inseguranças internas, se conseguimos aceitar quem nós somos e o processo no qual estamos, então não importam as oposições que temos no nosso exterior. Nós conseguimos superar qualquer luta, qualquer deficiência, qualquer saldo do banco, qualquer relatório médico, qualquer inimigo, qualquer crítica.

Tudo que temos que fazer é vencer por dentro.

As muitas lutas de Jacó culminaram na descoberta simples de que a vida — com toda sua bagunça, suas falhas e seus momentos estranhos — é feita para ser vivida à luz da aceitação de Deus. O objetivo de nossa existência não é a perfeição, é o relacionamento.

Jacó não foi o único personagem bíblico que teve que descobrir isso. Se avançarmos alguns milhares de anos, rumo ao Novo Testamento, descobriremos que Pedro e Paulo têm algo para nos ensinar sobre alcançar metas e encontrar a realização. Na verdade, eles formam um contraste muito interessante, porque justamente aquele que você esperaria que estivesse mais próximo da meta, acaba por ser o que está mais distante. Deixe-me explicar.

Ao longo das narrativas do evangelho, vemos que Pedro possuía o hábito de resolver tudo com sua boca. Já falei disso antes. Ele amava falar, e frequentemente estava errado. Pregadores gostam de fazer piada dele, provavelmente porque se identificam com ele. Afinal de contas, “falar demais” está no topo da lista das nossas atribuições de cargo.

Outro dia, eu estava lendo a história do primeiro milagre que Pedro realizou após Jesus ter ascendido ao céu. Pedro e João foram ao templo em Jerusalém orar. Havia um mendigo do lado de fora que, desde nascença, era deficiente das pernas. Ele pediu dinheiro a Pedro e ele disse: “Sinto muito cara, não tenho nenhum trocado”.

Tenho certeza de que o mendigo havia ouvido isso o dia inteiro, todos os dias. Mas Pedro então acrescentou algo: “Mas o que tenho, isto lhe dou. Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, ande” (Atos 3:6). E o homem assim o fez.

Isso criou um enorme caos público. Pedro acabou pregando um sermão poderoso para a multidão que se juntou. Os líderes religiosos responderam aprisionando Pedro e João, pois eles não conseguiram pensar em nada melhor que pudessem fazer. Pedro aproveitou e pregou para eles também. E um versículo fascinante a Bíblia descreve a reação dos líderes religiosos: “Vendo a coragem de Pedro e de João, e percebendo que eram homens comuns e sem instrução, ficaram admirados e reconheceram que eles haviam estado com Jesus” (Atos 4:13).

Eu amo isso. Eles eram “homens comuns e sem instrução”. Eles não possuíam as qualificações dos líderes religiosos. Eles não viviam de acordo com as expectativas de sua cultura e sociedade. Aos olhos dos seus iguais, eles não tinham nada a dizer e nenhum direito de dizer algo, mesmo que se arriscassem.

Eles eram unicamente (des)qualificados para a tarefa de levar o evangelho ao mundo todo.

Mas isso não os impediu. Eles fizeram milagres. Eles pregaram. E Atos 4 registra que, enquanto Pedro e João eram arrastados para a cadeia local, aproximadamente mais duas mil pessoas se juntavam à igreja.

Os líderes religiosos ficaram chocados com a confiança deles, *apesar das suas fraquezas*. E aqui está a melhor parte: essa exata contradição foi o que fez com que concluíssem que aqueles homens haviam estado com Jesus.

Paulo, por outro lado, era supremamente qualificado aos olhos do povo judeu e dos líderes. Aqui está como ele descreveu suas qualificações:

> Se alguém pensa que tem razões para confiar na carne, eu ainda mais: circuncidado no oitavo dia de vida, pertencente ao povo de Israel, à tribo de Benjamim, verdadeiro hebreu; quanto à lei, fariseu; quanto ao zelo, perseguidor da igreja; quanto à justiça que há na lei, irrepreensível. (Filipenses 3:4-6)

Paulo era incrível! Ele era a síntese da conquista humana, o pináculo da perfeição auto-orquestrada. Paulo era o tipo de pessoa que os pais falavam para os filhos serem iguais quando crescessem.

Mas Pedro? Ele era apenas um ex-pescador com um orçamento pequeno e uma boca grande. Ele não tinha o que as pessoas pensavam ser necessário para representar Deus. Ele não tinha um currículo nem um pedigree. Ele não tinha um mestrado em teologia nem uma linhagem digna com que pudesse se gabar. No fim das contas, por causa do que ele *não* tinha, ele refletiu Aquele que era a sua meta.

Para alcançar as #metas associadas às características de um bom judeu, Pedro teria que se tornar mais parecido com Paulo. Mas, para que as metas do evangelho fossem alcançadas, Paulo teria que se tornar mais como Pedro. Paulo havia alcançado muitas metas, mas ele deveria abandoná-las para que pudesse ser mais como Jesus. Ele teria que rejeitar as coisas que antes pensava que o qualificariam, para poder alcançar aquilo que era verdadeiramente importante. Paulo continuou sua explicação:

> Mais do que isso, considero tudo como perda, comparado com a suprema grandeza do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor, por cuja causa perdi todas as coisas. Eu as considero como esterco para poder ganhar a Cristo e ser encontrado nele, não tendo a minha própria justiça que procede da lei, mas a que vem mediante a fé em Cristo, a justiça que procede de Deus e se baseia na fé. Quero conhecer a Cristo, ao poder da sua ressurreição e à participação em seus sofrimentos, tornando-me como ele em sua morte. (Filipenses 3:8-10)

O que Paulo havia conquistado não era errado. Mas não era a melhor meta. Não valia a pena gastar sua vida naquilo. Paulo estava dizendo: “Esta é a minha meta agora. Eu quero conhecer a Cristo. Eu fiz todas aquelas outras coisas. Eu conheci todas as outras coisas. Eu tive um sucesso que você não conseguiria imaginar. Eu atingi a marca, mas quando cheguei lá, descobri que eu não a queria. Então abri mão daquela meta e estabeleci uma nova: conhecer a Jesus”.

O que é mais interessante é que Paulo escreveu isso na prisão. Imagine um lugar de fraqueza! Aos olhos do mundo, ele havia caído em desgraça. Ele foi de fariseu a prisioneiro, do respeito à humilhação.

Mas para Paulo, finalmente ele estava vencendo. Ao contrário de autoqualificar-se, ele estava deixando Deus fazer isso por ele. E justamente as coisas das quais outras pessoas teriam vergonha, foram os fatores que o impulsionaram para o destino que Deus tinha para ele.

Mas as coisas ainda ficariam melhores. O versículo 12 diz: “Não que eu já tenha obtido tudo isso ou tenha sido aperfeiçoado, mas prossigo para alcançá-lo, pois para isso também fui alcançado por Cristo Jesus”.

As metas de Paulo haviam mudado. Impressionar as pessoas, provar seu valor, chegar ao topo — tudo isso não tinha mais o mesmo apelo. Sua vida agora se tratava de conhecer a Jesus e tornar-se tudo o que Jesus o havia chamado para ser.

Sua vida não estava mais direcionada a alcançar uma meta qualquer; agora era buscar *a* meta. Era continuar. Era conhecer a Cristo e ser encontrado Nele. Era ser qualificado por Deus para cumprir o chamado de Deus.

Eu acredito que a meta primária que Deus tem para nós nesta vida não é que *cheguemos*, mas que *alcancemos*. Que nós, assim como Paulo, estejamos mais focados na jornada de conhecer a Jesus e Sua vontade do que propriamente no destino. De uma forma bem real, a jornada é o destino e o processo é a meta.

É claro que temos destinos a curto prazo ao longo do caminho. Mas o destino supremo é o Céu. Uma vez que esta vida tenha acabado, chegaremos a um lugar de relacionamento completo com Deus, santidade completa e perfeição completa.

Mas nós ainda não estamos no Céu, meu amigo! Então, se fizermos da vida algo focado nos pontos de parada, nos pontos de vista e nos pontos altos, em vez de focarmos na jornada como um todo, perderemos muito do que a vida tem a nos oferecer.

A propósito, quando eu digo que a meta principal é que *alcancemos*, não estou falando de tentativas frustrantes e fúteis para conseguir algo que nunca teremos. Não se trata de gastar energia com algo fadado ao fracasso como agarrar o vento. Essa não foi a atitude de Paulo de forma alguma. *Persistir* ou *alcançar* está ligado à experiência contínua com Deus, ao longo desta vida que Ele sabia que culminaria na próxima vida. Ele falava a respeito da caminhada com Deus que caracterizou todos os grandes homens e mulheres das Escrituras.

Nas palavras do poeta inglês Robert Browning: “É indispensável querermos deitar a mão a mais do que podemos alcançar; se não para que serviria o céu?”[21]

Alcançar implica processo.

Alcançar implica mudança.

Alcançar implica relacionamento.

Alcançar implica dependência.

De muitas maneiras, o conceito de alcançar Jesus, caminhar com Jesus e conhecer a Jesus engloba tudo que estou dizendo neste livro.

Quem nos qualifica? E para quê?

Deus nos qualifica. Para a jornada e tudo o que ela envolve.

A solução para um desqualificado é conhecer Jesus. É aproveitar os altos e baixos e os fluxos e refluxos da vida junto a Ele. É encarar um futuro incerto, não com o orgulho que vem da autorealização, nem com o medo que vem da autodepreciação, mas com a confiança que vem de ter estado com Jesus.

Se você é um seguidor de Jesus, já possui tudo que precisa para ter uma vida produtiva, realizada e confiante.

Você já pode remover as máscaras e as armaduras. Já pode parar de comparar, manipular e fingir. Você pode parar de tentar convencer a si mesmo de que é capaz e competente apenas com seu próprio esforço.

Avance rumo à lacuna entre quem você é e tudo aquilo que Deus o chama para ser.

É lá que o crescimento acontece.

E é para isso que serve a graça.



Uma parte da janela de vitral da capela
Dora Maclellan Brown Memorial no Covenant College •
Lookout Mountain, Geórgia — EUA.

EPÍLOGO

Às vezes o processo criativo fornece um pequeno e inesperado presente para confirmar que estamos no caminho certo. Este livro passou pela escolha entre três títulos diferentes e por tantas opções de capas que cheguei a perder a conta. Isso não é algo anormal ou mesmo digno de destaque, mas, para mim, foi um pouco inusitado.

Depois do prazo ter terminado, em desespero absoluto, solicitei a Ryan Hollingsworth, o qual havia liderado a equipe de design de nossa igreja por quase uma década, que utilizasse uma imagem parecida com um vidro quebrado na capa do livro. Eu disse a ele que algo que lembrasse Moisés seria o ideal, já que este grande personagem iria aparecer no começo do livro. Eu queria principalmente ilustrar a minha citação favorita, uma de Leonard Cohen, que aparece no início do livro, pois resume a mensagem deste trabalho: “Há uma rachadura em tudo. É assim que a luz entra.”[22]

Quando eu abri o e-mail e vi a capa, da forma como aparece agora[NT][23], naquele momento eu percebi que este trabalho seria especial.

Mas, apenas na manhã seguinte, é que eu fui realmente compreender. Não era só isso, eu tinha a capa certa, mas também tinha escrito o livro certo.

Quando pedi a Ryan que me enviasse todas as informações que pudesse sobre o vitral que inspirou a obra de arte, ele me contou primeiramente o básico. Era uma parte de um vitral da capela do Covenant College.

Ele então me perguntou se eu me lembrava de ter pregado lá, por volta de 2005, em um acampamento de jovens onde ele era um dos conselheiros. A princípio, eu não lembrava, mas depois recordei claramente. E quando isso aconteceu, outra coisa também veio à minha memória. Aquele fora o lugar onde

Holly, a minha esposa, virou para mim em uma das noites e disse, após a minha pregação: “É hora de iniciarmos uma igreja”.

Eu argumentei com ela por horas, listando todas as razões pelas quais eu estava desqualificado: muito jovem, não me considerava bom o suficiente em administração, nem mesmo estava certo se eu poderia preparar um novo sermão toda semana — só para citar algumas.

Eu gostaria de poder dizer que eu nunca mais esqueci o quanto ela foi convincente comigo e que uma voz do céu havia confirmado tudo, dizendo: *“Esta é sua amada esposa, que é mais inteligente que você. Ouça o que ela diz”*.

Em vez disso, ela escutou pacientemente e olhou para mim como se nada daquilo tivesse importância, pois Deus havia falado comigo e Ele estava comigo, e ela também. Prontamente entendi a mensagem.

Cerca de um ano depois, nossa igreja nasceu.

Dez anos depois, ainda tenho a minha lista que relaciona “por que não sou qualificado”.

Moisés tinha sua lista. O mesmo aconteceu com Jacó. Você também tem.

Mas, como diz o velho bordão de pregações, assim como também aqueles que confiaram em Deus descobriram ao longo do caminho: Deus não chama os qualificados, Ele qualifica os que foram chamados.

Eu sei que é apenas uma capa de livro. Mas, para mim, as circunstâncias em torno dela foram uma janela por meio da qual pude lembrar que os caminhos de Deus são mais altos que os meus.

E ele ainda faz grandes coisas através de pessoas quebradas.

AGRADECIMENTOS

Obrigado, Holly, pelo presente da confiança. Obrigado, Elijah, por ter mudado o meu nome. Obrigado, Graham, por fazer o que deve ser feito. Obrigado, Abbey, por não deixar que os monstros apareçam. Obrigado, mãe, por colocar palavras em minha pessoa.

Justin Jaquith, foi um prazer fazer parceria com você. Você foi acima e além para ver isto acontecer. Obrigado.

Chunks e Amy, vocês me mantiveram prosseguindo neste projeto, como sempre fazem. Huey, seu otimismo e sua dedicação são preciosos como ouro.

Ryan, você é mais talentoso do que você pensa. Jess, Christy e Caroline, vocês são extraordinários.

Pastor Craig Groeschel, é provável que você tenha escrito três livros no mesmo espaço de tempo em que eu levei para escrever estes agradecimentos. Obrigado por ser um ótimo exemplo.

Alex, obrigado por ter a certeza de que este livro seria uma realidade.

Andrew, obrigado por trazer uma visão tão otimista quando você se envolveu com esta mensagem.

Carol, obrigado por mais esta edição cuidadosa e por ter eliminado formatações em itálico que pareciam estranhas.

Obrigado, Elevation Church, por apoiar o chamado de um pastor que nunca se sentiu qualificado.

Dr. John MacArthur, obrigado pela lembrança.

UMA JORNADA À PRESENÇA DE DEUS ATRAVÉS DAS ÚLTIMAS PALAVRAS DE JESUS



inspire

LOJAINSPIRE.COM.BR

NOTAS

[1]NT: *Dash* significa hífen, em inglês.

[2] Bob Dylan, entrevistado por Ed Bradley, "Dylan Looks Back," *60 Minutes*, CBS, December 5, 2004, www.cbsnews.com/news/dylan-looks-back/.

[3] *Shrek*, dirigido por Andrew Adamson e Vicky Jenson (Universal City, CA: DreamWorks, 2001), Dublado pelo estúdio Double Sound (RJ) 2001.

[4] Cecilia Giménez, citação em Reuters, "Amateur Art Restorer Admits to Damaging Ecce Homo Mural —Video," *The Guardian*, August 22, 2012, www.theguardian.com/artanddesign/video/2012/aug/23/art-restorer-ecco-homo-mural-video. Para outros detalhes, veja John Hall, "Elderly Woman Destroys 19th-Century Spanish Fresco by Elias Garcia Martinez in Botched Restoration," *The Independent*, August 22, 2012, www.independent.co.uk/arts-entertainment/art/news/elderly-woman-destroys-19thcentury-spanish-fresco-by-elias-garcia-martinez-in-botched-restoration-8073267.html.

[5] Richard Rohr, *Following the Mystics through the Narrow Gate: Seeing God in All Things* (Albuquerque: Center for Action and Contemplation, 2010), CD-ROM.

[6]NT: Ou *The Brady Bunch*, série de televisão dos Estados Unidos dos anos 70.

[7]NT: OMG *(Oh my God)*, gíria muito utilizada na internet.

[8] A. W. Tozer, *The Knowledge of the Holy* (New York: Harper-One, 1978), 1.

[9] J. I. Packer, *Knowing God* (Downers Grove, IL: InterVarsity,1973), 19.

[10] Gretchen Rubin, *Better Than Before: Mastering the Habits of Our Everyday Lives* (New York: Crown Publishers, 2015), 30.

[11] Oswald Chambers, *My Utmost for His Highest* (Grand Rapids: Discovery House, 1992), April 19.

[12] Prince, "Clouds," AZLyrics, www.azlyrics.com/lyrics/prince/clouds.html.

[13] Axl Rose, "Breakdown," Guns N' Roses, Use Your Illusion II, Lyrics © Universal Music Publishing Group, 1991.

[14] "Pinterest," PC Magazine, www.pcmag.com/encyclopedia/term/64546/pinterest.

[15] C. S. Lewis, *Mere Christianity* (New York: Macmillan, 1960), 109.

[16] "Lance Armstrong & Oprah Winfrey: Interview Transcript," January 18, 2013, BBC, www.bbc.com/sport/0/cycling/21065539.

[17] "Lance Armstrong & Oprah Winfrey."

[18] "Lance Armstrong & Oprah Winfrey."

[19] Justine Harman, “The Problem with #Goals,” *Elle*, www.elle.com/culture/tech/a27375/problem-with-goals-social-media/.

[20] “Winfrey’s Commencement Address: The Key to Life Is to Develop an Internal oral, Emotional G.P.S.,” May 31, 2013, *Harvard Gazette*, http://news.harvard.edu/gazette/story/2013/05/winfreys-commencement-address/.

[21] Robert Browning, “Andrea del Sarto,” www.poetryfoundation.org/poem/173001.

[22] Shanna Crooks, Mike Strange, e Leonard Cohen, “Anthem,” from *The Future*, Sony/ATV Songs LLC, Stranger Music Inc., 1992, www.azlyrics.com/lyrics/leonardcohen/anthem.html.

[23]NT: o autor refere-se à capa original do livro em inglês.